Série

DARKE ACADEMY

VIDAS SECRETAS

GABRIELLA POOLE

novo século®

Darke Academy 01

Secret Lives

Gabriella Poole

After Dark

Sinopse

VOCÊ MORRERIA PARA SE JUNTAR AOS ESCOLHIDOS?

Os *Escolhidos* chamam a atenção de Cassie Bell logo em seu primeiro dia de aula na *Academia Darke* — um colégio composto por membros da elite e que muda, a cada semestre, para uma nova e exótica cidade em qualquer parte do mundo. Eles parecem guardar um segredo tão perigoso, que descobrir a verdade pode dar um fim à vida de Cassie.

Uma história repleta de mistério, com personagens envolventes e surpreendentes, que está conquistando rapidamente leitores ao redor do mundo.

A escuridão era intensa, o frio apertava. Cassie fechou os olhos e abriu outra vez, mas não fez a menor diferença. [...] O coração de Cassie acelerou.

— Richard? — a voz dela ecoou sinistramente.

— Está tudo bem, estou aqui. Espere um segundo.

Com o clique de um isqueiro Zippo, uma chama se formou. [...] A porta estava complemente fechada atrás deles, mas a escuridão além da chama continuava para baixo, onde a vista não alcançava. [...] Cassie prendeu o ar, esforçando-se para ouvir. Seriam vozes baixinhas ou... Passos? Coisa estúpida de se pensar. Ela esfregou os braços bruscamente.

— Isto é... Incrível. Mas não tenho certeza se amo.

— Espere. Há luz, de verdade. Se puder achar o... Ah. Deixe-me passar.

Eles se apertaram para ele passar por ela na câmara estreita e ele se virou, sorrindo para ela cheio de expectativas à luz da chama do Zippo.

— O interruptor? — ela se antecipou.

Uma explosão de dor invadiu sua cabeça. Seu corpo inteiro deu um tranco para frente. O chão de pedra veio com tudo ao seu encontro. E até mesmo a última luz, da última pequena e resistente chama, se apagou.

Prólogo

— Oi, é você?

Com esperança, ela tentava enxergar na escuridão. Seus batimentos cardíacos aceleravam.

Nenhuma resposta.

Um leve ruído veio do arbusto; um zumbido de mosquito. Decepcionada, mudou de posição na parede do antigo templo e abraçou os joelhos. Enfim, nenhum passo. Apenas alguma criatura da noite. Bem, ele a havia avisado que poderia se atrasar.

Espere por mim! Espere por mim, Jess. Eu estarei lá.

Ela se permitiu dar uma risadinha. Claro que ele viria. Eram como dois ímãs. Ele podia achá-la imediatamente, em qualquer multidão, em qualquer sala de aula, e não a perderia agora, ainda mais no escuro. Ela ia brigar um pouco com ele por estar atrasado; o sorriso dele, assim como a linda voz, faria seu coração mudar de ideia.

Eu te amo, Jess. Não ria. Eu juro.

Nenhum garoto podia fingir tão bem, especialmente ele. Ele viria.

Franzindo a testa, ela levantou o pulso em direção ao luar para tentar ver as horas. Dez minutos se tornaram vinte. E daí? Não pareceria tanto se fosse à luz do dia. Não pareceria tanto tempo se estivesse em um bar lotado e barulhento. Aqui, na escuridão assustadora das ruínas do antigo templo, era fácil se assustar. Só isso.

Vamos lá.

Escorregando pela parede abaixo, ela pisou firme com os pés, passou as mãos nos braços. Estava toda arrepiada, mas não era de frio. Outro mosquito zumbiu em seu ouvido e ela, irritada, o acertou.

— Peguei!

Ok, ela começava a ficar brava agora. *Um pouco atrasado* não significava que ele tinha o direito de deixá-la plantada no escuro por trinta minutos! Era para ser uma voltinha romântica, não um teste de nervos. Mas era melhor ficar brava com ele... Se não ficasse brava, ficaria com bastante medo, sozinha naquela escuridão silenciosa. Ou não tão silenciosa. Ela virava a cabeça rapidamente, quando um galho seco se quebrava ou ao ouvir o barulho do balanço das folhas, um rato enorme passou. Ela ficou toda arrepiada.

Ela teria gostado do lugar, se fosse dia. O verde exuberante da selva, as raízes gigantes que abraçam as lindas paredes desgastadas; calor, vida e mistério. Não era tão legal no escuro, na penumbra da lua que transformava qualquer árvore grande em um monstro e cada animal desconhecido em algo assustador que a perseguiria.

Quarenta e sete minutos!

Hora de ir. Ele teve uma chance e a desperdiçou ao fazê-la de boba. Ah, ela ia dar um sermão nele... Ela começou a andar decidida, então parou. Não, não... Ela não ia passar pelo rato gigantesco. Tremendo, engolindo em seco, deu dois passos para trás e se virou. Barulho da floresta, galhos quebrando... Devia ser o vento.

Não ventava.

Então, outro rato enorme apareceu em sua frente. Tudo bem. Teria de passar por ele, e ele correria assim que a ouvisse chegando. Era só um rato, pelo amor de Deus. Ou uma cobra. Ou...

Vai logo, Jess!

Ela deu mais um passo, quando notou um movimento. Não era um rato, nem uma cobra. Era grande, de seu tamanho. Uma sombra movendo-se rapidamente pelo emaranhado de folhas e galhos. Ao dar um passo para trás e depois outro, a sombra se moveu em sua direção respirando, de forma calma, confiante e humana.

— É você? — ela perguntou. — Ei! Pare de bobagem!

Sem resposta.

— Estou falando sério! Pare! — ela tentou parecer zangada, mas sua voz saiu trêmula e aguda. — Não tem graça.

Aquele som deve ter vindo das folhas apodrecidas e úmidas, que se movimentaram quando uma criatura passou por ali. Ou pode ter sido uma risada alta e grave.

Não poderia ser ele. Não poderia.

De qualquer forma, eram dois. Ela sentiu o outro se aproximando pela sua direita, devagar e perigosamente. Mais uma vez ela tentou gritar, mas ao abrir a boca o grito veio provocado por um terror profundo.

Ela se virou e começou a correr, titubeando. Era muito difícil achar o caminho assim no escuro. Videiras e folhas batiam em seu rosto, os galhos a puxavam, as raízes se prendiam em seus pés. *Era este o mesmo caminho que tinha usado para chegar até lá?*

Caminho? Não era um caminho. Ela havia perdido o caminho e corria sem enxergar por entre as árvores. Seu coração batia tão alucinadamente que ela sentia como se ele estivesse na boca, mas ainda podia ouvi-los em seu encalço, ou talvez apenas pudesse senti-los. Eles estavam atrás, ao lado dela, encurralando-a. Que ideia estúpida. Mas eles estavam. Encurralando-a...

Ela deslizou por uma pequena inclinação, esbarrou em uma raiz enorme, onde se escondeu. Mordendo seus dedos da mão com força, tentou não chorar. Ok, ela só queria estar em sua casa agora.

Mãe, isso é loucura. Não é real, então, pode entrar e me acordar agora. Pai pode rir da minha cara, diz que foi um sonho. Scoob...

Scooby. Ela lembrou-se dele quase explodindo de orgulho, enquanto acenava com descaso para ela, em seu primeiro dia na emocionante escola nova.

— Tchau, irmãzinha!

— Tchau manezinho! Quer dizer, pequeno maninho! — acenava com um sorriso amarelo.

Scooby... Isso foi um som?

Ela respirou profundamente. Acima dela, as construções do antigo templo eram contornadas pela luz prateada do luar. Uma raiz de árvore abraçou o pilar como os braços de um namorado. Como os braços *dele.*

Onde ele estava? O que aconteceu com ele?

Raízes, caules, troncos... Tudo rastejava pelas paredes antigas, sufocando, abraçando, estrangulando. Algo se moveu nas folhas perto de seu ouvido e ela quase gritou, mas a tempo pressionou a mão contra a boca. *Isso é bobagem,* pensou ela novamente. Loucura. Se não fosse um sonho, só podia ser uma brincadeira. Uma brincadeira sem graça.

Seu corpo não sentia o mesmo. Estava ensopada de suor: da umidade, da corrida, do terror. Um mosquito zumbiu novamente o que a fez bater contra sua própria face, segurando o grito. Era apenas um inseto. Alguma coisa muito pior se escondia nas ruínas. Caçando...

Não entre em pânico, ela pensou. *Fique calma.* Havia videiras espessas e emaranhadas atrás dela, bem como o centro preto de uma porta antiga cuja madeira já estava, há muito tempo, apodrecida. Ela entrou no recinto, chutando tudo freneticamente até que as folhas viscosas a cobrissem pela metade. Já não tinha mais medo dos ratos ou das cobras, ou até mesmo das aranhas. Nada mais a assustava.

Exceto *eles.*

Ela ficaria ali, aconchegada nas ruínas, até o amanhecer. Estaria encrencada, ririam dela, mas e daí? Mais algumas horas e aquele lugar estaria cheio de turistas. Até lá, ela provavelmente riria de si mesma. Neste momento os mesmos turistas estavam dormindo em algum hotel com ar-condicionado, sonhando com o dia seguinte e com Angkor Wat, o templo da antiguidade, de uma civilização inundada pela natureza bruta. Imensidão e beleza, santidade e pavor. Tão romântica e misteriosa para um turista ou um estrangeiro. Algumas horas. Não era tanto tempo para esperar.

Agora havia vozes na noite: distintas, baixinhas, mas tensas com a emoção da caçada. Talvez não devesse esperar. Talvez pudesse correr agora. Não conseguia decidir. Esfregou as têmporas com muita força.

Sua idiota, o que mesmo está fazendo aqui? Você nunca se enquadrou de verdade.

Um agitar de asas tocou seu rosto. Ela deu uma tapa na barata, mas apenas conseguiu jogá-la em seu pescoço. A barata correu por seu peito e ela gemeu em voz alta. Batendo as palmas das mãos contra o próprio peito, ela sentiu o inseto explodir em uma gosma preta com fragmentos do casco. Ela choramingou fazendo um barulho agudo.

A gosma grudenta da barata tornou tudo real. Não era um sonho. Alguma coisa lá fora estava à sua caça, e era mais real que sua escola, sua casa e *ele*. Claro que *ele* não tinha vindo. Quem ela pensava que era? Uma bolsistazinha patética e idiota. Ele a havia deixado lá sozinha e, agora, *eles* estavam vindo.

Há apenas 24 horas estiveram juntos embebedando-se pelas ruas de Phnom Penh. *Apaixonados,* ela havia pensado, e muito entusiasmados em voar para Siem Reap e Angkor Wat. Ela se lembrou dele rindo alto, e dos dois torcendo pela divertida melhor amiga dela, enquanto esta fazia poses e cantava *It's Raining Men*[1] no bar de *karaokê.* Empolgada por sentir-se feliz, virou-se para acariciar de leve as maçãs do rosto dele com as pontas dos dedos. Ela o amava.

Ela parou. Agora nítida, uma voz próxima e faminta. Uma voz familiar, mas não o de um amigo. Não estava cantando, flertando ou brincando, mas, sim, uivando para ela. Perto. Muito perto. E ela tinha certeza disso e conhecia aquela voz. Ela devia correr, mas seu sangue corria como gelo líquido em suas veias.

— Por favor... Por favor... Por favor... Por favor...

As vozes e um hálito frio estavam em seu ouvido.

— Te peguei!

Apenas por um momento, por um momento de esperança e loucura, ela pensou que estava tudo bem. Sim, foi tudo uma brincadeira sem graça. Uma brincadeira cruel. Humilhar a menina que não se enquadrava.

[1] It's Raining Men é uma canção original mente gravada por Weather Girls, em 1982, e regravada por Geri Halliwell, ex-Spice Girls, em 2001 (NT.).

Ai, graças a Deus.

Ela cheirava a pele e suor, experimentou o gosto de adrenalina e o medo no ar.

— É você — sussurrou com a voz rouca.

Um sorriso, uma mão se estendendo para acariciar o rosto dela.

— Não exatamente.

E então ela os viu claramente.

Ela gritou e correu para fora das ruínas, voltando para a floresta. Ela ouvia pés correndo, com a respiração ofegante, o hálito faminto. Viu uma figura rapidamente passando por entre as árvores; sentiu o cheiro do seu próprio terror. E ela corria.

Mesmo assim, ela sabia que jamais poderia correr rápido o suficiente.

Capítulo 1

Eu não pertenço a este lugar.

Cassie Bell parou repentinamente, quase tropeçando em uma mulher atrás dela.

— *Merde! Imbècile!*

— Desculpa!

Chacoalhando brilhantes sacolas de compras, a mulher saiu pisando firme, olhando por cima dos ombros e xingando novamente.

O temperamento de Cassie inflamou.

— Desperdício de saliva! — ela gritou. — Eu não falo francês!

Ou a mulher não escutou ou não se importou. Cassie se sentiu diminuída, mais uma vez.

— Ai, inferno — sussurrou. — Eu *realmente* não pertenço a este lugar.

Os edifícios a sua volta eram exatamente como aquela mulher: altos, presunçosos e elegantérrimo. O ar era inebriante e rico, uma vaga combinação de perfume caro, alto verão e fumaça de escapamentos. Até mesmo o nome da rua zombava dela, já que mal podia pronunciá-lo.

Rue du Faubourg Saint-Honoré![2]

O que ela estava fazendo numa rua com aquele nome? O que a havia feito pensar que aquilo seria uma boa ideia? Seus tênis de segunda mão deviam ser

[2] Nome da rua a que ela se refere.

uma afronta para as pedras do pavimento. Ela pertencia a Cranlake Crescent, que gostava de chamar de "proteção". Ela não pertencia a Paris.

Tirando do rosto seu cabelo castanho e com mechas, Cassie deu uma olhada no pedaço de papel em sua mão. Considerando que tinha chegado até ali, depois de todo o percurso desde *Gare du Nord*[3], seria meio embaraçoso se não conseguisse achar a escola, mas ela esperava algo impossível de não se notar, em termos de arquitetura. Havia algumas mansões enormes na rua, escondidas por muros imponentes e portões de ferro fundido. A rua fedia a dinheiro, mas não tinha muita coisa diretamente à mostra, exceto as butiques que ela havia visto e a deixaram de queixo caído.

Pensando bem, talvez fosse melhor se ela não conseguisse encontrar a escola. Isso seria uma desculpa boa o suficiente, porque isso era um grande erro. Tudo certo, ela teria de fugir para casa em Cranlake Crescent, parecendo uma idiota. Tudo bem, ela teria de digerir as piadinhas das outras crianças, os sorrisinhos metidos de "eu te avisei" da odiosa Jilly Beaton. E, pior, ela teria de enfrentar o desapontamento e a tristeza no olhar de Patrick — que ele não seria capaz esconder. Mas ainda seria melhor do que fazer papel de boba, dessa forma...

Seu coração pulou.

Cassie mal tinha percebido que ainda estava andando, arrastando sua mala detonada. Ela não percebeu o que a fez dar uma olhada no final da rua, bem naquele momento. Atordoada pelo pânico de sentir-se deslocada, ela devia estar em piloto automático, pois estava encarando a placa de metal reluzente no pilar de pedra: *Academia Darke.*

Nada mais convidativo como: "Favor tocar campainha". Uma campainha de sino pequena numa pedra mais abaixo. Tudo parecia muito pouco explicativo. Cassie teria ficado desapontada se não pudesse ver uma pequena parte do edifício — os imponentes pilares de pedra, a faixada em forma de arco, e a curva de uma estátua em verde-bronze meio escondida no pátio —, por trás dos elaborados portões de ferro trabalhado.

Engolindo em seco, Cassie apertou os dedos segurando a alça gasta de sua mala. Ela desceu da calçada, batendo as rodas cambaleantes da mala bem atrás dela. Sua mala.

[3] A Gare Du Nord é uma estação de trem localizada ao norte de Paris, na França (N.T.).

E o que tinha dentro da mala? A carta que dizia que este era o lugar dela. Dizia que Cassandra Bell, de todas as pessoas improváveis, era boa o suficiente para uma bolsa de estudos na *Academia Darke.* A breve carta foi escrita em um papel caro e grosso, parecido com pergaminho. Mesmo porque um papel barato estaria em mil pedaços agora, pois tantas foram as vezes que ela dobrou e desdobrou a carta, embriagando-se com as palavras até que ficassem definitivamente gravadas em seu cérebro. Agora, a carta estava cuidadosamente guardada em seu caderno com capa de couro, que Patrick lhe havia dado como presente de despedida — caderno que deve ter custado uma boa parte do seu salário de conselheiro.

Então, o que ela iria fazer? Jogar o caderno nele, pedir desculpas e dizer que era um fracasso antes mesmo de chegar à escola? De jeito nenhum. A carta confirmava. Ela era aluna da *Academia Darke!*

Com um sorriso artificial, Cassie atravessou a rua correndo, com a mala cambaleando atrás dela. Um motorista brecou bruscamente e gritou com ela, que alegremente lhe mostrou o dedo.

Ela tinha o direito de estar ali. Ela iria se enquadrar. E, além disso, iria amar tudo aquilo. Com falta de ar, ela deixou seu dedo indicador quase encostar no botão da campainha. *É isso,* pensou. *Lá vai...*

Ela recuou, ficou surpresa. Os portões já estavam balançando para abrir, de forma silenciosa e suave. Ela cerrou os punhos e mordeu os lábios. Ela não havia tocado a campainha.

— Cuidado!

Uma mão tocou-a no ombro e a puxou para trás, enquanto um carro preto, comprido e lustroso, subiu delicadamente sobre a calçada e adentrou nos portões. Cassie teve a impressão de que nada teria impedido o avanço silencioso do carro, nem mesmo um pedestre mais descuidado.

A mão soltou Cassie bruscamente. Quando ela se virou, sorridente, o dono da mão deu um passo para trás. Era um garoto com mais ou menos a sua idade, alto e de ombros largos, cabelos castanhos e bem curtos. Ele tinha um ar saudável, do tipo de pessoa que gosta de ficar ao ar livre, então ela duvidou que ele normalmente fosse tão pálido. A expressão no lindo rosto dele era de

alguém em choque; parecia que todo o sangue dele tinha escorrido para dentro de seus tênis detonados.

— Obrigada — disse ela, para quebrar o silencio ainda pelo choque.

Ele não respondeu. Em vez disso, deu meia volta e seguiu em frente sem dizer nenhuma palavra e desapareceu pelos portões da Academia. Cassie olhou fixamente.

Machão, rude e americano.

Não era apenas o sotaque arrastado que o tinha entregado, mas também as roupas desleixadas e seu jeito de andar soberbo com passos largos e firmes. Bem, ela estava feliz por não ser a única a usar *jeans* não propositadamente rasgados. Nervosa novamente, ela respirou fundo.

Entre, Cassie! É o lugar ao qual pertence, lembra-se?

Cassie deu um sorriso forçado. Era como se pudesse ouvir a voz de Patrick bem dentro de sua cabeça. Antes que os portões começassem a se fechar, ela puxou sua mala com força por entre eles até o pátio.

Uau!

O lugar era enorme. Muito maior do que parecia quando observava da rua. A luz do sol atravessava a castanheira, refletindo cores nos azulejos brilhantes e gastos pelo tempo. O caminho pavimentado se curvava em um enorme círculo em volta do lago, que era verde com samambaias e plantas exóticas com muitas folhas, cujas raízes expostas pareciam rastejar como serpentes contorcidas. No centro do lago, ficava a estátua que ela havia avistado: uma menina magra nas pontas dos pés, em bronze, esticando seus braços encantadoramente e inclinando seu rosto para um cisne. No entanto, não havia nada de encantador no cisne. Seus pés, como uma teia, prendiam o corpo da menina como garras; as asas se arqueavam sobre a garota; o pescoço do cisne e sua cabeça selvagem se esticavam tal qual uma cobra prestes a atacar. Parecia brutal e triunfante.

Cassie sentiu um arrepio percorrer seu corpo. Ela sempre havia pensado em cisnes como pássaros serenos, delicados, e lindos em lagoas... Este não. A estátua era bonita, mas perturbadora.

Ela se virou para um grupo de alunos que fofocavam, falando alto pela empolgação do novo semestre na escola. Cassie engoliu em seco. Cada um deles exalava riqueza e beleza. Ao soprar uma mecha de cabelo de seu rosto, ela desejou que tivesse dinheiro para investir num corte de cabelo da moda.

Droga!

Ela deveria ter *conseguido* esse dinheiro. Deveria ter vendido sua alma ao diabo, ou algo assim.

Quando arriscou um sorriso, os alunos se viraram com desdém. Uma garota japonesa deu um riso seco e incrédulo, antes de se virar para sua amiga e murmurar alguma coisa que fez com que as duas dessem risadinhas. Como o resto dos alunos, elas tinham um brilho arrogante de dinheiro e classe. Do menino americano desleixado não havia sinal.

Um sentimento forte de raiva se formou no estômago de Cassie, e ela segurou sua mala com ainda mais força. A carta. Estava lá. A sua carta. A sua bolsa de estudos. Esse pessoal tinha comprado o lugar deles. Ela tinha conquistado o dela. Ela não ia desistir disso. De forma alguma.

A limusine preta estava estacionada no começo da escada e o motorista estava abrindo a porta traseira; tinha óculos de sol protegendo suas expressões. Cassie assistiu, esperando cinicamente que desembarcasse mais um garoto rico e mimado. Em vez disso, uma mulher mais velha surgiu frágil e linda, como uma flor que perdeu o viço.

Cassie nunca tinha imaginado que alguém tão velho pudesse ser bonito, mas essa mulher era. Frágil e inacreditavelmente magra como uma teia de aranha, mas impressionantemente encantadora. Se for isso o que a vida em Paris faz por você, Cassie não ia apenas suportá-la, mas, sim, ficar para sempre.

O sorriso no rosto da senhora morreu assim que o motorista da limusine fechou a porta com um empurrão suave e voltou ao assento da direção.

Ele nem ia ajudar a velha senhora a subir os degraus? Que tipo de chofer era ele?

Cassie olhou fixamente para ele, depois para seus colegas de escola, que não haviam dado a menor conta da presença da senhora.

— Inacreditável — disse Cassie, bem alto.

Largando sua mala nos pés da escada, ela se aproximou da mulher.

— Precisa de ajuda?

Lentamente, muitíssimo lentamente, a senhora virou sua cabeça. Cassie quase recuou. A mulher se apoiou em sua bengala trabalhada em prata, como se aquilo fosse tudo que a fazia ficar em pé, ainda assim, não havia nada de fraqueza em seu olhar firme. Os olhos da senhora brilhavam intensamente. No entanto, não eram hostis. Eram mais como... Se estivessem a avaliando.

A pele da senhora era como porcelana levemente trincada, translúcida e com linhas. Seu cabelo totalmente branco estava preso em um coque. Os ossos da sua face deviam ter sido esculpidos em granito, com todo cuidado. Cassie engoliu com dificuldade.

— Quero dizer, se preferir que não o faça... Não quero parecer...

Os lábios pálidos se fecharam.

— Esta se oferecendo para me ajudar, mocinha?

— Bem, sim — Cassie inquietou-se, sentindo-se estúpida.

— Que encantador da sua parte! — a frieza imperial se derreteu em um sorriso reluzente. — Posso segurar no seu braço?

Estranhamente, Cassie deu seu braço, e dedos tortos pela idade envolveram seu bíceps. Por um instante, Cassie pensou no cisne do pátio, cujos pés prendiam o corpo da menina como se fossem garras. Então, ela mesma se chacoalhou e riu. Atrás delas, era possível ouvir o ronronar de um motor potente, semelhante a um leopardo, e o carro preto partiu.

— É tão bom ter um corpo jovem — sussurrou a senhora.

— O quê? — Cassie piscou. — Quero dizer... Perdão, o que disse?

— Um corpo jovem — ela sorriu —, para me ajudar. Você é muito gentil.

Ela segurava no braço de Cassie com uma força surpreendente, mas o resto da mulher era leve como folha. Cassie tomou cuidado ao subir os degraus com ela. Parecia haver muitos deles.

— Treze degraus — a mulher meditou, como se estivesse lendo a mente de Cassie.

Pausando para tomar fôlego, ela olhou para a fachada clássica da escola.

— Faz tanto tempo desde que estive aqui pela última vez, mas me lembro desses degraus como se fosse ontem. Você é nova, minha querida, não é?

— É tão óbvio? — Cassie abriu um largo sorriso.

O sorriso da senhora soou como um sino suave.

— Sim, mas no bom sentido. Siga meu conselho, hã...?

— Meu nome é Cassandra, mas todo mundo me chama de Cassie.

— Cassandra! Adorável. Eu a chamarei de Cassandra. Sou Madame Azzedine, mas você me chamará de Estelle. E meu conselho é que deve aceitar tudo o que a Academia tem a oferecer.

Hesitando novamente, Madame Azzedine virou-se para a menina, com intensa empolgação.

— Esta é a melhor das escolas. Na verdade, a Academia é muito mais que uma escola. Tire o máximo de tudo que a escola pode te proporcionar, e isso mudará a sua vida. *Para sempre.* Você me entende?

— Er... Sim.

Madame Azzedine deu uma risada aguda.

— Eu acho que talvez você não entenda. Não perfeitamente. Mas você aprenderá minha querida. Você aprenderá muito. A Academia pode mudar a sua vida.

Elas estavam a apenas alguns degraus do topo agora. A senhora estava respirando rápida e superficialmente.

— É isso que quero.

Cassie quase quis colocar a mão sobre aquela que agarrava seu braço. Mas ser sentimental e ficar pegando nas pessoas não era de sua natureza, não importava o quão forte tinha sido sua empatia instantânea por essa mulher gentil e altiva. De qualquer forma, ela não iria colocar suas unhas roídas perto daquela mão fina e perfeitamente benfeita.

Madame Azzedine colocou a mão no peito por um momento para tomar fôlego.

— O que é Cassandra? O que você quer?

— Eu quero dar uma guinada na minha vida...

— *Dar uma guinada?*

Assim que chegaram ao topo da escada, Madame Azzedine soltou o braço de Cassie.

— Não! A Academia vai ensiná-la a conquistar a vida, a submetê-la a você, a dobrá-la à sua vontade. Os verdadeiros graduados pela *Academia Darke* tomam as rédeas de suas vidas, Cassandra! Lembre-se disso!

Um arrepio estranho percorreu-lhe a espinha, mas Cassie concordou com a cabeça e deu um sorrisinho.

— Eu irei — disse ela. — Eu irei!

Sorrindo, Madame Azzedine apertou as duas mãos de Cassie.

— Bom!

Uma tossida veio da entrada escura da porta, e Cassie quase saiu de seu corpo de susto.

— Madame, seja bem-vinda — um homem baixinho e troncudo, usando uniforme sombrio inclinou a cabeça. — Sir Alric está esperando pela senhora.

Ela riu alegremente.

— Mas é claro que ele está! Com licença, Cassandra, querida. E boa sorte.

— Obrigada, Madame Azz... Er... Estelle — murmurou Cassie.

— E que você tenha anos muito, muito recompensadores na Academia — Madame Azzedine deu-lhe um sorriso satisfeito. — Tenho certeza absoluta de que terá.

Capítulo 2

Cassie assistiu a velha senhora se afastar, caminhando com certa dificuldade. Ela havia gostado da Madame Azzedine. Muito. O problema era que... Oh, pelo amor de Deus. O problema era que Cassie estava além de sua compreensão. *Pobre senhorinha deve ter uns cem anos, por alto.* Quantos anos ela pensava que Cassie tinha? Madame Azzedine poderia parecer fabulosa para sua idade, mas estava perdendo um pouco da razão. Ela não era alguém a ser temida. Era elegante e confiante; isso era tudo. Já era hora de Cassie aprender a ser da mesma forma.

Ainda assim, Cassie pensou mal-humorada, *pelo menos a senhora sabia se comportar como um ser humano, ao contrário dos funcionários dali*. O porteiro, ou seja lá o que fosse, nem ao menos ofereceu uma ajuda à senhora. Aquele brutamonte com cara de bravo simplesmente a acompanhou, enquanto ela andava com dificuldade pelo amplo corredor em estilo barroco. Momentos depois, não era mais possível ver os dois.

Cassie deu de ombros. Não tinha nada a ver com aquilo. Ao lembrar que sua mala ainda estava ao pé da escada, ela se virou e desceu rapidamente, com passos leves, e até se sentindo um pouco mais aliviada. Mas ela logo voltou a se sentir preocupada. Um pequeno grupo tinha se juntado ao redor de sua mala abandonada e, quando Cassie se aproximou, a garota japonesa lhe sorriu cinicamente com o canto da boca.

— Talvez devêssemos chamar os *gendarmes*[4] — disse em voz alta —, quero dizer, pode ser uma bomba.

— Ah, Keiko. Eu acho que até mesmo terroristas têm um pouco mais de classe.

Quem disse isso foi um garoto americano, mas não poderia ser mais diferente do rapaz que Cassie tinha visto antes. Este usava óculos de grife,

[4] *Gendarmes* são os guardas da polícia francesa (N.T.).

sapatos de couro, calças chino[5] impecáveis e uma camisa polo com um logotipo reconhecidamente caro. Parecia que ele tinha exercitado consideravelmente seu cartão de crédito na avenida ao lado.

— Agora, Perry — disse lentamente um menino inglês, com as mãos casualmente em seus bolsos —, não seja insensível. Existe algo chamado hippie-chique.

Keiko tampou a boca para esconder o riso.

— Richard, que esnobe. Os pobres estão sempre conosco, lembre-se disso.

— Agora é você quem está sendo rude, Keiko — disse Perry, cutucando a mala de Cassie com os dedos dos pés. — Afinal, os pobres têm certo charme da classe trabalhadora. Mais ou menos... Como dizem os franceses? *Petit bourgeois*[6]*?*

Richard arqueou uma sobrancelha tão alto que a escondeu em sua franja caída.

— Ah, gringo. Quem está sendo mesquinho agora?

Por mais ou menos três segundos, Cassie quis engatinhar até o buraco mais próximo e sumir. O impulso passou e o sentimento de raiva em chamas voltou à tona. Ela respondeu com voz firme, de forma espetacular:

— Tire suas mãos das minhas coisas!

Enquanto pulava os últimos degraus, ela empurrou a japa para o lado. Keiko parecia completamente furiosa, mas Cassie havia brigado uma ou duas vezes no passado. Ela cerrou os punhos; podia dar conta dessa metida nojenta. Perry, o americano, deu um passo para trás, respirando de modo tão agudo, que quase soou amedrontado, mas Richard apenas dobrou os braços, sorrindo.

— Isso há de ser bom — sussurrou.

[5] As calças chino foram originariamente produzidas na China e chino é o termo espanhol para chinês. São feitas de algodão, uma espécie de sarja, e se tornaram populares nos EUA em 1900, após a Guerra Hispano-Americana. (N.T.)

[6] Pequeno burguês, em francês (N.T.).

Cassie ficou tensa, preparada caso Keiko pulasse em seu pescoço, mas depois de um momento a linda garota sorriu.

— Eu nunca toquei em suas "coisas", bolsista. Eu não sujaria minhas mãos.

As unhas roídas de Cassie perfuravam as palmas de suas mãos. Nossa, ela adoraria tirar o sorrisinho de Keiko com um soco. Mas era óbvio que a pequena megera presunçosa não toparia algo tão *bourgeois* quanto uma briga de socos. De qualquer forma, eles iriam adorar se ela fosse expulsa logo em seu primeiro dia.

De jeito nenhum. Não vale a pena.

— Ok — Cassie ferveu de raiva —, agora você *provou* que sou melhor do que você.

— Meu Deus — disse Perry —, como você ousa falar assim com Keiko?

— Ah, gosto da ousadia dela — falou Richard lentamente, dando uma piscadinha para o garoto americano. — Isso poderia ser divertido! Agora, gringo, cai fora. Isto é assunto para os *Escolhidos*.

A dispensa foi tão categórica que Cassie esperava que Perry discutisse, mas ele se afastou obedientemente e, depois de dirigir um último olhar zangado a ela, virou-se e subiu os degraus para a entrada da escola.

Richard passou amigavelmente um braço pelos ombros dela. Cassie queria torcer o braço dele e empurrá-lo com força, mas podia sentir que ele era bem forte. Um combate de luta livre dificilmente seria divertido, especialmente se ela não tivesse garantia de vencer.

— Venha aqui, agora, er... Qual é o seu nome?

— Cassie Bell — ela murmurou.

— Bem, Cassie Bell, anime-se. Todos nós queremos que você aproveite o seu tempo aqui. Perry e Keiko estão fazendo uma pequena brincadeira. Não muito engraçada, garanto.

Ele recebeu um olhar de raiva de Keiko por ter dito aquilo.

— Mas você terá de engrossar a casca. Isto é, se quiser sobreviver aqui.

Cassie reprimiu uma resposta afiada. O problema era que ela não tinha certeza de nada. Talvez esse realmente fosse o jeito que os estudantes da elite se comportavam; como ela iria saber? Ela não sabia como se comportar, também não sabia o que fazia ali. Ela não pertencia aquele lugar...

— Você quer se enquadrar, não quer? — a voz de Richard era suave ao ouvido dela. — Eu sei o que é melhor para você, acredite em mim.

— Ei, *inglês*!

A voz insolente tinha um sotaque que Cassie não conseguiu distinguir. Um segundo depois, uma garota os atingiu como um tornado de energia, tirando o braço de Richard do ombro de Cassie com uma tapinha de brincadeira. A garota era alta, jovem e esbelta, seu cabelo era escuro, com cachos grandes e brilhosos. Seus olhos castanhos eram pungentes.

— O que está fazendo, *inglês*? — falava com seu dedo fino na cara de Richard. — Essa garota é nova, não é? Chega desse seu charme indecente!

— Ah, bela Isabella! — um apaixonado Richard segurou sua mão e a beijou, fazendo a falsa cara de brava de Isabella sutilmente tremer. — Eu adoro seu temperamento latino, como adoro o brilho dos seus olhos. Ainda assim, você me julga tão mal. Keiko e eu estávamos apenas apresentando algumas regras da escola a jovem Cassie Bell.

— Cassie Bell? *Cassandra?*

Isabella se virou. Por um momento ficou perplexa, mas então sorriu. Cassie tentou não sorrir de volta. Ela não confiava em nenhum desses imbecis autoconfiantes e egoístas.

— Sim, e daí?

Isabella sorriu.

— E daí que você vem comigo — segurou no braço de Cassie com menos força que Richard e, com a outra mão, agarrou a mala dela. — Vamos afastá-la dessa gentinha.

Com um sorrisinho malicioso para Richard e ignorando Keiko completamente, Isabella levou Cassie em direção às colunas arqueadas no fim do pátio, a mala chacoalhando e batendo atrás dela.

— Espere um pouco — parando de andar, Cassie deu um solavanco que fez Isabella parar também. — Não fique me arrastando por aí. Quem você pensa que é?

Essa agressividade apenas fez a linda garota cair na risada.

— Eu não acho, eu sei! Sou Isabella Caruso, sua nova colega de quarto!

— Me diz que isso é uma réplica.

Cassie parou, assustada, ao lado de uma moldura dourada enorme. Ainda puxando a mala de Cassie pelo carpete azul-claro, Isabella se virou, franzindo a testa.

— O quê? Ah, o Monet? Não, claro que não é uma réplica, sua boba. Nenhum deles é. Venha, Cassie.

Relutante em se separar da pintura, Cassie a seguiu. Ela estava tentando parecer tranquila, desinteressada, em casa, mas tinha uma necessidade de andar cuidadosamente atrás de Isabella. A qualquer minuto, alguém podia aparecer e descobri-la, e então ela seria dispensada sem cerimônias por ser uma fraude.

Um erro terrível aconteceu, eles diriam a ela com frieza. *Um caso de troca de identidade. Você sabe voltar para o lugar de onde veio? Para Cranlake Crescent, que é o seu lugar? Naturalmente cobriremos suas despesas. Você parece precisar de caridade...*

Nesse meio tempo, ela poderia se embriagar com a atmosfera. Meu Deus, o lugar era lindo. Ela tinha imaginado que construções assim existissem, mas

apenas em contos de fadas. *Não precisa de vestidos de seda e anáguas para andar em um lugar como este? Ou de um rolo de barbante para evitar se perder para sempre?* Os arcos, saguões e corredores dourados pareciam infinitos, o teto ornamentado era tão alto que ela estava ficando com cãibra no pescoço de tanto olhar para os deuses e monstros, que brincavam na pintura de céu. O carpete macio abafava o ruído estridente da mala comprada em uma loja popular.

Assistindo Isabella puxar a mala, Cassie ficou vermelha. Mala barata de segunda mão, que parecia que ia se desmanchar a qualquer momento. Não é a toa que os pirralhos mimados tinham rido.

— Muito bem, não estamos longe agora. Você vai amar, Cassie... Ah!

Isabella puxou-a para uma porta e apontou o dedo para uma placa reluzente disposta na madeira:

— Viu? Colegas de quarto!

Isabella mal podia conter a empolgação, mas Cassie ficou muda de susto enquanto a porta se abria silenciosamente.

— Você gostou? — Isabella foi da alegria a tristeza num instante. — Você não gostou!

Finalmente Cassie conseguiu encontrar sua voz, que saiu rouca.

— Gostou? Eu não posso... Deve haver um engano.

— Não há engano algum.

Feliz novamente, Isabella colocou a mala de Cassie sobre uma das colchas de seda, bem ao lado de uma pequena montanha de malas de grife.

Sabendo que devia parecer tão deslocada quanto sua mala, Cassie sentiu, como se fosse uma facada, a saudade de casa e do lugar apertado que dividia com outras duas meninas em Cranlake Crescent. Agora, em vez de paredes de material composto e rodapés cor de vômito, ela tinha pintura cor-de-rosa e dourada e — pelo amor de Deus! — um candelabro. No lugar de um banheiro comunitário que cheirava a mofo e a pés mal lavados, ela podia ver, além de uma segunda porta, um banheiro com azulejos em estilo eduardiano e uma banheira vitoriana. Ao invés de brigar por maquiagem e CDs com as meninas tão bocas sujas e teimosas como ela, tinha uma colega de quarto que parecia e agia como uma exótica estrela de cinema. Até então, Isabella parecia ser realmente... *Legal*.

— Isto não é um quarto, é um palácio.

Cassie não sabia se ria ou se chorava. Com os joelhos bambos, caiu sentada na antiga colcha de seda. Então pulou de volta, com medo de amassá-la. Isabella estava pensativa observando Cassie.

— Ah! Eu sei qual é o problema.

— Sabe?

Cassie ficou tensa. Se aquela garota extremamente bonita soltasse um sorrisinho de ridicularização, ela o tiraria de seu rosto com uma tapa.

— Você se considera muito melhor que nós, né?

Não era exatamente o comentário esperado.

— Espere um pouco, você...

Isabella sacudiu a mão levemente.

— Eu sei, eu sei. Você deu duro para chegar até aqui, sim, sim, bláblábla. Bom, Senhorita Bolsista Esnobe, você pode ter conquistado seu lugar aqui, mas devo dizer que alguns de nós o *compramos*.

Por talvez uns dois segundos, Cassie encarou Isabella boquiaberta, antes de ver a boca larga da garota começar a se mexer. Em um instante, Cassie estava

rindo também e, então, as duas caíram na gargalhada. Isabella caiu para trás no colchão macio.

— Você viu? Nós vamos nos divertir, Cassie Bell. Você e eu, certo? Não ligue para o chato do Perry Hutton, ou para aqueles pretensiosos e esnobes dos *Escolhidos*. Eu te ensinarei tudo sobre a Academia. De qualquer forma, Richard é bonitinho e é um bom passatempo, viu? — disse piscando maliciosamente.

— Sim, claro. Como disser.

Cassie tentava alcançar sua mala com indiferença, mas estava rindo como uma louca. Ela nunca havia feito uma amiga tão instantaneamente. Na verdade, ela quase nunca fez amigos antes, pensou com tristeza.

— E, em troca, vou te ensinar um inglês mais apropriado. Ninguém mais diz "esnobe".

— Não?

— Nós dizemos: "Keiko realmente se acha".

— "Se acha". Ok! — Isabella riu.

— Então... Quem são os *Escolhidos*? São como representantes ou algo assim?

— Algo assim. Não vamos falar deles agora. Não! Não desfaça as malas. Vamos — Isabella pegou a mão de Cassie. — Nós vamos explorar!

— Me conta sobre a bolsa de estudos! Vai bolsista!

Cassie deu um sorriso de canto de boca para Isabella. *Bolsista*. Quanto mais Isabella usasse essa palavra de uma maneira afetuosa, menos ia incomodar

quando alguém como Keiko falasse tirando sarro — e Cassie achava que sua colega de quarto sabia disso.

— Não tenho o que contar. Houve um tipo de prova, mas não foi tão difícil.

— Aposto que foi — disse Isabella seriamente —, aposto que eu não conseguiria fazer. Vim para a Academia porque meu pai é muito rico. Aqui — apontando as têmporas —, sou burra como uma parede.

— Uma *porta* — disse Cassie, seca — e você não é. Bom, teve uma entrevista também. Eles queriam saber de tudo. O que eu tinha estudado, o que pensava, de onde eu vim. Como se quisessem entrar no meu cérebro. Bem como Patrick havia me treinado.

— E ele é...?

— Não vem com essa! — Cassie riu. — Ele é meu encarregado no abrigo, viu? Ele é muito legal. Pena que não seja o supervisor.

Ela sentiu um tremor de raiva ao se lembrar daquela noite do mês passado. Andando a noite como de costume, ela ouviu de longe uma voz familiar e fina passando um sermão na menina nova; uma menina de onze anos magrinha, triste e coberta de lágrimas.

Automutilação. É isso, senhorita? O que você não é capaz de fazer por um pouco de atenção? Eu cortaria mais fundo se fosse você.

— Jilly Beaton é uma vaca cruel. Os inspetores a amam, mas ela é uma vaca quando eles vão embora.

— Lá na Argentina, minha terra natal — Isabella fungou —, as vacas são muito importantes, mas sabem seu lugar.

A lembrança terrível se dissipou instantaneamente. Segurando a risada, Cassie deu uma cotovelada no quadril de Isabella.

— De qualquer forma, Patrick é ótimo. Eu não sei o que teria feito sem ele. Ele ficou me azucrinando para que eu aceitasse a bolsa de estudos. Disse que alguém que ele conhecia tinha conseguido um lugar, e que eu também conseguiria se tentasse. E sabe o quê? Ele tinha razão.

— Mas claro que tinha. Agora, acho que vimos quase tudo, menos os jardins. E, é claro, o prédio do Liceu, que fica separado, do outro lado da rua. Enquanto isso, estamos aqui! De volta ao saguão de entrada principal.

— Sério?

Cassie deve ter ficado desnorteada. Claro que ela tinha estado naquele lugar exuberante antes, mas apenas espiando para poder ver Madame Azzedine desaparecer nas sombras. Cassie teve de respirar profundamente.

Uma grande escada caracol levava até um saguão de mármore. Os degraus eram sustentados por enormes pilares, entre cada pilar havia uma estátua branca num pedestal. Deuses e monstros novamente, brilhantes como alabastro. O dourado era abundante o suficiente para deixar Cassie sem fôlego, até mesmo Isabella estava com os olhos brilhando de orgulho.

— Não é lindo, Cassie? Espero que fiquemos aqui por mais de um semestre. É uma das locações mais bonitas que tivemos. Bem, no meu tempo. Eu acho que a escola já esteve aqui antes, mas muito tempo atrás.

— Como assim? Não esteve sempre aqui?

Com uma risadinha, Isabella cruzou seu braço com o de Cassie.

— Nós acabamos de chegar aqui! A Academia muda todo semestre, você não sabia?

— Não. Todo *semestre?* Sério?

— Todo semestre. No último semestre, estávamos em Sidney! Tivemos um semestre de primavera muito legal em Moscou. E, ano passado nesta época, estávamos no Rio de Janeiro! Eu *amei* o Rio!

Cassie ficou de boca aberta.

— A escola passa por todo o mundo?

— Claro que sim. Com a Academia, eu estudei na Cidade do Cabo, em Bangcoc, em Madri... Mal consigo lembrar — Isabella jogou o cabelo. — É por isso que é tão legal ser aluno desta escola. Eles não te disseram isso?

— Não, nunca me disseram. Mas, quero dizer, por que se mudar? — Cassie estava surpresa, quase desapontada. — É tão bonito aqui.

— Todos os lugares para onde a Academia vai são bonitos — disse Isabella com desdém. — Sir Alric não faria de outra forma. Ah! *Jake!* Jake Johnson! Não se atreva a fingir que não me viu.

Nos pés da escada, um garoto desviou o olhar da menina loura e ergueu os olhos. Cabelos curtinhos e *jeans* surrados. Cassie o reconheceu imediatamente: o americano — o machão sem modos. Ele sorriu forçadamente para Isabella enquanto ela descia dois degraus por vez, então, deu uma olhada para Cassie, erguendo a mão em um cumprimento hesitante. Não dava tempo para mais nada. Isabella se atirou em seus braços e deu-lhe um beijo estalado em cada bochecha.

Cassie achou corajoso da parte dela, considerando o jeito como a companhia de Jake a encarava. Se Jake era bonito, a menina loura era maravilhosa. Seus olhos eram azuis claros como gelo, seu rosto era rígido, tinha um ar de desprezo, mas ainda assim ela era linda. *Como a Rainha da Neve*, pensou Cassie ao se lembrar dos antigos livros de figuras. Os diamantes brilhando nas orelhas da menina não eram tão duros e frios quanto ela, mas, nossa, como ela era bonita. Sua pele era radiante. Como o sol do inverno.

— Jake! — gritou Isabella desgrudando-se dele.

— Que ótimo vê-la, Isabella — ele disse, olhando de lado para a deusa loura.

Havia algo formal e distante no tom de voz dele, e o rosto de Isabella ficou nublado pelo desapontamento. O sorriso dela ficou um pouco nervoso quando se virou para a loura.

— Oi, Katerina.

— Olá, Isabella.

A voz era gutural, seu sotaque encurtava as vogais. *Escandinavo?* Cassie se perguntou. *Alemã?* Ela se lembrou dos filmes antigos nas maçantes tardes de

sábado em Cranlake Crescent. Katerina era refinada e distante, como Greta Garbo, talvez, ou Ingrid Bergman. Fria como uma loura de Hitchcock.

— Não é maravilhoso estarmos de volta, querida? E quem é essa? — seu sorriso determinado fez Cassie ficar inquieta. — Nós tínhamos permissão de trazer empregados pessoais este semestre? Pena que não me disseram.

O sangue percorreu o rosto de Isabella.

— Não, Katerina, esta é...

Conseguindo controlar sua irritação — até então — Cassie se obrigou a estender sua mão.

— Cassie Bell. Sou a nova bolsista.

Isabella desceu os ombros de alívio. Katerina pôs os dedos em sua boca.

— Oh, por favor, me perdoe — graciosamente, pegou a mão estendida de Cassie. — Sempre, sempre sou tão desastrada. Não sou Jake? — seu sorriso reluziu.

— De forma alguma, Katerina!

— Gentileza da sua parte, Jake. Cassie seja bem-vinda à Academia. Tenho certeza de que será uma experiência *completamente* diferente para você, aprenderá muito.

Com um esforço sobre-humano, Cassie continuou a sorrir. Ela gostaria que Katerina sumisse da sua frente. A garota era toda sorrisos.

— Enfim, há muito por fazer. Os *Escolhidos* marcaram um congresso para amanhã, e eu tenho que ajudar com os preparativos.

Ela lançou um olhar para Isabella que, para Cassie, pareceu dissimulado e debochado.

Ai, pelo amor de Deus, pensou Cassie. Sua imaginação estava trabalhando a mil por hora. *Katerina tinha sorrido para Isabella*, *isso era tudo.* A garota tinha o

tato e a sensibilidade de um *rottweiler,* mas não era a Cruella de ViI. Se Cassie não parasse de fazer esses julgamentos precipitados, nunca faria amigos.

— Tchau, Katerina — ela conseguiu dizer. — Prazer em conhecê-la.

— Igualmente, com certeza. Adeus, Jake — Katerina deixou sua mão se demorar sobre o braço dele. — Te vejo mais tarde — com um último sorriso, ela se retirou rapidamente, graciosa como uma pantera.

Isabella ficou em silêncio. As bochechas de Jake ficaram vermelhas enquanto olhava, com desejo, Katerina andar. Cassie limpou a garganta e engoliu seu orgulho.

— Obrigada — ela disse, animadamente. — Você me salvou de uma morte sangrenta.

— Hã?

— Debaixo de um carro? No portão?

— Ah, sim — Jake coçou o pescoço sem jeito. — Tudo bem. Desculpe-me por ter sido meio grosseiro. Você me deu um... Um susto.

— Bem, na verdade, eles não teriam me atropelado. Obviamente.

— É isso o que você acha? — ele disse em tom sombrio, antes de mudar de assunto bruscamente. — E então, você está aproveitando seu dia de carne nova?

Cassie fez uma careta.

— Perdão?

— Jake! — repreendeu Isabella.

— Desculpe-me, eu disse carne nova? Eu quis dizer aluna nova, claro.

Cassie apertou os olhos por causa do sarcasmo azedo de Jake.

— Ouça, Isabella, é ótimo vê-la, mas eu preciso me matricular nas aulas. Te vejo depois, tá?

— Ah, tá — a decepção de Isabella era muito óbvia.

— Prazer em conhecê-lo, então — disse Cassie.

— E você — disse Jake, repentinamente —, seja bem-vinda à Academia. Ah, Isabella?

— Sim, Jake.

Pelo amor de *Deus,* pensou Cassie. A garota podia ter tatuado na testa "peça qualquer coisa a mim".

Jake indicou Cassie com a cabeça, mas estava olhando para Isabella.

— Cuide dela, ok? Você conhece este lugar. Ela não.

— Claro, Jake. Você sabe que vou cuidar.

— Idiota arrogante — resmungou Cassie quando ele se afastou.

Isabella olhava Jake partindo, mas desviou o olhar para Cassie.

— Não, sério, ele só é um pouco...

Cassie deu um sorrisinho. Isabella encolheu os ombros, mordeu os lábios com tristeza.

— Um pouquinho metido?

— Isso mesmo.

As duas riram. Isabella riu de maneira um pouco histérica. Isabella pegou no braço de Cassie.

— Vamos fazer a matrícula.

— Tá certo, eu...

Algo pinicou a nuca de Cassie. Ela se virou franzindo as sobrancelhas.

Na curva da escada estava um garoto, impecavelmente vestido em um terno preto estiloso. Havia um livro aberto em suas mãos, mas ele não estava lendo. Estava observando Cassie, atentamente, e parecia estar segurando sua respiração. Ela esperava que ele ficasse com vergonha, mas ele não se virou. Seu olhar sombrio e transparente se fixou no olhar de Cassie, mas ele não sorriu.

Cassie também não. Sua nuca pinicou novamente. Ela sentiu uma espécie de surpresa emocionante pela coragem dele, mas, se ele não desviava o olhar, por que ela o faria? Ele era lindo; tinha os cabelos pretos e a pele bronzeada. Era bonito como Katerina, mas de um jeito diferente. Sua beleza não era gélida. Era séria e quente, e a palavra *nobre* passou pela cabeça dela...

Pelo amor de Deus!

O que ela estava pensando? Cassie puxou o braço de Isabella.

— Vamos! — ela falou baixinho.

— Está tudo bem — tinha um riso na voz de Isabella. — Você pode olhar, você sabe. Aproveite se quiser. Isso é o máximo que qualquer um chega a fazer com ele.

— Por quê?

Ela não ia, não ia, não ia olhar para trás e ver se ele ainda estava lá. Ainda que o esforço a estivesse matando.

— Aquele — disse Isabella — é Ranjit Singh.

Capítulo 3

Cassie chutou o último lençol e ficou com braços e pernas abertos, encarando o candelabro como se estivesse hipnotizada. O candelabro cintilava com a luz do luar, tinindo suavemente. Meia hora depois, ela puxou um pouquinho da cortina e abriu uma fresta da janela, mas isso não ajudou. O quarto estava muito quente, a cama macia demais. A camiseta do pijama barato de supermercado grudou na pele dela. E Isabella, dormindo o sono dos inocentes como se estivesse em coma, roncava baixinho.

Cassie deu um sorriso irônico para sua colega de quarto. *Que bom que até mesmo tempestuosas belezas latino-americanas roncavam.* Enfim, Cassie não tinha intenção de acordá-la. Claro que Isabella não estava tão super ansiosa como a aluna bolsista em sua primeira noite.

Oh, a situação era irremediável. Escorregando da cama, ela caminhou de volta a janela e abriu um pouco mais a cortina. Os pontos turísticos conhecidos brilharam como joias imensas, familiares por causa dos livros que Patrick tinha mostrado a ela: o *Arco do Triunfo*, o altíssimo obelisco na *Praça da Concórdia*, a *Torre Eiffel.* Mais cedo, naquela mesma noite, Isabella a tinha trazido até a janela.

— É tão lindo, dá uma olhada! *La ville lumière,* Cassie, a Cidade Luz! — Isabella tinha sorrido com prazer. — Há lugar melhor para a Academia?

O quarto delas ficava no terceiro andar. *O que mais daria para ver do topo do prédio?* Cassie se perguntava.

Naquele calor intenso, ela não conseguia suportar vestir seu roupão e seus chinelos. Enfim, seu conjunto de camiseta e calça larga era perfeitamente aceitável, apenas deixava um pouco a desejar ao estilo parisiense.

Enquanto ela abria a porta devagar, Isabella se mexeu, virou para o outro lado e voltou a roncar. Expirando, Cassie saiu discretamente para o corredor.

Ela estava aliviada de ver que pequenas luminárias de parede brilhavam suavemente, projetando poças de luz na escuridão. Não que ela estivesse com medo do escuro. Ela sabia que havia coisas piores para se temer do que fantasmas, vampiros e lobisomens.

Palavras, por exemplo. Palavras eram como caninos, se estivessem afiados por uma especialista como Jilly Beaton. As palavras podiam morder profundamente.

Ah, você é uma vadiazinha sem valor, Cassandra Bell. Nem mesmo uma grande vadia sem valor como sua mãe a quis.

Ela costumava ter medo de Jilly Beaton. Medo demais para contar para qualquer pessoa sobre seus maus-tratos desprezíveis.

Ninguém vai acreditar em você mesmo, já que é uma mentirosa imunda! Está em sua ficha: mentirosa compulsiva. Você que tente contar para alguém, eu retiro seus privilégios outra vez.

Então, Cassie nunca contou a ninguém. Em vez disso, aprendeu a se defender. E, conforme foi ficando mais velha e mais alta, descobriu que um olhar de ódio, frio e vazio, funcionava melhor do que chorar ou gritar. Jilly Beaton a deixou em paz e, no lugar dela, começou a pegar no pé de crianças menores. Só que, a partir de então, Jilly nunca sabia quando — ao deixar de atormentar uma garotinha — encontraria Cassie observando silenciosamente, com olhos cheios da promessa silenciosa de retribuição; um dia. Isso pareceu afastá-la. Fez com que mantivesse distância e comprou a paz de outras meninas, mesmo que por algumas semanas.

Ela se arrepiou, desejando que tivesse vestido seu roupão, afinal. Pelo menos ela teve Patrick. Ela confiava nele; não em tudo, apenas isso. Ele a fez desabrochar, rir, e mostrou-lhe que ela não era uma menina *sem valor*. E agora aqui estava ela, em uma das escolas de maior prestígio do mundo.

A vida era engraçada...

Com os pés descalços, ela andou bem devagar em direção a grande escadaria. Ela não estava com medo, mas esse lugar era assustador. Se ela pensasse demais, se ouvisse com muito esforço, podia quase ouvir sons. Chiados. Sussurros. O suspiro de uma brisa leve. Um passo.

Ah, não seja idiota.

Não. Aí estava novamente. Ficando imóvel, ela se esforçou para ouvir.

Sim. Definitivamente. O som veio de baixo. Um passo muito sutil; se fosse no piso de mármore do *hall* de entrada, ela nunca teria ouvido. Este não era um pisar cauteloso de alguém que não quisesse incomodar os que dormiam; era alguém que não temia ser descoberto. Cassie sabia a diferença.

Um intruso? Hesitando, ela colocou a mão no corrimão dourado e olhou para baixo com dificuldade para enxergar na escuridão.

A luz da lua e as sombras e, por um instante, o corredor estava cheio de fantasmas. Seu coração se revirou dentro do peito, mas, um segundo depois, Cassie reconheceu as silhuetas brancas. As estátuas que tinha visto mais cedo. No entanto, ainda havia algo errado. Aquiles estava assassinando Heitor, sem piedade, mas havia apenas duas figuras de mármore naquele pedestal. *Então, por que três sombras projetadas no chão?*

Alguém estava se escondendo. Quem quer que fosse tinha se escondido atrás do pedestal, quando ouviu alguém vindo. Agora, Cassie também podia ouvir passos firmes. Enquanto observava, segurando a respiração, o porteiro baixo e troncudo apareceu e ficou parado de pé, silenciosamente alerta.

Cassie não se atreveu a respirar, nem a recuar para evitar que o movimento chamasse a atenção dele. Ela podia apenas torcer para que ele não olhasse para cima. Ela não sabia dizer a razão, mas sabia, instintivamente e com certeza, que não queria que o porteiro apático e ignorante a pegasse fora de seu quarto. Ela não queria que ele pegasse ninguém. Nem mesmo um ladrão.

Finalmente, ele se virou, claramente sem vontade de investigar cada sombra no saguão; e o barulho de seus passos desapareceu aos poucos.

Embaixo do corpo agonizante de Heitor, a terceira sombra se moveu, saindo da proteção da estátua e indo em direção a grande escadaria. Com o coração na boca, Cassie recuou, buscando freneticamente um esconderijo. O ladrão ia subir a escadaria, passando por ela. *Droga!* Ela ficou gelada de medo. Não havia nenhuma cortina providencial, apenas sombras e um pequeno quarto. Ela se espremeu e ficou absolutamente imóvel.

Seus passos eram quase silenciosos sobre o rico tapete, mas, quando ela sentiu que ele se aproximava, puxou o ar e segurou, sem fazer qualquer ruído. Exceto o do coração dela, que batia como uma escavadeira, mas, por sorte, ele não conseguia ouvir. Nem vê-la passando próximo, como um fantasma.

Jake Johnson.

Ela franziu as sobrancelhas. O que ele estava tramando? Por um momento, ela desejou voltar ao seu quarto. Seu quarto confortável, seguro e lindo com sua colega de quarto que ronca suavemente. Ela podia lidar com um pouco de insônia.

Apenas uma coisa errada naquele cenário fez Cassie decidir: ela não gostava de pessoas que se escondem na calada da noite. Nunca estavam fazendo algo bom. Se algo estava errado, ela queria ser a primeira a saber. Conhecimento é poder: ela tinha aprendido essa lição em Cranlake Crescent.

Enfim, o que havia para ser temido? Cassie esperou até que Jake passasse para o próximo ambiente, então saiu lentamente da sombra e o seguiu.

Nossa, ele era bom. A antena dele era melhor do que a de Jilly Beaton. Ele sabia parar inesperadamente para ouvir se alguém o seguia. Ele conseguia se mover rapidamente e usar a escuridão, como Cassie. No topo da escada, ela quase perdeu o rastro dele.

Ele havia entrado em um corredor no piso superior. O breu era mais completo ali no deserto piso superior: o teto era baixo e a única luz vazava dos andares inferiores. No entanto, a curiosidade de Cassie era forte o bastante para suportar o nervosismo. Ela entrou no corredor.

Enquanto seus olhos se adaptavam, ela percebeu um feixe de luz arqueado. Enroscando seus dedos descalços no tapete macio e confortável, ela deu um passo hesitante de cada vez. Ok, agora ela estava convencida. *Vai, Cassie! Está com medo de quê?*

Ela avançava dolorosamente devagar. Ela esperava que Jake pudesse saltar, mas ela não podia vê-lo. Então, depois de muito tempo, ela avistou a silhueta dele à frente. Preparada para se apressar atrás dele, ela parou subitamente.

Isso não podia ser os passos de outra pessoa? Com certeza tinham de ser de Jake.

Não. Esses passos a seguiam. Menos cautelosos, mas ainda assim furtivos. E definitivamente estavam na grande escadaria. *O porteiro sinistro? Talvez*. O que ele faria se achasse que ela estava bisbilhotando? Ele a entregaria aos professores? Ou daria um jeito nela? *E se não fosse o porteiro? Ai, Deus.*

Cassie seguiu um caminho incerto. Bem quando o pânico começou a tomar conta dela, viu o feixe de luz ficar mais largo, e então ela estava debaixo dele. Segurando no trabalho de gesso, ela inclinou-se para trás, tentando controlar sua respiração ofegante de medo. Mais uma vez, ela ouviu uma pegada e tomou uma decisão. Deu a volta pela beirada e entrou em uma escada menor.

Era como um dia de sol depois da terrível escuridão do corredor. Ela não estava nem mais preocupada em alertar Jake. De alguma forma, isso não seria tão ruim quanto ser pega por quem quer que fosse — ou o que fosse — que estava a segui-la. Jake era um borrão que se movia rapidamente, deslizando pelos degraus dois andares abaixo, mas ela estava agora quase desesperada para alcançá-lo, não se importava com as consequências. Segurando o corrimão, ela subiu as escadas silenciosamente.

Chegando ao terceiro andar, Jake entrou por uma passagem de estrutura arcada. Engolindo seu medo, Cassie esperou um momento. Os passos atrás dela ainda ecoavam baixinho. Não tinha muito tempo. Apertando os dentes, ela espreitava cuidadosamente pelos cantos.

A nova passagem tinha, talvez, uns dez metros de comprimento. Era bem, para não dizer assustadoramente, iluminado e com uma fileira de pequenos quartos, cada um ocupado por um busto clássico. *Jake deve ter uma coragem gigantesca,* pensou Cassie. Os enfeites de cabeças de mármore pareciam pavorosamente reais, seus olhos brancos eram assustadores. Ainda assim, Jake deve ter passado por entre eles, porque estava se agachando em uma porta no fim do corredor, testando a maçaneta.

A maçaneta não o deixava entrar. Ele colocou algo na fechadura, empurrando e virando freneticamente, mas, quando tentou girar a maçaneta novamente, ela não cedeu. Ele olhou com medo as aberturas dos dois lados da porta, mas nada se moveu, ninguém o ameaçava. Depois de mais algumas tentativas com a fechadura, ele se apoiou na porta, pressionando sua cabeça contra a madeira, como alguém em desespero.

Uau. Ele estava prestes a desistir e, se virasse agora, ele a veria com certeza. Hora de ir. Dando três passos para trás, ela hesitou.

De jeito nenhum ela iria voltar para aquele breu do corredor, de encontro aos passos que ecoavam da segunda pessoa. Não. Ela ia descer, e tentar achar outra maneira de voltar. Ela desceu rapidamente as escadas, quase correndo. Se conseguisse chegar ao fundo, estaria salva, tinha certeza. Cassie estava no meio do último pulo, quando sentiu um arrepio gelado entre suas escápulas. Ela estava sendo observada.

Parando bruscamente, ela afundou os dentes nos lábios inferiores e tentou não gritar. Era tarde demais para se esconder. Se ela se virasse, veria quem quer que fosse, ou o que quer que fosse, atrás dela; e ela de verdade, *de verdade,* não queria. Talvez fosse o porteiro. Talvez fosse Jake. Mas quem sabia o que também poderia se esconder neste lugar assustador, a esta hora da madrugada?

Estúpida. Que covarde ela era. Claro que ela tinha de olhar! Rangendo os dentes, Cassie virou e fez uma cara de brava. Os olhos que a observavam brilharam. Cassie ficou paralisada de medo. Calmamente, a figura recuou.

Um tremor desceu por sua espinha. Não era Jake. Nem o porteiro. Ainda assim, tinha algo sobre aquela silhueta — algo sobre a imobilidade — que era alarmantemente familiar. Ela já havia sentido antes aquele olhar de contemplação frio e feroz pinicando sua nuca. Ela não tinha outra forma de provar, nem mesmo para ela mesma, mas Cassie sentia em sua medula.

Você pode olhar se quiser. Isso é o máximo que qualquer um chega a fazer com ele.

Capítulo 4

— Matemática — resmungou Isabella. — Por que temos que começar com matemática?

Agarrando com força seu livro debaixo do braço, Cassie apertou o cotovelo de sua colega de quarto em sinal de consolo.

— Precisamos começar com alguma coisa. Não é tão ruim.

— É um mau presságio. Pode ser que eu repita este ano, eu sei que vou. Papai vai ficar furioso.

— Você quer dizer que ele se negará a comprar um novo time de polo com pôneis[7]? — Jake Johnson alcançou o passo delas. — Pobre herdeira. Ter de se contentar com os pôneis antigos.

Isabella deu uma cotovelada nele, e não foi fraca.

— Seja legal comigo, Jake. Sou muito frágil para resistir as suas piadinhas — ela jogou uma mecha de cabelo. — Sou uma delicada flor do sul.

Jake riu muito.

— Sim, e deixa eu te mostrar a costela que você acabou de quebrar?

— Quando quiser — ela deu um sorriso meigo para ele.

Cassie estava se divertindo, porém, estava ansiosa. O flerte de Isabella parecia muito mais sério do que o de Jake. Ela não queria que sua colega de quarto se apaixonasse sem ser correspondida.

[7] Pônei é o nome dado ao cavalo usado nos jogos de polo. Embora sejam chamados de "pôneis", é uma referência ao tipo deles, mais do que ao tamanho. Cada jogador utiliza entre quatro e oito pôneis por jogo (N.T.).

Além disso, qual era a dele?

Jake parecia alegre, descomplicado, *americano.* Ele parecia um cara normal. Era difícil de acreditar que ela o havia seguido na noite anterior. Cassie poderia quase ter acreditado que havia sonhado tudo, não fosse pelas olheiras de cansaço sob os olhos castanhos dele. Quando ele sorriu para Cassie, ela não sorriu de volta e ele franziu discretamente a testa.

Eu não sei o que é, mas sei que está tramando algo...

Preocupado, Jake voltou toda sua atenção para Isabella.

— Então, Srta. Caruso, matemática é bem do que precisa. A maior realização da mente — um largo sorriso suavizou seu maxilar bem definido. — A matemática não incita emoções violentas. Põe ordem no completo caos. Estou sendo claro? Ai!

Isabella bateu nele novamente com um livro.

— Se vai me insultar, Jake Johnson, não vou falar com você por todo o semestre. Ah! — o rosto de Isabella se iluminou quando fez Cassie parar na frente de um retrato enorme. — Isso você precisa ver, Cassie. Você, Jake Johnson... Vá embora.

— Ei! — ele levantou as duas mãos, ainda sorrindo — Me considero totalmente derrotado. Então — ele apontou com descaso para a pintura —, perdoem-me se não fico para me ajoelhar — e foi passeando em direção à sala de aula.

Isabella estava esbravejando:

— Esse garoto é impossível! — exclamou. — Não tem respeito. Por ninguém. Nem mesmo por este homem incrível — ela passou os dedos pela pintura. — Veja, Cassie. Talvez seja tudo o que verá dele.

— Ah é? — o retrato era tão grande, que Cassie precisou dar um passo para trás para vê-lo direito. — Quem é?

— Este é Sir Alric Darke.

Cassie estudou sobre ele. Então, era esse o fundador da Academia Darke? O retrato era moderno, seu rosto anguloso fora definido em pinceladas propositadamente casuais. Seus olhos ardiam com uma inteligência vívida, suas cores se misturavam em cinza, mas reluziam como mica em granito. Seus cabelos grisalhos formavam um "v" perfeito na testa, e tinha uma mecha perdida de seu cabelo caída por sua testa como uma fina lâmina. Ele foi pintado à sua mesa, com um livro aberto debaixo de sua mão. Estava assistindo ao artista com uma expressão fria, de curiosidade inquisitória. Cassie sentiu que ele olhava para dentro de sua cabeça e de sua alma.

— Nossa — ela disse depois de um momento. — Aposto que esses olhos a seguem pela sala.

— Impressionante, não acha? — Isabella a puxou pelo braço. — Vamos, Cassie, você não pode ficar de pé aqui para sempre. Nós chegaremos atrasadas.

Cassie deixou Isabella conduzi-la para a classe, mas não conseguiu evitar olhar para trás uma vez. Pois é, os olhos realmente a seguiam.

— Srta. Caruso — o professor de matemática espiou sobre seus óculos com formato de meia-lua, enquanto Isabella entrava nervosa pela sala —, é o primeiro dia do semestre. Por favor, não me diga que sua pontualidade será tão abominável quanto sua álgebra. De novo.

— Ai, Sr. Stolz, me desculpe — Isabella lhe deu um sorriso fofo, arrastando Cassie em direção a duas carteiras vazias. — Sei que o senhor vai conseguir dar um jeito em mim neste semestre.

Alguém no fundo da sala murmurou algumas palavras que Cassie não conseguiu ouvir. Ela deu uma olhada em volta: Katerina. A garota que estava ao lado dela caiu na gargalhada.

Keiko. Obviamente. Sem perceber, Isabella soltou os livros na carteira. Stolz forçou para transformar seu tique nervoso em uma cara de bravo.

— Levando nossa aluna nova para o mau caminho também? Você devia se envergonhar Isabella. Mas seja bem-vinda a Academia, Cassie. Eu vi suas provas... Muito impressionantes. Minhas expectativas são muito altas em relação a você.

Cassie sentiu o sangue subindo por seu rosto, na medida em que cada aluno se virava para encará-la. Ela escorregou na cadeira, curvou os ombros, tentando ocupar o menor espaço possível. Porém, quando Isabella deu uma cotovelada em suas costelas, ela gemeu de dor e se sentou com a postura correta. Jake não estava brincando sobre a costela quebrada.

Assim que Stolz se virou para rabiscar na lousa, o próprio Jake se debruçou sobre a carteira à esquerda de Cassie.

— É tudo por causa do polo — ele explicou sussurrando alto. — Ela é fatal com um taco de polo. Pelo o que me disseram...

— Ignore-o — assobiou Isabella. — Agora, Cassie. O louro bonitinho é o Dieter. Ele é da Bavária. Cormac, do lado dele, é de Dublin. Ele não tem lindos olhos azuis?

Descaradamente, Isabella apontou para mais alunos.

— Ayeesha é das Antilhas. Barbados, eu acho. Ela é muito legal... — ela baixou o tom de voz — Muito mais legal que alguns *deles* — com desprezo, ela apontou com a cabeça na direção de Keiko e do grupo no fundo da sala, antes de terminar suas apresentações. — Do lado da Ayeesha, está a colega de quarto dela. O nome da menina é Freya: norueguesa. Alice é inglesa, como você. Perry Hutton você conhece, infelizmente, e o pobre do Richard tem que dividir o quarto com ele — ela torceu o nariz. — O colega de quarto de Jake é sul africano, Pumzile, ali. Ele tem uma irmã gêmea, Graca, mas ela está na outra sala do segundo ano. É bom mesmo que tenham separado aqueles dois, se você quer saber...

— SRTA. CARUSO!

— Perdão — sorriu gentilmente.

— Não, não perdoo — murmurou Jake.

— E você, Sr. Johnson — disse o professor que ainda estava de costas —, se fosse gentil o suficiente para me dar sua atenção, em vez de paquerar, talvez pudesse me dizer o resultado de *x* nesta equação?

— Claro — disse Jake, sem ao menos olhar para a lousa —, é *b* menos *y* dividido por *z*, estou certo? Não, está certo, Sr. Stolz. Sei que estou certo.

— Esperto demais para o seu próprio bem, Jake.
Mas Stolz estava sorrindo.

— Você pode repetir — falou devagar alguém do fundo da sala.

Cassie se virou. Sim, ela havia reconhecido a voz: Richard, o calmo garoto inglês lhe deu um sorriso carinhoso e uma piscadinha flertando com ela. Ele, Keiko e Katerina sentavam-se juntos naquele grupo não-tão-legal que Isabella tinha apontado. O que intrigou Cassie, agora que ela havia tido a chance de observá-los com mais atenção, era a absoluta beleza coletiva. Eles pareciam um anuncio em uma revista glamorosa: *Vanity Fair,* talvez, ou *Vogue,* uma dessas publicações mensais luxuosas que Jilly Beaton costumava ler.

Katerina sentava alerta, sua caneta-tinteiro Montblanc[8] batendo devagarzinho no seu queixo. Keiko, por outro lado, estava retocando o batom com um espelho pequeno, passando uma unha esmaltada no canto da boca. As pernas de Richard estavam esticadas à frente, suas mãos cruzadas atrás de sua cabeça. Ele não poderia parecer mais desinteressado em equações, nem que tentasse.

Cassie esperou que Stolz chamasse a atenção de Richard, assim como tinha chamado a atenção de Isabella e de Jake, mas ele não o fez. Ele nem se virou para trás. Enquanto olhava fixamente para a lousa, sua nuca começou a ficar vermelha. Ele a esfregava ansiosamente com uma mão, deixando giz em seu cabelo.

— Sr. Halton-Jones — ele pausou novamente. — Eu custo a crer...

— Oh, admita Sr. Stolz — Richard bocejou e se espreguiçou. — Nosso amigo americano está querendo aparecer. Desafiando sua autoridade, eu diria. Não é um bom começo de semestre para você. Ou para ele.

— Richard! — chamou Ayeesha, virando-se em sua cadeira para dar uma bronca nele. — Já chega.

Jake ficou bravo. A voz de Stolz era conciliadora.

[8] Montblanc é uma famosa marca de canetas (N.T.).

— Sr. Halton-Jones, acredite em mim, eu não me importo quando recebo respostas tão rápidas e corretas como esta. Mas...

— Na verdade, eu acho que exatamente esta equação é um exemplo do novo livro-texto — Richard franziu a testa, contraindo os lábios. — Tenho certeza de que a vi.

— Até parece que é — Jake respondeu prontamente.

— Bem, Jake, se você acha que precisa rachar de estudar durante as férias para conseguir acompanhar o resto de nós, não há do que se envergonhar.

Jake ficou meio cor-de-rosa.

— Por que você não vai se f...

— Senhores! — Stolz chamou-lhes a atenção. A vermelhidão tinha subido para bochechas dele. — Jake, sente-se. Não vou tolerar tal comportamento em minha aula. Fale comigo depois da aula.

Cassie trocou olhares de surpresa com Isabella, que levantou sua sobrancelha. Stolz simplesmente voltou para a lousa, consultando o livro em sua mão esquerda. O livro tremia sutilmente.

— Richard — uma voz calma quebrou o estranho silêncio —, Ayeesha tem razão. Comporte-se. Você está dando um mau exemplo para a nova bolsista.

Richard sorriu envergonhado.

— Como quiser, Katerina. Eu peço desculpas.

— Na verdade, todos precisamos nos desculpar — Katerina checou seu relógio. — Sr. Stolz, marcaram um congresso para os *Escolhidos*. Por favor, nos dê licença?

Seu sorriso esperando por uma resposta era simpático, mas ela já estava recolhendo seus livros. Assim como alguns outros alunos. Apenas Ayeesha parecia envergonhada quando se levantou.

— Me desculpe, Sr. Stolz. O senhor devia ter sido notificado.

Stolz se virou:

— Obrigado, Ayeesha. Você tem razão, eu não fui informado, mas... Sim, claro — ele apertou tanto seus dedos no giz que acabou quebrando-o. — Vocês podem ir.

Desperdício de saliva, pensou Cassie. Eles já estavam indo, e Stolz nem estava tentando impedi-los. A expressão no rosto dele era uma estranha mistura de fúria, apreensão e alívio.

— A propósito, Ranjit manda suas desculpas — a língua de Katerina se enrolou no nome. A atenção dela percorreu o resto da sala e, finalmente, parou em Stolz. — Ele tinha assuntos importantes dos *Escolhidos* esta manhã, mas espera retomar suas aulas amanhã.

Cassie não conseguiu evitar o susto. Ninguém mais tomou conhecimento enquanto os alunos saíam da sala, todos conversando à vontade, exceto pela pesarosa Ayeesha. Keiko deu um último olhar de desaprovação na direção de Cassie, e então eles partiram.

O restante da classe esperou com expectativa, enquanto Stolz se ocupava do giz quebrado. Cassie não podia acreditar no que estava vendo. O grupo podia até ter pedido permissão para sair, mas eles não tinham esperado pela resposta. E quem Ranjit Singh pensava que era? Stolz não fez comentário algum; nem um comentário sequer.

— Agora — ele limpou a garganta e espetou cruelmente seu resto de giz na lousa. — O valor de *z* é...

O que foi aquilo? Cassie gostava de matemática, mas estava se coçando para a aula terminar para que pudesse forçar Isabella a lhe dar atenção no corredor.

— As aulas são opcionais para os representantes, ou o quê?

Isabella colocou o cabelo atrás da orelha de qualquer jeito.

— Eles não são representantes. São os *Escolhidos*. Eles fazem mais ou menos o que querem... — dando de ombros, ela continuou andando pelo corredor. — Alguns tiram vantagem disso, outros não.

— Mas, quem *são* eles?

— Os *Escolhidos*, eu te disse. Os favoritos de Sir Alric — fez com a mão sinal para Cassie deixar para lá.

— Mas eles não parecem dar a mínima para os professores.

— Então. Eles são *bem* mais importantes que meros professores, Cassie.

— Ah, qual é?

— Serio. Os *Escolhidos* praticamente administram a escola. Não oficialmente, claro, mas é como realmente acontece. Não se pegue ao lado ruim deles, esse é meu conselho a você. Alguns são perfeitamente legais, mas outros...

— Isso é loucura. Quem chega a ser, er... *Escolhido*?

Isabella deu de ombros, bufando.

— Os melhores, mais inteligentes e mais bonitos, oras!

Cassie cutucou Isabella, sorrindo.

— Então, por que você não é um deles?

Isabella riu.

— Você é muito gentil, Cassie. Você quer que eu diga a verdade? Eles não me convidaram! É isso!

— Isso é difícil de acreditar — disse Cassie. — Talvez os malvados tenham ciúmes. Votando contra você ou algo assim. Você é muito mais bonita do que Keiko, e aposto que é mais inteligente, também.

— Ah, claro. E ela sabe disso — Isabella sorriu. — Enfim, eles terão uma iniciação neste semestre, foi o que ouvi. Isso significa que alguém pode se juntar aos *Escolhidos*.

— Então, tem de ser você!

— Eles podem me convidar se quiserem. Ou não. Como desejarem — Isabella empinou o queixo arrogantemente. — Perry Hutton está, como vocês dizem, alucinado por isso. Mas não é que eu me importe, de um jeito ou de outro.

Ah, tá. Pensou Cassie friamente. *Claro.*

— E a Katerina? É a garota líder?

— Chefe Kat, mais ou menos — Isabella torceu o nariz.

— De onde ela é?

— Suécia — disse Isabella sem dar muita importância.

Ok. Então, a distribuição de estrelas de cinema de Cassie tinha sido precisa. Não que ela pudesse imaginar Katerina alguma vez "querendo ficar sozinha" [9]. O que mais era sueco? ABBA[10]? Cassie torceu o nariz, não era uma comparação tão boa.

— Mas eu consigo imaginá-la usando um macacão prateado – ela resmungou baixinho.

— O quê? Ah, olha. Aí vêm eles — Isabella cotovelou sua costela.

[9] "Eu quero ficar sozinha, eu só quero ficar sozinha" é a famosa frase da atriz sueca Greta Garbo no filme *Grande Hotel,* de 1932 (N.T.).

[10] ABBA foi um grupo sueco de música pop formado em 1972. Suas músicas deram origem ao musical *Mamma Mia!,* de 2008 (N.T.).

A multidão de alunos que conversava no saguão de mármore silenciou, abrindo espaço preocupadamente. No meio deles passaram os alunos que estavam faltando na aula de matemática, junto com outros seis ou sete, igualmente lindos. Alguns deles — Ayeesha, uma menina loura ao lado dela, e o garoto irlandês, Cormac — chamaram seus amigos e se separaram do bando arrogante. Os outros seguiram passando por seus colegas como se ninguém mais além deles existisse.

— Deve ter acabado o congresso. Veja bem! Os favoritos do Sir Alric não podem nem ao menos ter reuniões. Eles têm de ter *congressos.*

Cassie teve a impressão de que Isabella queria desabafar, mas seu ar de malícia foi rapidamente restaurado.

— Vamos, Cassie. Eu tenho que te apresentar a Ranjit!

Ai, meu Deus. Por que o raio de puro terror? Cassie sacudiu a cabeça. Ele era apenas um *garoto.* Mas era um garoto bonito, ainda mais de perto. Atraente. E tinha estilo também. Sua jaqueta preta era mais estilosa que qualquer outra coisa que ela já tivesse visto, mas ele a vestia com uma confiança casual que Cassie nunca havia visto em alguém da idade dela. Ela sentiu todos os pensamentos inteligentes se esvaírem de sua mente, enquanto Isabella a arrastava na direção dele.

— Ranjit!

Ele se virou e Cassie respirou fundo. Ele estava de pé junto a uma das estátuas mais incríveis. *Deus,* pensou Cassie, *ele faz Aquiles parecer um mendigo...*

Era difícil de acreditar que aqueles olhos gentis e de cor de âmbar pareciam tão ameaçadores na noite passada. Ranjit cumprimentou com a cabeça.

— Isabella.

A garota argentina o beijou rapidamente. Cassie se perguntou se ela não se cortaria com os ossos das maçãs do rosto dele.

— Ranjit, esta é Cassie Bell. Ela é nova aqui. Diga oi!

— Oi — disse ele —, Cassandra Bell.

Ela conseguiu sorrir. Mais ou menos. Era mais uma careta, na verdade. Ela nunca tinha ouvido uma voz tão sutil e bonita, e isso fez seu estômago revirar. Deus Todo-Poderoso. A única palavra que veio à sua cabeça, além de *uau,* foi *inatingível.*

— Cassandra Bell — ele repetiu. — Você é a...

— Bolsista — ela disse rapidamente.

Ranjit fez uma cara estranha, com uma mistura de sorriso e espanto.

— Eu ia dizer a garota inteligente.

— Oh! — disse Cassie sem convicção. — Certo.

— Então, o que está achando do lugar até agora?

Putz. Ele parecia genuinamente interessado. Talvez não fosse tão inatingível assim.

— Bem, é muito diferente... — ela começou a explicar, mas o olhar de Ranjit já se desviava para algo atrás dela.

— Tenho certeza — ele interrompeu bruscamente, seu foco estava agora em algum lugar acima do ombro esquerdo de Cassie. — Bem, com licença — e com isso ele se virou e desapareceu na multidão.

Ai! Cassie nunca tinha se sentido tão completamente esnobada. Não estava tão interessado, afinal.

— Oh — fazendo uma pausa ao lado delas, Katerina fez cara de desaprovação. — Sempre correndo. Pobre Ranjit. Tão esforçado.

Richard veio por trás de Katerina e murmurou em seu ouvido:

— Você não tinha algo para discutir com ele?

— Na verdade, tinha — sorrindo, Katerina beijou-lhe a bochecha e saiu discretamente.

Agora que tinha tido um momento para se recuperar, o sentimento vazio de choque de Cassie foi rapidamente substituído por raiva. Pobre Ranjit, claro. Quem aquele idiota metido pensava que era?

Se alguém neste lugar merecia solidariedade era Jake. Quase todos os garotos do saguão estavam secretamente cobiçando Katerina, mas o americano, chegando muito atrasado depois de tomar bronca de Stolz, estava hipnotizado. Até mesmo quando a sueca desapareceu de vista, ele ainda a procurava com os olhos. Foi mal. Mas o garoto que tinha hoje pela manhã seus sentimentos estampados na cara era o mesmo garoto que vagava pelos corredores na noite passada. *O que ele estava armando?*

— Cassie Bell, você é a estrela do momento.

Cassie voltou à realidade, quando Richard pegou suas mãos e beijou sua bochecha, antes que ela pudesse se afastar. Ela olhou para ele desconfiada.

— Ah, é?

— A nova garota de ouro de Stolz, um gênio da matemática. Você vai me deixar no chinelo.

— Sério? — ela disse com indiferença. — Achei que o resto de nós tinha de *rachar de estudar* nas férias para te acompanhar.

— *Touché!* — ele deu uma piscadinha. — Não o resto de vocês. Apenas aquele lá — ele chegou mais perto para sussurrar no ouvido dela. — Na verdade, eu e Jake... É puro ciúme da minha parte. Aqueles olhos de gavião, o maxilar proeminente, o cabelo raspado. Ele é tão puramente americano. Podiam esculpi-lo no Monte Rushmore[11], não podiam? — soltando-a, ele suspirou, cruzando os braços. — E aquele jeito não se compara ao jeito almofadinha de um cara inglês.

Cassie se viu devolvendo o sorriso malicioso do garoto. Bom, pelo menos ele foi honesto. Fofinho, também era o jeito autodepreciativo dele. Era uma

[11] O Monte Rushmore localiza-se em Keystone, Dakota do Sul, Estados Unidos da América. É onde estão esculpidos os rostos de quatro ex-presidentes dos Estados Unidos: George Washington, Thomas Jefferson, Theodore Roosevelt e Abraham Lincoln (N.T.).

combinação atraente, especialmente partindo de um garoto que parecia tanto com um jovem deus como os outros dos *Escolhidos*.

— Ah, você não é tão feio — ela disse despreocupadamente.

Ele pegou as mãos dela, levou-as até seus lábios e as beijou, depois, pressionou-as contra seu coração. Ela podia sentir seus batimentos cardíacos através do algodão branco. Pega de surpresa, ela atirou um olhar de *me ajude!* para Isabella, mas a argentina não fez nada do tipo. A expressão de Isabella era de encantamento e de um pouco de orgulho. Cassie tentou fazer uma cara de brava para ela, mas não conseguiu.

— Você me fez ganhar o dia — o sorriso de Richard era de alta voltagem. — Deixe-me te pagar um café e mostrar um pouco de Paris. Eu conheço um pequeno café em Marais[12] que é *perfeito.* Nove horas amanhã?

— A gente não tem aula?

— É uma manhã de estudos. Um tempo livre para olhar a cidade. Para imergirmos na cultura. Onde nos encontraremos? Bem aqui? Você é meu anjo, Cassie Bell - ele soprou um beijo para ela e depois desapareceu no rastro de Katerina.

Cassie piscou.

— Como foi que isso aconteceu?

Isabella riu.

— Ele gosta de você, Cassie!

— Ele é um conquistador, é isso o que ele é.

— Claro! Por que não? O pai dele é dono de metade da sua West Country[13]! Não dá para ser mais mágico que isso — Isabella lhe deu uma cotovelada e uma piscada.

[12] Marais é um distrito tradicionalmente burguês de Paris, mas também muito conhecido historicamente (N.T.).

[13] West Country é uma área no sudoeste da Inglaterra que abrange os condados de Avon, Cornualha, Devon, Dorset, Somerset e, em parte, Gloucestershire e Wiltshire (N.T.).

— Bom — Cassie sacudiu a cabeça melancolicamente, ainda tonta pelo impacto daquele sorriso —, é apenas um café, né? O que há de mal nisso?

Capítulo 5

— O que exatamente deveríamos estar estudando?

Cassie bateu sua colher na xícara de café, sabendo que parecia nervosa. Richard reclinou em sua cadeira.

— A vida, Sra. Bell. As pessoas. A cultura — ele estendeu o braço como se estivesse apresentando toda a cidade para ela. *Ele provavelmente poderia,* ela pensou friamente.

— Então, não é apenas uma manhã de embromação ou shopping-terapia?

— Veja bem. Sir Alric é mestre em automotivação, iniciativa, esse tipo de besteira. Por isso te trouxe primeiro ao Pompidou[14] e ao museu — ele abriu um sorriso. — *Agora* podemos embromar.

— Ah, tá.

O sol estava quente na nuca de Cassie, e a brisa suave brincava por entre as folhas das árvores e as mesas de zinco do café. A fumaça dos carros se misturava com o forte aroma de café, do pão e do pungente cigarro francês de uma pessoa qualquer. Inquieta, ela levantou sua xícara e baixou-a novamente. Vazia.

— Deixe-me pegar mais um desses para você — com o que parecia apenas uma simples tremida em sua pálpebra e o leve movimento de um dedo, Richard chamou um garçom de avental branco. — Quer comer algo, Cassie?

— Bom, eu...

[14] O Centro Georges Pompidou *(Centre national d'art et de culture Georges-Pompidou)* é um complexo fundado em 1977, em Paris, França, que abriga museu, biblioteca, teatros, entre outras instalações culturais (N.T.).

Ele não esperou e fez seu pedido em francês impecável, terminando em um sorriso deslumbrante que até mesmo o garçom grosseiro teve de retribuir. Substituindo sua carranca habitual, o homem deu meia-volta e se apressou, como se estivesse envergonhado por demonstrar um lampejo de humanidade.

— Estou vendo pássaros naquela árvore — disse Cassie, apontando. — Vá lá e tente seduzi-los a abandonar o ninho por você[15]. Eu duvido.

Richard riu com gosto.

— Prefiro me concentrar em seduzir você.

Cassie procurou traços de gozação no rosto dele, mas Richard olhou dentro dos olhos dela sem restrições, sorrindo.

— Não fique tão presa ao fato de ser bolsista — disse ele. — Você é muito mais interessante que todas aquelas herdeiras mimadas e filhas de tiranos. E mais bonita também.

— Ah, para com isso — Cassie sentiu seu rosto ruborizar. — Ou você quis dizer que sou mais bonita do que os tiranos?

Richard gargalhou.

— Eu gosto de você, Cassie Bell! Você é uma boa aluna, e é engraçada também. Aquelas outras garotas são comestíveis.

Cassie piscou.

— Não entendi.

— Eu poderia comê-las com uma mordida — ele mostrou seus dentes brancos.

— Só em sonho, amigo.

Porém, Cassie pensou, *ele provavelmente podia escolher entre as garotas da escola.* A combinação de aparência e charme era estonteante.

[15] Adaptação da expressão norte-americana *Charm a bird out of o tree*, que significa que alguém é muito persuasivo e encantador (N.R.).

— Mas é sério, estou falando a verdade. Aquelas meninas são lindíssimas, com certeza, de uma maneira meio refinada, mas você é surpreendente. Seus olhos poderiam perfurar o mais puro metal, eu juro por Deus. Como você chama essa cor? Verde? Seus olhos são tão claros que são quase amarelos.

Cassie mexeu no cabelo impacientemente.

— Não sei. Comum?

— Nossa! Tudo menos comum. E sua estrutura óssea é de matar.

— Para com isso. Eu tenho o queixo pontudo.

— Como eu acabei de dizer. Estrutura óssea fantástica. Você sabe com quem se parece? Você se parece *mesmo* com...

— Com?

Mas Richard tinha se calado no meio da fala e estava mordendo o interior da bochecha.

— Você não é *bonita* — ele se apressou, dando a palavra uma ênfase depreciativa. — Não como as tiranas. Você é mais natural. Verdadeira. Cheia de vida. De qualquer modo — ele continuou a conspirar —, algumas delas nem depilam as axilas.

Os novos cafés chegaram nesse momento, então Cassie precisou cobrir a boca para conter sua explosão de riso. O garçom lançou um olhar de reprovação na direção dela.

— Você é uma coisa — disse ela, quando o garçom já tinha saído. — O que é isso?

— *Suspiro au chocolat.* Vai fundo, prova, é dos deuses.

Receosa, ela deu uma mordida. Era quentinho e macio. *Assim como o Richard,* ela pensou sorrindo internamente, *e totalmente delicioso*. Deus, ela não tinha percebido que estava tão faminta. Ela não sabia se molhar o suspiro no

seu *café au lait* era a coisa certa a fazer, mas dane-se, ela o fez assim mesmo. Quando o chocolate derretido tocou sua língua ela suspirou alegremente.

Richard estava se divertindo ao observá-la e, de repente, ela se lembrou de ficar com vergonha. Honestamente, ela estava comendo como se não visse comida há um mês. Ela se obrigou a colocar o assado sobre a mesa e tomou um gole de café.

— Eu gosto de garotas com apetite saudável — ele disse, provocando-a.

Cassie atirou um guardanapo nele.

— Você não está com fome?

— Isso não é o tipo de coisa que eu gosto — ele passou o dedo pela borda de sua pequena xícara de expresso. — Se bem que *suspiro* com chocolate parece bem interessante.

— Não é isso que significa — Cassie disse. — Até eu sei disso. Você é terrível.

Ele levantou uma sobrancelha ironicamente.

— Você não tem ideia.

Cassie teve de rir novamente, fazendo "não" com a cabeça. *Que diabos estava fazendo ali? E*la se perguntou novamente. Sentada sob a luz do sol de Paris, num café a céu aberto, com um garoto que estava tão fora do seu alcance que bem poderia estar em outra galáxia.

— De onde você é, então, garoto do mal?

Ele sorriu.

— Hades and Norfolk — ele deu um gole em seu café preto e encorpado.

— É? Isabella disse alguma coisa sobre West Country.

— Só porque nós somos donos de uma boa parte de West Country não significa que temos de morar lá.

Olhando para a cara dele, pela primeira vez, Cassie sentiu uma pitada de reprovação. Ela fechou a cara.

— Foi assim que você entrou para os *Escolhidos*?

— Ah, Cassie, não olhe para mim desse jeito, eu lhe imploro — ele fez cara de dó. — Me perdoe se a ofendi. Eu sou um moleque rico e mimado e, ás vezes, eu mostro. Claro, isso também é uma boa qualificação para se unir aos *Escolhidos*.

— Então, é por isso que Isabella não é uma de vocês? Quero dizer, ela e rica e bonita, mas não é uma garota mimada.

— Cassie, suas palavras cortam meu coração — dramaticamente, Richard apertou as mãos contra o peito. — É a verdade que fere como uma faca. Eu acho... — ele deu outro sorriso que derreteu a hostilidade de Cassie. — Quanto à bela, bela Isabella, nunca se sabe. Nós estamos prestes a iniciar outro membro neste semestre e os *Escolhidos* não são porcos egoístas como eu. Ela poderia entrar se tivesse a chance. E se Isabella receber um convite para o terceiro andar, já não seria sem tempo, em minha humilde opinião.

— E alguma vez sua opinião foi humilde? — Cassie ainda não conseguia reprimir seu sorriso, ainda que seu coração tivesse perdido uma batida. — O que tem no terceiro andar?

— Nosso quarto coletivo. Dos *Escolhidos*, quero dizer.

— Sério? — ela bebeu um gole casual de café. — Aposto que tem outra coisa. Você não poderia me deixar ver, né?

— Não, não! — Richard fez sinal com o dedo para ela. — Com certeza, não. Que tentação é você — ele sorriu novamente. — Não que convites especiais não sejam conhecidos...

— Continua. Você me deixou muito curiosa.

Descaradamente, Richard bateu de leve com o dedo indicador no nariz de Cassie.

— Convites para o quarto coletivo têm de ser feitos por todos os *Escolhidos*. Perdão, minha querida, mas é uma regra. Eu não posso simplesmente levá-la até lá.

Cassie deu de ombros, como se não desse a mínima.

— Vocês fazem tudo diferente, todos vocês, não fazem? Os *Escolhidos*. Quero dizer, que tipo de nome é esse? O que vocês fazem, além de faltar às aulas? Para que *servem?* — seu riso saiu um pouco tenso.

Richard a observava detalhadamente de novo, seu sorriso era mais pensativo agora.

— O café está frio — ele se levantou, rangendo a cadeira de zinco nas pedras da calçada e dando uma olhada no relógio em seu pulso. — E acabou o horário de estudo. Céus, Cassie, você é uma bela distração — ele pegou na mão dela de qualquer jeito e a arrastou. — Venha comigo! Vou levá-la de volta à Academia.

Capítulo 6

— Até que enfim, Cassie! Como foi o encontro? Vai, me conta tudo!

Isabella estava na biblioteca do segundo andar, sentada com Jake em um sofá de couro marrom escuro. Cassie não queria ter interrompido. Isabella parecia mais animada que nunca, tocando o braço de Jake, fazendo-o rir, rindo também quando ele dizia algo sarcástico ou engraçado. Se ela estivesse no lugar de Isabella, teria ficado chateada se alguém se intrometesse, mas a garota argentina bateu palmas e acenou para ela. Jake também olhou.

— Vai! O que aconteceu? Onde você foi? Como o Richard se comportou?

Isabella deu uma tapinha no assento entre ela e Jake, mas Cassie preferiu se sentar no braço do sofá. Ela não queria ficar entre eles e, de qualquer maneira, sentia-se completamente desconfortável perto de Jake. O modo como ele olhava para ela era enervante.

Ele sabia que ela o tinha seguido na outra noite? Ele a tinha visto, afinal? Cassie olhou para as prateleiras que quase alcançavam o gesso todo elaborado do teto. A única parede que não estava coberta de prateleiras de livros era a do gigantesco espelho em moldura dourada, acima da lareira em estilo barroco. A sala era magnífica, assim como o resto da mansão, mas quem encontraria tempo para ler todos esses livros um dia?

— Ok, vamos, conte! O Richard te beijou, Cassie?

— Claro que não! — Cassie envergou os ombros, ficando vermelha.

— Sei... — Isabella deu uma cotovelada nas costelas dela. — Onde vocês foram?

— Ah! Primeiro ao Pompidou. Depois, a um museu maravilhoso na *rue de Sévigné*, que costumava ser uma casa particular. E, finalmente, a um pequeno café *perfeito* — ela fez a mímica —, na *rue de la Bastille*.

— Eles não prendem aristocratas lá? — resmungou Jake. — É o melhor lugar para ele. Fique de olho nesse cara, Cassie.

Cassie olhou para Jake com surpresa, mas entusiasmada. Isabella se debruçou e deu uma tapa no joelho dele.

— Jake, não seja tão rabugento. Ele a levou ao museu Carnavalet[16]! É muito romântico. É deslumbrante — ela suspirou — e Richard também é.

— Ele é um deslumbrante e romântico rato — Jake obviamente não ia deixar para lá.

— Ei, espera aí — disse Cassie, gentilmente. — Você quer dizer que eu só consigo atrair ratos?

— Claro que não — ele riu para ela. — Mas ele é um sedutor. Se cuida, é só isso.

— Ele é um cara legal — disse Cassie, começando a sentir-se um pouco irritada. — Você não pode julgá-lo pela família dele. Ou pelo que ele tem. Aposto que não ia gostar se fizessem isso com você! — *Se bem que,* ela pensou, *você é quem precisa ser vigiado*.

O rosto de Jake fechou.

— Minha família não tem nada a ver com isso.

— Então, talvez a dele também não tenha!

— Jake, eu sei que você não gosta de Richard, mas não tem razão para isso — disse Isabella tranquilizando-o. — Você não deve ficar com a mão atrás. Você também é assim com Ranjit.

Cassie nunca tinha visto o rosto de alguém congelar antes. Ela tinha pensado que era apenas modo de dizer, mas a expressão de Jake tinha ficado rígida como uma pedra. Aquele olhar de ódio não lhe cabia bem. Mas era isso: ódio.

[16] O Carnavalet é um museu multidisciplinar de Paris, dedicado à preservação da história da capital da França, desde suas origens até os dias atuais. Fica em duas imponentes mansões, o *Hôtel Carnavalet* (do século XVI) e o *Hôtel Le Peletier de Saint-Fargeau* (do século XVII). Localiza-se no número 23 da rue de Sévigné (N.T.).

— Não fale sobre ele — Jake disse, então forçou suas feições para dar um sorriso —, e é o *pé* atrás, a propósito.

A respiração assustada de Isabella tinha ficado presa na garganta, mas então ela sorriu aliviada.

— Tudo bem, eu não falo. Richard não tem nada que você não tenha. Nada importante. — O bom humor dela parecia ter restaurado o humor de Jake. — Sim, mas eu sei o quão sedutor ele pode ser. Ele tentou isso comigo uma vez.

Cassie parou por um segundo.

— Ele tentou?

— Ah, claro. Mas ele não é meu tipo.

Pega de surpresa, ela rebateu:

— Então, é por isso que você não gosta dele?

— Não. Eu não me importei com o fato de ele dar em cima de mim, mas com certeza ele se importou que eu o tivesse rejeitado. Ele não me suporta desde então.

Isabella olhou feio para Jake.

— Agora você esta estragando o encontro de Cassie.

— Não, não está. Eu não me importo.

— Está certa. Richard Halton-Jones é um partidão, Cassie!

— Richard Halton-Jones é um rato no amor — resmungou Jake. — E não apenas com as garotas.

— Sabe de uma coisa? Eu acho que você é muito fofo de se preocupar comigo. Você não *precisa,* mas é muito cavalheiro da sua parte.

Isabella se debruçou novamente para dar um beijo na bochecha dele. Corando, ele deu um sorriso surpreso com o canto da boca.

— Que reuniãozinha aconchegante — disse uma voz gélida.

Jake praticamente derrubou Isabella do sofá, quando pulou ao se levantar. Sua vermelhidão era quase termonuclear agora.

— Katerina, eu...

A garota sueca fez sinal com uma mão elegante.

— Não, Jake. Eu não vou interromper. É adorável que Isabella esteja recebendo um pouco de atenção. Algumas vezes, acho que isso lhe falta.

É... Definitivamente estava mais para Rainha da Neve do que Rainha Dance. Katerina tinha escolhido onde ficar deliberadamente, Cassie percebeu, porque ela sabia que a luz que atravessava as altas janelas iria favorecer sua pele pálida. Ela também tinha escolhido o melhor plano de fundo: de costas para as cortinas azul-escuro, ela reluzia como um anjo frio. Jake parecia enfeitiçado. Isabella estava em polvorosa.

— Katerina! Não vá — implorou Jake. — Estávamos apenas conversando. Isabella estava apenas... Empolgada.

— Ah! Isabella está sempre empolgada. Com *tudo!* É isso o que gosto nela! Querida Isabella, eu acho que você compreende a vida e o amor muito melhor que todos nós. Sempre tão alegre. Como um cachorrinho!

Katerina estava com um sorriso de satisfação, mas Cassie não deixou de perceber a alfinetada implícita em suas palavras. Isabella puxou o ar, mas até mesmo ela tinha se calado. Cassie olhou com esperanças para Jake, esperando que ele bancasse o cavalheiro e partisse em defesa de Isabella. Por um momento pareceu que ele o faria. Então, ele fechou sua boca e olhou para Isabella, envergonhado.

— É mesmo, Isabella, eu adoro como você curte a vida! — disse ele, brilhantemente.

Ele parou por um momento, como se fosse se inclinar e beijá-la de volta, mas foi distraído por uma tossinha discreta.

— Jake, seja gentil — Katerina se voltou às prateleiras que iam do chão ao teto e passou os dedos por alguns livros de capa de couro. Jake se arrepiou como se os dedos dela tivessem tocado sua espinha. — Eu preciso do Voltaire e dos dois volumes de Rousseau, mas olhe para eles, são enormes! Eu acho que não consigo carregá-los sozinha.

— Sem problemas, Katerina — reverenciando-a, ele tirou os livros da prateleira e os carregou atrás dela. Cassie assistiu paralisada, enquanto eles desapareciam pelo corredor.

— Oh, você pode carregar meus livros, Jake? Ah!

Isabella recuperou a voz finalmente. Um *pouco tarde,* pensou Cassie com pesar.

— Aquele garoto vai estar terrivelmente deformado quando deixar a escola.

— Ele vai? — perguntou Cassie.

— De tanto ser contorcido pelo dedo de Katerina — Isabella cerrou os punhos, furiosamente. — Ele é muito burro para saber quando está sob rédeas curtas. Como um dos bois do meu pai. Rá, rá!

— Não se preocupe. Eu não acho que ele goste dela de verdade. Quero dizer, ela só está brincando com ele. Ela vai se cansar. Ele vai superar.

— Me preocupar? Por que eu me preocuparia? Por que me importaria se ele vai superar, ou se jogar no rio Sena de amor por ela? Eu não tenho interesse em um cara cujo cérebro fica no seu...

— *Isabella!*

As duas riram, e Isabella passou um braço pelo ombro de Cassie.

— Você está certa, eu sei disso. Pobre Jake, ele está enfeitiçado por ela desde que chegou à Academia. Jake é louco por Katerina, e Katerina é louca por Ranjit Singh, então Jake nunca a terá. Bem feito para ele — ela terminou com um comentário bem venenoso.

— É por isso que Jake não suporta Ranjit? Ele pareceu quase homicida quando você o mencionou.

— Ah, aquilo — Isabella mordeu o lábio de nervoso, mas logo em seguida recuperou sua compostura. — Bem... O amor pode fazer isso com garotos bobos. São os hormônios, claro. O implacável desejo primitivo dos órgãos sexuais.

— Para com isso! — Cassie deu uma risadinha.

— Essa seria uma solução extrema, mas...

Cassie deu uma gargalhada. — Para! Agora é sério. Jake também entrou como bolsista?

— Sim. Eu acho que isso o salvou — Isabella suspirou toda suave e solidária novamente. — Depois que a irmã dele morreu, ele ficou, como vocês dizem, fora de si. Ele ficou um pouco perturbado. Muitos problemas: brigas, gangues, drogas. Três escolas o expulsaram, mas Sir Alric ficou interessado no futuro dele, quis ajudá-lo.

A irmã de Jake morreu? Então era por isso que ele era tão irritável.

— Legal da parte de Sir Alric, mas... — Cassie encolheu os ombros, depois mordeu seu lábio. — Por que ele faria isso? Quero dizer, Jake nem parece ser tão grato.

— Ah, mas é claro que o Sir Alric se sentiu responsável! Jessica Johnson tinha bolsa aqui antes de Jake.

— Ah, tá. Então, ele mais ou menos conhecia Jake por causa da irmã dele?

— Ele ofereceu a bolsa para Jake em memória à irmã. Sir Alric estava certo de fazer isso, eu acho. Foi um jeito legal de se comportar, não importa o que Jake diga — Isabella apertou o braço de Cassie e baixou o tom de voz: — Foi na escola que aconteceu.

— Aconteceu o quê? — Cassie sentiu um arrepio na espinha.

— O acidente. A irmã de Jake morreu na *Academia Darke*.

Capítulo 7

Cassie se apoiou na coluna rebuscada e olhou para baixo da escada da asa oeste. Fora lá que Ranjit havia ficado parado, observando-a, há três semanas. Ela tentou se lembrar de quanto medo havia sentido naquela noite, mas sob a luz do dia a escada parecia apenas bonita, nada ameaçadora. Debaixo dela, outros alunos iam apressados para a sala de jantar, batendo papo e rindo livremente. Sobressaindo do burburinho geral, ela escutou o riso brusco e confiante de Richard, e sorriu.

Até então, ela não conseguia perceber absolutamente nada de errado.

Assim que o barulho e a fofoca desapareceram, Cassie esperou, franzindo a testa. A coluna era todo em espirais de ferro preto, decorado com arabescos dourados de pena e sol. Olhando por cima de seus ombros, ela viu a si mesma e a alta janela com vista para o sul, refletidas em um espelho com ornamentos dourados. Não dava para imaginar que aquele lugar pudesse parecer tão escuro e sinistro. Cassie balançou a cabeça.

Ela morreu na Academia Darke. A irmã de Jake morreu...

Na Academia, no Camboja. Isabella tinha ficado relutante em explicar, o que era incomum para ela. Cassie teve de atormentá-la durante dias.

— Eu não devia falar sobre isso. Sério, Cassie. Uma coisa horrível. Tão triste. Uma morte tão prematura. E não foi a prim...

A colega de quarto dela, atipicamente, tinha ruborizado e cerrado os lábios. Nenhum tipo de perturbação da parte de Cassie poderia persuadi-la a terminar aquela frase.

E não foi a primeira, além disso. Era isso que ela estava prestes a dizer?

Não. Poderia ter sido qualquer coisa. Droga, Isabella poderia ter quase dito: "não foi a primeira vez que alguém sofreu um acidente", ou "não foi a primeira

vítima de um trágico e prematuro ataque cardíaco". Mas, de alguma forma, Cassie não achava que seria alguma dessas duas opções.

— Eu não sei o que aconteceu — Isabella encolheu os ombros com tristeza. — Nunca nos contaram os detalhes. Não pareceu... Certo perguntar, né? Houve muitos rumores. Sempre há.

Cassie tinha mordido os lábios, esperando que não parecesse morbidamente curiosa.

— Que tipo de rumores?

— Ah, coisas terríveis. As pessoas inventam coisas quando não há informações. É por isso que acho que deviam ter nos explicado. Assim não começam as fofocas — Isabella hesitou, cutucando uma unha. — A propósito, você se parece com ela.

— Com a irmã de Jake? — Cassie estremeceu. Parecer-se com uma garota morta não era um pensamento atraente.

— Um pouco. Não exatamente, claro, mas os olhos dela eram quase da mesma cor que os seus. Não tão claros, mas, ainda assim, verde-amarelado. E uma expressão similar... Como se diz, esperta. Inteligente. Eu acho que Jake se assustou quando lhe viu pela primeira vez.

Cassie se lembrou. Bizarro.

— Então, quais eram os rumores?

— Ah, coisas malucas. Que o corpo dela estava... Danificado.

— *O quê?* — Cassie engoliu em seco. — Mutilado, você quer dizer? Como se tivesse sido assassinada deliberadamente?

Pobre Jake.

— Não, não. Eu não sei. Não mutilado. Mais para... Esvaziado, desidratado. Talvez ela tenha se cortado, sangrado até a morte... É o que eu acho. Por acidente ou não, quem pode saber? Algo tão simples e tão trágico.

— Pelo amor de Deus. Isso não esvaziaria o corpo dela todo.

Isabella deu de ombros.

— Talvez ela tenha ficado deitada ao sol por tempo demais. Antes de a encontrarem, acho. Horrível, mas foi tudo exagerado, tenho certeza. Ai, as coisas horrorosas que as pessoas dizem. E é por isso...

— Por isso o quê? Vai Isabella, desembucha!

Isabella suspirou, passando os dedos pelo cabelo.

— É por isso que Jake não gosta de Ranjit. Jess era namorada de Ranjit, entende? Houve rumores de que ele estaria envolvido.

Cassie ficou pálida.

— Mas isso...

— É loucura, claro! Mas é difícil para Jake ignorar a fofoca. Ele não consegue parar de pensar que Ranjit talvez... Bem, eu nem gosto de dizer isso. Foi um terrível acidente, mas isso foi tudo, e Jake está preso ao sofrimento. Ele não consegue tolerar que a culpa esteja apenas na má sorte da escola.

— Má sorte — repetiu Cassie, passando a língua nos lábios ressecados.

Desidratado...

— Sim. Apenas má sorte. Temos sorte de Sir Alric ter amigos influentes. Nossos pais, também. Isto é, quero dizer... — mordendo os lábios, ela ficou muito vermelha e se apressou. — Tais incidentes podem destruir uma escola, né?

— Tais incidentes... — em algum momento, pensou Cassie, ela teria algo original para dizer, ao invés de repetir Isabella como um papagaio atordoado.

— Acidentes, eu devia dizer. Alguns anos antes. Antes desse... Bem... Não vamos falar sobre isso, Cassie. Vamos falar sobre Richard!

O que, naquele ponto da conversa, Cassie estaria mais que feliz em fazer.

Ainda assim, não era o jeito de Isabella fechar a boca. *Ah! Grandes meias palavras do nosso tempo,* pensou Cassie carinhosamente. Oh, provavelmente ela estava imaginando coisas. Sendo paranoica. Ela não estava tendo revelações miraculosas só por estar de pé na escada. Além disso, ela estava com fome. Isabella estaria na sala de jantar e Richard também. Ela iria encontrá-lo mais tarde, mas seria legal cruzar com ele agora.

Ela estava no meio do lance de escada, em direção ao terceiro andar, quando ouviu vozes. Elas não eram baixas. Ecoavam claras e confiantes, e Cassie as reconheceu imediatamente. Especialmente a voz de Richard.

— Ah, convenhamos, Katerina. Não é de você ficar insegura.

— Insegura? — a voz congelou Cassie onde estava, tamanha malevolência havia nela. — Não consigo entender o que quer dizer, Richard.

Uma porta escondida bateu e Cassie pulou. Os dois estavam naquele longo corredor com fileiras de bustos clássicos, aquele por onde ela seguiu Jake, que dava no quarto dos *Escolhidos;* ela percebeu com espanto.

Olhando para os arcos ansiosamente, Cassie correu descendo as escadas para o andar e se enfiou atrás de um armário com cobertura de marfim. Um relógio dourado enorme e dois candelabros obscureciam sua visão, mas ela podia espiar quem passava.

Insano, Cassie pensou, quase rindo. Por que ela estava se escondendo? Era apenas Richard. E Katerina, claro, mas não era como se tivesse medo do *rottweiler* polar. Ainda assim, quando eles apareceram no fim do corredor, Cassie não saiu para dar um oi. Ainda não. Aqueles instintos pulsando novamente...

— Querida, ela é uma maloqueira do interior — cruzando os braços, Richard ergueu uma sobrancelha irônica para Katerina. — Você não se sente realmente ameaçada, sente?

O corpo todo de Cassie ficou rígido. Por um momento, ela não conseguia respirar.

— "Maloqueira do interior". Que jogo de palavras exóticas Richard — Katerina parecia imensamente entediada. — Aquela coisa de pobre garotinha

bolsista. Como isso me incomoda. Parece uma gatinha sonhadora. Ainda assim, você parece ter certo carinho por ela.

— Não seja boba, querida Katerina. Ela é uma companhia agradável e eu a acho divertida. Você também acha, seja honesta.

— Oh, hilária — Katerina torceu o nariz.

— Eu também não sou o único a ter *certo carinho* por ela — murmurou Richard. — Jake mal a perde de vista, se você entende onde eu quero chegar.

— Ah, sim. O instinto protetor dele — disse Katerina, com desdém. — Ela é muito parecida com a pobrezinha da Jessica, é verdade.

— Isso não te preocupa? — havia maldade no tom de voz dele. — Jessica era bonita também.

— Por que isso me preocuparia? — ela rebateu. — Ranjit tinha uma quedinha boba por uma garota que estava abaixo dele. E isso acabou em lágrimas, não foi? — seus lábios tremeram, quando ela se olhou no espelho mais próximo. — É improvável que ele cometa o mesmo erro.

— É isso que eu amo em você — Richard piscou. — O eterno otimismo.

Katerina disparou um olhar maligno.

— E aquela criatura das fazendas de gado encoraja Cassie a pensar que ela é mais do que é. Por Deus, querido, você acha que Isabella poderia pelo menos encorajá-la a cortar o cabelo e comprar roupas decentes? Sua "maloqueira" não consegue nem *pronunciar* Versace. Ela nem saberia distinguir Prada de Primark[17].

— Talvez a bela Isabella pudesse doar algumas roupas usadas — Richard deu uma risadinha. — Não é a toa que Sir Alric se esconde em seu escritório. Quero dizer, da até medo pensar o que pessoas como Cassie Bell e Jake Johnson vão vestir no baile de Natal. Os pobretões rejeitados não fazem nada pela estética do lugar, não acha?

[17] Primark é uma loja de departamentos britânica, conhecida pelos preços bastante acessíveis (N.T.).

Eles obviamente planejavam meter o pau nos outros, antes de chegar ao topo da escada, e Cassie podia ouvir cada palavra. Ela gostaria que não pudesse. Suas bochechas queimavam de vergonha e fúria, e ela queria desesperadamente sair, agarrar o pescoço deles com cada punho e dizer àqueles cretinos o que ela pensava deles. Mas algo a impediu.

Devagar, Katerina enrolava uma mecha de seu cabelo claro e sedoso.

— Eu não consigo entender por que Sir Alric encoraja essa coisa sem sentido de bolsas de estudos.

— Agora, querida — disse Richard em tom de ameaça —, você sabe muito bem o porquê. Além disso, é excelente para as relações públicas. Nós estaríamos em grandes apuros se Sir Alric não fosse tão hábil nesse departamento.

Como eu pude ter sido tão estúpida?

Mesmo atolada em raiva e vergonha deprimentes, Cassie ficou intrigada. Tinha algo errado ali. Não era coisa da sua imaginação. A imagem de mundo perfeito da Academia escondia algo muito feio, ela tinha certeza disso. O mesmo se aplicava aos rostos bonitos de Richard e Katerina.

Alguma coisa quente fez arder seus olhos, e ela cerrou os dentes. Para o inferno com isso. Ele não a faria chorar. Ele era uma versão masculina de Katerina: levando ela no bico, do mesmo modo como Katerina seduzira Jake. Ela estava humilhada, era isso.

Richard tinha se virado no topo da escada, rindo para Katerina.

— Você não está com fome?

— Morrendo de fome, querido. Mas acho que devo pular o almoço. E você?

Richard deu uma gargalhada novamente.

— Você sabe, eu prefiro agradar uma dinamarquesa.

— Fique longe de Ingrid! — o olhar de Katerina era devorador, senão entretido. — Ela é minha colega de quarto. Se Sir Alric pudesse te escutar...

— Não tem senso de humor, este é o problema dele — com uma risadinha de deleite, Richard desceu as escadas.

Katerina ficou parada por um longo momento, sem se mexer, piscando para o espelho. Cassie ficou bem imóvel. Katerina deu para si mesma um último sorriso refletido pelo espelho, virou e desapareceu em direção ao corredor com fileiras de bustos. Cassie não ousou se mover até que ouviu a porta abrir e fechar suavemente mais uma vez. Então, ela escapou.

Ela não conseguia encarar a sala de jantar: as paredes de seda vermelha, o linho e o cristal, o zum-zum-zum da fofoca. Ela não podia enfrentar os olhares de soslaio dissimulados dos outros alunos. Enjoada, percebeu que não precisava ter se incomodado em lutar para aprender qual maldito garfo usar. Eles sempre a desprezariam, sempre. Deus, será que cada um deles sabia que ela tinha se feito de boba? *Cassie, tonta!* Se deixando encantar por dentes brancos, olhos convidativos e uma boa lábia. Ela não conseguia nem encarar Isabella ou Jake.

Recuando, foi se infiltrando pela passagem e fugiu pelas janelas francesas. Seus olhos arderam novamente enquanto ela corria entre duas grandes urnas de pedra. Ela desceu correndo as escadas, pulando dois degraus por vez, e saiu tropeçando por toda a extensão do gramado até a sombra de antigas castanheiras. Já coloridas pelo outono, as árvores eram lindas. Murmurando, ela esmurrou uma delas, forte. Depois, bateu de novo. E de novo.

Aquilo a aliviou. Não muito, mas pelo menos suas juntas machucadas a distraíam de seu orgulho ferido. *Aquilo era o que era,* ela pensou. Não um coração partido. Apenas seu estúpido orgulho partido. Quem ela pensava que era, tentando impressionar um riquinho canalha como Richard Halton-Jones? Com tristeza, ela apertou seu punho esfolado, depois o levantou para esfregar uma lágrima perdida. As árvores em tom de bronze e dourado eram respingadas pela luz do sol, animadas como uma pintura impressionista. Olhando fixamente para elas, desejava mais do que qualquer coisa estar de volta ao pátio infértil, ao arame enferrujado e a grama marrom esburacada de Cranlake Crescent. Só de pensar nisso, sua visão ficou turva.

Uma silhueta diferente apareceu em sua visão distorcida, movendo-se intencionalmente pelo gramado. Alto e humanoide. *Oh, inferno.* Quando a silhueta ficou debaixo das sombras das árvores igualmente turvas, a figura

parou subitamente. Espantada, Cassie esfregou os olhos para limpá-los e piscou. Não apenas o inferno, mas duas vezes o inferno.

Ranjit.

Por um momento ele ficou parado, perplexo, encarando-a. Brava consigo mesma, ela piscou novamente. O lindíssimo Ranjit. Ai, Deus, que típico: esta foi a primeira vez em semanas que ele tinha enxergado um pouco além de seu nariz de príncipe para notá-la, e aqui estava ela com os olhos vermelhos, o nariz entupido e a carranca de uma víbora mal-humorada.

Ele a olhou de cima a baixo.

— Qual é o problema?

— Nada — ela respondeu bruscamente. — Estou bem.

Por que está sendo grosseira com ele, Cassie?

— Você não parece bem. Qual é o problema?

— Não tem problema — ela cerrou os punhos. — Ou pelo menos nada que eu não possa controlar. Eu não preciso da sua ajuda.

O olhar dele era direto, sem desvios. A fez tremer.

— Não tenha tanta certeza disso.

Sem saber o que dizer, ela podia apenas olhá-lo de volta, respirando profundamente. *Você pode tirar* a *garota de Cranlake Crescent,* ela pensou amargamente, *mas não pode tirar Cranlake Crescent de dentro da garota.* A absoluta beleza dele o tornava uma pessoa não confiável: veja o Richard. Ela tinha de manter a guarda alta. A última meia hora de humilhação tinha doído muito.

— Eu vou te dar um conselho — disse ele.

— Eu querendo ou não?

— Sim — os olhos de Ranjit estavam frios. — Fique longe de Richard Halton-Jones.

— Eu percebi isso sozinha, obrigada — ela disparou.

— Oh, entendi — ele fez uma careta. — Sinto muito.

— Por favor, não sinta. Apenas suma daqui.

Cassie mordeu o lábio com força, desesperada para não cair em lágrimas na frente dele.

— Tudo bem, se você me fizer um favor também. Na verdade, se fizer um favor a si mesma. Fique longe de todos nós.

— Eu não sou boa o bastante para os preciosos *Escolhidos*, é isso?

— Ah, desça do cavalo antes que caia. Ouça se você se envolver com os *Escolhidos*, vai se arrepender.

Cassie sentiu o sangue subir quente pelo seu pescoço e garganta.

— Você está me ameaçando?

— Não, estou te avisando.

— E por que diabos é da sua conta me avisar?

— Eu fiz isso ser da minha conta, Cassandra.

Da forma como disse o nome dela, ele quase pareceu preocupado, mas quando ela olhou para o rosto dele parecia um estudo sobre impenetrabilidade. *Idiota.*

— Bem, você pode desfazer isso, então. Eu não preciso do seu conselho ou dos seus avisos. E eu *realmente* não preciso que você fique me perseguindo pelos corredores no meio da noite.

Os olhos de Ranjit se arregalaram, e Cassie deu um sorriso cínico interno. Ele não esperava por essa.

— Eu não estava... — ele encolheu os ombros e deu um sorriso estranho e amargo. — Bem, se você é tão perfeitamente autossuficiente, não vou perder meu tempo me preocupando com você.

Com descrença, Cassie observou enquanto ele atravessava o gramado. Ele nem ao menos deu uma olhadinha para trás, o cretino metido. Ele podia ir se ferrar. Porque, é claro, que qualquer outra pessoa jamais seria boa o bastante. Cassie largou o corpo contra o tronco da árvore, ainda o encarando.

Nunca tinha conhecido alguém tão imbecil na vida dela. E ela estava loucamente atraída por ele.

Capítulo 8

Os olhos de Cassie se abriram. Deve ter sido um pesadelo. Esfregando os braços, ela encarava a cortina esvoaçante e ouvia o silêncio da luz do luar. Tinha ficado deitada acordada até depois da meia-noite, contorcendo-se por dentro por causa de Richard. Quer dizer que a durona e malandra da Cassie Bell tinha se apaixonado levemente por um pouco de charme sem queixo? Patético.

Não que ele fosse realmente sem queixo. Era lindo demais, na verdade. Mas tudo era superficial. E havia uma boa chance de que o resto desses riquinhos mimados fosse assim também. Portanto, ela devia parar de permitir que Ranjit invadisse seus pensamentos do jeito que fez. Ela tinha certeza de que ele havia participado do pesadelo que a tinha acordado há pouco, embora ela não conseguisse se lembrar dos detalhes. O pesadelo tinha se dissipado assim que ela acordou, mas ainda podia sentir um par de olhos noturnos marcados dentro de suas pálpebras. E o silêncio sempre tão ameaçador de um pesadelo, embora ela pudesse ouvir o eco de um murmúrio imaginário.

Não. Não era um eco, e ela não tinha imaginado. Era realmente um murmúrio. Cassie balançou suas pernas para fora da cama e ficou parada de pé. Passos suave. Vozes mais suaves ainda.

Como de costume, Isabella estava dormindo como um bebê sedado. Cassie quase quis chacoalhá-la para que acordasse, mas resistiu à tentação. Ela mesma poderia ficar na cama. Ela *deveria* ficar na cama. O que tinha de fazer agora era cobrir a cabeça com as macias roupas de cama, tapando o som das vozes murmurantes, e voltar a dormir. O que ela devia fazer mesmo, mesmo, era cuidar de sua própria vida... Claro...

O longo casaco de casimira de Isabella estava pendurado na cadeira. Jogando-o nos ombros, Cassie abriu a porta. Ainda era outubro e, embora não estivesse frio, ela tremeu enquanto andava cuidadosamente pelo corredor. Jake de novo? Desta vez, ela iria confrontá-lo. Desta vez, ela iria descobrir o que ele estava armando.

Não era Jake.

Cassie se espremeu contra a parede. Duas meninas estavam andando silenciosamente em direção à asa oeste, e ela teria reconhecido uma das silhuetas em qualquer lugar: pequena e perfeitamente estruturada, com cabelo preto repicado. Keiko. A garota que estava com ela era um pouco mais alta e loura. Cassie levou um tempo para reconhecê-la, já que seu cabelo geralmente ficava preso em um elegante coque: Alice, a colega de quarto de Keiko.

Conforme a luz de um castiçal de parede caiu sobre as duas, Cassie viu os dedos de Keiko presos em volta do pulso de Alice. Ela não estava arrastando Alice, exatamente, mas esta não parecia muito animada em acompanhar Keiko. Cassie franziu a testa.

— Keiko — o murmúrio de Alice se dispersou pelo corredor silencioso —, eu não gosto disso — ela deu um puxão em Keiko, forçando-a a parar.

Keiko se virou para olhar sua colega de quarto, encarando-a em silêncio por um momento. Cassie se espremeu ainda mais contra a parede.

— Eu já te disse — murmurou Keiko suavemente. — É um pedido dos *Escolhidos*. Você não pode dizer não. Vamos lá, Alice. O que poderia acontecer?

— Eu não sei. Eu não... O que aconteceu da última vez? Quero dizer, eu não me lembro.

Keiko apertou seus dedos no pulso de Alice e a puxou para continuar.

— É porque você bebeu demais. Acredite em mim, você se divertiu.

— É mesmo?

— Claro. Venha sim, é um privilégio. Tomar uns drinques tarde da noite no quarto coletivo dos *Escolhidos*? Há garotas nesta escola que matariam pela chance que você está tendo.

— É? Então, por que eu?

— Você tem sorte de me ter como colega de quarto, é isso.

Keiko sorriu para ela de um jeito que Cassie não gostou nem um pouco, nem mesmo a distância. Mas Alice pareceu recuperar a confiança.

— Bem, não me deixe beber tanto desta vez, tá?

— Ok! Também vou tentar não beber tanto — o tom de Keiko ficou mais insistente. — Do que você lembra mesmo? Da última vez?

— Apenas de estar lá. Muita conversa. Tomar um drinque. Nada além disso — Alice encolheu os ombros e quase deu uma risadinha. — Eu não percebi que tinha bebido tanto.

— Vou tomar conta de você — Keiko sorriu, apertando o braço dela. — Não se preocupe com isso.

Soltando sua colega de quarto, Keiko se virou e prosseguiu como se não se importasse se Alice viria com ela ou não. Alice hesitou por um momento, depois correu atrás dela.

Seguindo as duas, Cassie ficou bem para trás. Ela não queria que Keiko a notasse de forma alguma, e sabia para onde estavam indo. Keiko andou de leve propositadamente para a escada da asa oeste, então conduziu Alice para subir ao terceiro andar e pelo corredor onde os bustos de olhos brancos ficavam, a postos, como vigilantes fantasmas.

Cassie avançou em direção ao caminho de arcos, arriscando espiar pela quina do corredor. No fim dele, as sombras se aprofundaram, mas uma linha de luz esverdeada apareceu por baixo da porta. Keiko não bateu na porta. Ela virou a maçaneta e conduziu Alice para dentro do quarto coletivo.

Cassie soltou o ar, aliviada. E agora? Ela não podia ficar lá de pé até que elas voltassem. Por outro lado, se voltasse para a cama não dormiria do mesmo jeito. Essa era sua única chance de investigar ou ela estaria frita se deixasse a oportunidade passar. *Vá em frente, Cassie.* Cerrando os punhos, ela se obrigou a colocar um pé na frente do outro. E novamente. *Vamos lá.* Agora, ela podia ouvir o tinido baixinho do cristal e as vozes murmurando suavemente. Pouco parecia uma festa louca à meia-noite, mas a porta era grossa e os sons abafados. Ela teve de se aproximar.

Um *flash* de luz no canto do olho dela quase a fez chorar. Na escuridão daqueles espaços profundos perto da porta, algo se moveu. Cassie congelou.

Assim que seus olhos se ajustaram, ela pode entender. Um vulto, um vulto humano.

Jake Johnson. Claro.

A luz tinha refletido em seu relógio e, enquanto ela se obrigava a ir devagar até ele, viu os dedos dele envolvendo o pulso para tentar esconder o relógio. Ele tinha percebido. Levantando os olhos, ela encontrou os dele. Ele estava sem expressão, mas o pequeno movimento repentino que ele fez com a cabeça foi claro o suficiente: *Se manda daqui e volte para a cama...*

Então, algo o distraiu e ele recuou para dentro da saleta. Passos. Ela também ouviu. E não tinha como sair de lá. Os passos estavam quase chegando agora. Ela não conseguiria sair pelo corredor sem ser notada. Ela podia correr para Jake, entrar de mansinho e se esconder com ele. Mas, então, Cassie pensou no objetivo sinistro das rondas noturnas de Jake. Ela queria ficar com ele no escuro silencioso, com medo de ser encontrada, completamente nas mãos dele? Não, ela decidiu. Afundando as unhas nas palmas das mãos, puxando o ar com força e medo, Cassie deu meia-volta.

No início do corredor, um homem parou bruscamente. Ela tinha apenas visto o retrato dele — *que não fazia justiça,* ela pensou. Os olhos dele eram cinza como aço e estavam fixos nela, a única luz em um rosto de pedra. Ele não podia realmente ter mais de dois metros de altura, mas essa foi a impressão que deu. Os fios de cabelo na nuca de Cassie se arrepiaram como se respondessem a um campo de força elétrico.

Sir Alric Darke sorriu.

— Cassie Bell.

Ela sorriu de volta, o sorriso mais alegre e imbecil que ela conseguiu dar.

— Isso mesmo. Olá — ela agitou a mão, em um cumprimento tímido.

— Você parece estar perdida e é muito tarde. Posso ajudá-la?

Com os nervos tinindo por pensar em Jake atrás dela, Cassie se aproximou de Sir Alric. Os olhos dele deram uma olhada por trás dela. Ela parou na frente dele, determinada a prender sua atenção.

— O senhor poderia, por favor? Não tenho senso de direção.
Ele deu um sorriso gentil.

— É mesmo um lugar grande, não é? Vou encontrar alguém para te acompanhar de volta. A propósito, sou Alric Darke.

— Eu sei. Sim. Quero dizer — Cassie limpou a garganta, mantendo seu sorriso no lugar. — Eu vi o quadro.

A mão dele apertou o cotovelo de Cassie, e ele a guiou até a porta do quarto coletivo. Ele parecia gentil, mas havia aquele campo de força em volta dele, de comando e ameaça potencial. Quando passaram por Jake, Cassie manteve o olhar fixo na porta, com medo de entregá-lo.

Sir Alric abriu a porta e levou Cassie para dentro do quarto.

A luz era escura, mas o quarto parecia tão elegante quanto o resto da Academia. Ela viu vagamente as poltronas de couro vermelho-escuro, os abajures barrocos, a parede em madeira elaborada e os quadros ricos em cores. Ela avistou pessoas conhecidas, também: Katerina, Keiko, um ex-aluno russo que era da sala de esgrima dela. Richard pareceu surpreso ao vê-la. Havia outros, também, dos lindos *Escolhidos*, mas não Ranjit.

E lá estava Alice sentada em uma cadeira dourada, com uma taça de prata na mão, parada e estupefata.

— Keiko — a voz de Sir Alric era calma, mas tinha tom de perigo.

A garota japonesa se virou, com o rosto mais pálido que de costume.

— O que Alice está fazendo aqui?

— Ela... Veja bem, eu...

— Colegas de quarto — ele disse — deveriam ser respeitados.

— Eu estava apenas...

— E eu deveria ser informado de todas as reuniões noturnas. Não?

Obedientemente ela disse:

— Claro, Sir Alric. Desculpe-me.

Por mais que Cassie não gostasse de Keiko, Sir Alric pareceu estar reagindo de forma extremamente exagerada por causa de uma festinha noturna. Os dedos dele em seu braço pareciam de ferro.

— Katerina — ele disse suavemente —, limpe tudo aqui. Quando eu voltar em dez minutos, quero que todos tenham ido. Você, pelo menos, deveria saber bem. Keiko, venha conosco, por favor. Cassie está perdida. Você vai mostrá-la o caminho de volta.

Keiko ficou de pé em seu lugar ao lado de Alice, olhando para Cassie com um olhar de puro ódio, que se dissolveu em um doce sorriso para Sir Alric.

— Claro.

Cassie achou que Sir Alric iria deixá-la à mercê da amável Keiko, mas ele as acompanhou para fora, parando para fechar a porta. Cassie arriscou um olhar para a sala onde estava Jake. Estava vazia. Ele obviamente tinha conseguido escapar enquanto estavam dentro do quarto coletivo.

— Cassie, por favor, nos aguarde no fim do corredor. Keiko, você pode ficar aqui um momento.

Com um olhar de repreensão para Cassie, Keiko esperou. Com vergonha, e até mesmo com um pouco de pena dela, Cassie se afastou. Talvez Sir Alric não tivesse percebido o quanto a audição dela era boa, completamente afiada por espionar Jilly Beaton. Cassie tinha certeza de que ele não queria que ela ouvisse o sermão que estava dando em Keiko, a dez metros de distância. A voz dele era suave, mas homicida:

— *Compartilhar é proibido!*

— *Eu sei, Sir Alric, mas...*

— *Considere este seu último aviso, Keiko. Há boas razões para uma colega de quarto ter sido designada a você. Entendeu?*

— *Sim, Sir Alric. Eu entendi.*

Sem mais, ele deu meia-volta e caminhou em direção a Cassie; Keiko, mal-humorada, se arrastava atrás dele.

— Me desculpe por não ter feito questão de encontrá-la antes, Cassie — a voz de Sir Alric não era mais feroz e fria, era amável, ela pensou. Ressonante como música. — Eu estou constantemente amarrado a questões administrativas.

— Ah, sim, não se preocupe. O senhor é muito melhor que Jilly Beaton — ela ficou vermelha. — De Cranlake Crescent, quero dizer. Onde eu estava antes.

Atrás deles, Keiko estava em silêncio, no entanto, Cassie podia sentir o desprezo emanando dela.

— Claro — disse Sir Alric depois de uma longa pausa. — Deve ser um choque cultural muito grande para você, mas acredito que esteja se encaixando muito bem. Eu escuto coisas boas sobre você dos professores e dos *Escolhidos*. Nós estamos encantados em tê-la aqui na *Academia Darke*, Cassie, encantados.

— Hum — ela resmungou de forma estranha —, ótimo. Obrigada.

— E você está feliz aqui?

Ele virou a cabeça e ela se sentiu obrigada a olhar para ele. Era realmente um homem incrível. Devia estar beirando os 60, mas ainda era bonito, e seu carisma podia nocautear uma pessoa.

Ela sorriu.

— Sim. Oh, é... Incrível. Sim, claro que eu adoro aqui — engraçado ou não, ela percebeu que era absolutamente verdade.

— Bom. Isso é bom — ele confirmou com a cabeça. — Há algo que te preocupe? Quaisquer... Preocupações?

Cassie encolheu os ombros, desviando o olhar.

— Hum... Não. Deveria haver? — observação idiota, ela pensou, punindo-se mentalmente.

Mas Sir Alric não ouviu, ou fingiu não ter ouvido.

— Estou contente. Eu encorajo os alunos a virem até mim se tiverem algum problema, não importa o quão trivial seja. Você vai se lembrar disso, não vai, Cassie? — ele sorriu novamente para ela de forma tão radiante e contagiante, que ela só podia devolver o sorriso. — Alguns alunos me acham um pouco... Inacessível. Um pouco distante. Isso é culpa minha, claro, mas não quero que você se sinta dessa forma. Sinta-se à vontade para vir ao meu escritório em qualquer momento, Cassie. Se tiver qualquer pergunta, se precisar pedir ajuda ou conselho... É para isso que estou aqui.

Eles tinham chegado ao topo da escada da asa oeste agora, ele a havia conduzido por todo o corredor. Keiko ainda não tinha falado, mas o silêncio dela era furioso. Ela estava fervendo, mas era impossível saber se Sir Alric tinha notado. Cassie estava feliz que ele estivesse entre elas. Ela se sentia mais segura com ele. Então, o coração dela disparou quando entraram no grande saguão de entrada e Sir Alric parou.

— Keiko irá mostrar o caminho de volta para o seu quarto.

— Oh, eu não preciso... Estou bem agora, eu posso me virar sozinha.

Ele fez que não e sorriu.

— Eu me preocuparia. Esse seu senso de direção! Por favor, Cassie, deixe Keiko levá-la de volta.

— Mas... Ok! — Cassie deu uma olhada para Keiko, mas a garota estava divagando.

— Estou feliz por finalmente tê-la conhecido. Você será um ganho para a Academia, sei disso. Você se encaixa como se tivesse nascido aqui — ele segurou a mão dela. — Tome cuidado, Cassie — a voz dele esfriou. — Keiko, no meu escritório. Primeira coisa amanhã.

Keiko ficou silenciosa até que os passos dele tivessem desaparecido. Então, Cassie a ouviu murmurar, tão baixinho que nem tinha certeza se Keiko estava falando com ela:

— Você sabe quem são estas estátuas?

Ela estava realmente tentando uma conversa? Surpresa, Cassie balançou a cabeça.

— Aquiles? — ela disse duvidosa. — E eu reconheci Leda e o Cisne no pátio.

Keiko fez uma cara de desdém.

— O Cisne é Zeus disfarçado, fazendo o que bem entendia com uma mera mortal.

— Eu sei disso — disse Cassie, irritada com o tom condescendente. — E aquele é Hermes, certo?

— Sim.

Keiko, desinteressada em Hermes, virou-se para um cervo paralisado de terror, cães de caça de mármore estraçalhavam seu lombo. Uma mulher belamente esculpida observava com desdém.

Tinha uma frieza no ar, pensou Cassie.

— E quem é aquela?

— Ártemis. A deusa da caça — disse Keiko, parecendo entretida. — O cervo é Acteão, um caçador que ousou espiar Ártemis enquanto ela se banhava. Ártemis o transformou em cervo como castigo. E, então, sua matilha o estraçalhou em pedaços.

O silêncio estava impregnado de ameaça. Keiko definitivamente não estava tentando ser amigável. A garota deu uma gargalhada irritante.

— Oh, é apenas um *mito.* Um aviso dos antigos. Os deuses não devem ser tratados com pouco caso, você entende? Não se deve zombar dos deuses. Quero dizer, pegue o exemplo dessa pequena tragédia...

Quase contra sua vontade, Cassie se viu seguindo Keiko pelo corredor, onde uma mulher de mármore se curvava aos pés de outra. A suplicante levantava uma mão frágil para se proteger ou pedir misericórdia. A mulher acima dela, com um machado preparado para golpear, não parecia saber o significado dessa palavra.

— Está é sua xará, você sabia? — Keiko tocou a mão de mármore em suplica. — Cassandra. Você conhece a maldição de Cassandra?

Cassie fez que não com a cabeça, não confiando em si mesma para falar.

— Ela era uma profetisa. Sempre muito primorosa e inteligente, porque suas profecias sempre se concretizavam — Keiko torceu o nariz. — Cassandra nunca estava errada. Oh, sim, ela sempre sabia quando algo horrível ia acontecer. Mas ninguém nunca acreditava nela — o sorriso de Keiko era estranho. — Ninguém.

Cassie limpou a garganta.

— Isso é uma pena.

— Não é? Esta é Clitemnestra, que assassinou Cassandra quando Agamenon a trouxe de volta de Tróia. Cassandra sabia que isso aconteceria, também. Ela se recusou a entrar no palácio, gritava que sentia cheiro de sangue.

— Entendi — o coração de Cassie batia freneticamente. — E ninguém acreditou nisso também?

— Ninguém acreditou nisso também — Keiko balançou a cabeça simulando uma tristeza. — E então ela entrou no palácio — a garota fez que não com a cabeça para o machado de Clitemnestra — e recebeu o que a esperava.

— Pobre Cassandra — disse Cassie, mantendo seu tom de voz.

— É mesmo — Keiko suspirou, mas algo pareceu estalar dentro dela. — Bem, não vamos perder mais tempo.

— Não preciso da sua ajuda — disse Cassie severamente. — Não se preocupe em vir comigo. Eu não contarei para Sir Alric.

— Você é *muito* gentil. Como ele — provocou Keiko.

— Ah, é?

— É. Você não se encaixa, *Cassandra.* Você se acha muito esperta, não acha? — toda a falsa cortesia tinha desaparecido e ela bufava com desprezo. — Você é um exercício de relações públicas, nunca se esqueça disso. Você está aqui para o nosso bem, e não o contrário.

Cassie cerrou os punhos para impedir a si mesma de bater em Keiko. *Não perca* a *calma, Cassie. É isso o que ela quer.*

— Qual é o problema dele? Por que Alice não pode entrar no quarto coletivo? — Cassie adicionou sarcasticamente. — Assunto dos *Escolhidos*, é isso?

Keiko não respondeu. Dando um passo para trás, depois mais dois, ela estendeu a mão para alisar o tronco do veado aterrorizado. Os dedos dela passearam pelo mármore frio para acariciar o focinho com dentes a mostra de um dos cães de caça. Cassie estremeceu. Era uma escultura e tanto. Os caninos pareciam ter sido enfiados em carne de verdade.

— Fique fora disso, Cassie Bell, se sabe o que é melhor para você. — Keiko deu meia-volta, depois, colocou seu cabelo brilhoso atrás da orelha e deu um sorriso para Cassie. — E durma bem.

Capítulo 9

— Que estátua que nada — Isabella estava de pé com os braços cruzados e tinha uma expressão de empolgação e determinação em seu rosto. — É isso que eu chamo de um belo Hermès[18].

— Você me irrita — Cassie levantou uma sobrancelha. — Você podia comprar um pequeno país com esse dinheiro.

Isabella acariciou o couro macio e escorregadio da bolsa.

— E o que eu ia querer com um pequeno país? Deixe-me comprar para você também, Cassie! Você não vai se decepcionar. Não é uma gratificação, é um investimento!

— Um pequeno país?

Isabella deu uma cotovelada no quadril de Cassie, tão forte que a risadinha de Cassie saiu quase como um grito.

— Uma bolsa Hermès, sua ignorante.

— Não, não. De forma alguma — esfregando o quadril, Cassie sacudiu a cabeça firmemente. — Estou feliz com a que tenho.

Não era totalmente verdade — seis meses se passaram e ela ainda se sentia culpada por tê-la roubado —, mas gostava da sua bolsa de *outlet* assim mesmo. De qualquer forma, ela não ia deixar Isabella começar a comprar coisas para ela. Ela teria um time de polo de pôneis antes que percebesse, e onde é que os guardaria? Abriu um sorriso.

[18] Hermès é uma empresa francesa fundada em 1837 por Thierry Hermes, que produz diversos artigos de luxo e é famosa por seus artigos em couro e bolsas caras (N.T.).

— O que é tão engraçado? *Oui* — Isabella disse para a vendedora assertivamente. — Eu vou levar, por favor. *Vous* aceitam este cartão, certo? *Merci* muito *beaucoup.*

— Seu francês é sofrível — Cassie disse enquanto Isabella punha seu cartão de crédito sobre o balcão. — Mas é melhor que o meu.

— Não é verdade. O meu serve ao meu propósito! Venha. Fazer compras me deixa com muita fome. Eu vou te pagar um almoço e nem *ouse* discutir. O que você queria me perguntar?

Relutante em falar na frente das arrogantes sacerdotisas da loja de grife, Cassie esperou até que tivessem saído e entrassem em um restaurante na Avenida Montaigne. Ela se esgueirou até a cadeira à qual foi designada, estranha novamente. Este lugar era ainda mais chique que a sala de jantar da Academia. Mais moderno, também.

— Vamos pedir *poule au pot.* É delicioso — Isabella deu um sorriso encantador ao garçom e ele o devolveu tão entusiasmadamente. O pesado cardápio voou como um *frisbee.* — Vai logo, Cassie. Desembucha. Você parece estar pisando em galhos a manhã toda.

— Em *ovos* — disse Cassie. — Você quase decapitou um garçom.

— Não mude de assunto — Isabella fez não com o dedo.

— Isabella — ela hesitou —, por que alguém iria querer ir ao quarto comum dos *Escolhidos* no meio da noite?

Abrindo sua elegante sacola de compras, Isabella espiou o conteúdo com um sorriso de satisfação.

— Eu sei lá. Procurar por livros esquecidos? Encontrar um namorado?

— Não — Cassie bateu as unhas na mesa. — Era um tipo de reunião. Às duas da manhã.

— Sério? — Isabella remexia em suas novas aquisições, distraída. — Eles fazem congressos em horários estranhos, às vezes. Não se preocupe.

— Não pode ter sido um congresso. Sir Alric não sabia nada sobre isso. Ele descobriu e ficou furioso. Ah, além disso, Alice estava lá.

Isabella de repente era toda ouvidos.

— *Alice?*

— Você sabe, a colega de quarto de...

— Keiko. Sim, sim, claro. Mas *Alice?* — Isabella parecia irritada. — Por que ela?

— É o que eu gostaria de saber.

— É óbvio, não é? Eles querem indicá-la. Torná-la membro — disse Isabella em uma voz coberta de amargura. — Ah, sim, Alice preencherá a vaga muito bem.

Cassie parou de batucar e apertou os dedos da mão.

— Eu acho que não. Eles não a estavam entrevistando para os *Escolhidos*. Eu poderia apostar.

— Tanto faz para mim, você sabe. Não estou preocupada. Não há necessidade de me fazer sentir melhor.

— Não. Não, eu juro que não. Eu só tenho certeza de que essa não era a razão para ela estar lá. Era o modo como eles...

— Shhh! — ajeitando-se na cadeira, Isabella deu umas tapinhas na mão dela imediatamente. — Pare. Não diga mais nada.

Seguindo o movimento não tão sutil que Isabella fez com a cabeça, Cassie se sentiu alfinetada por um olhar fixo azul e gelado. Umas três mesas de distância sentaram-se Katerina Svensson e três garotas mais velhas, veteranas da Academia. Katerina não sorriu e Cassie também não.

— Não acabou de ficar mais frio aqui? — ela cutucou Isabella e deu uma risadinha, mas o sorriso morreu em seu rosto quando a porta do restaurante se abriu novamente. — Oh, *droga.* É *ele.* Não! Isabella, não olhe!

Tarde demais. O rosto de Isabella se iluminou enquanto ela acenava.

— Jake. Ei, Jake!

— Você pode agir um pouco mais controladamente? — resmungou Cassie. — Se fazer um pouco mais de difícil, ou algo do tipo?

— Mas eu não sou — Isabella disse maliciosamente. — Não quando o assunto é ele. *Ei, Jake!*

Mas Jake Johnson, pensou Cassie, *não tinha a menor chance de chegar a mesa delas.* Pobre Isabella. Katerina tinha se virado, colocando delicadamente uma mão no ombro de Jake quando ele passava, sorrindo encantadoramente.

— Jake, *querido.*

Cassie podia ler os lábios de Katerina, embora não pudesse ouvi-la com o burburinho das vozes na hora do almoço. A garota sueca lançou um sorriso de desdém para Isabella quando Jake parou, enfeitiçado. Inclinando-se, ele beijou a bochecha que ela ofereceu e disse alguma coisa. Katerina sorriu e apertou os dedos dele. Cassie esperou, com o coração apertado, que Jake se sentasse e a envolvesse com um braço.

Ele não fez isso. Cassie franziu a testa, surpresa. Sorrindo, Jake se endireitou e soltou a mão da garota sueca. O sorrisinho de Katerina evaporou assim que Jake se virou na direção de Cassie e Isabella. Cassie teve de pôr a mão na frente da boca para esconder seu sorriso de satisfação. Aquela expressão no rosto de Katerina? Ela queria esculpi-la em mármore para a posteridade e enfiá-la em um busto no saguão de entrada.

— Oi, Isabella. Oi, Cassie — Jake puxou uma cadeira e se sentou. — Isabella, você andou fazendo compras *de novo?* Seu pai hipotecou o sítio?

Isabella deu um soco no braço dele.

— Você me machuca, Jake. Sempre, você me machuca.

— É o sujo falando do mal lavado, eu acho seu comentário muito irônico. O que comprou?

Com as bochechas cor-de-rosa de contentamento, Isabella levantou sua sacola e a abriu para que Jake a inspecionasse. Enquanto ele examinava o conteúdo, Cassie olhou para o lado novamente.

— Suas costas doem? — ela perguntou rispidamente. — Porque você está sendo fulminado.

— Hã? — Jake se virou, mas Katerina tinha desviado depressa o olhar venenoso. Ele coçou a nuca, ficando vermelho. — Oh, Katerina. Ela é legal — sua expressão dura se derreteu em um sorriso indefeso. — Bom... Incrível, na verdade.

— Incrível — murmurou Cassie. — Você disse tudo. Eu me pergunto onde está a amiguinha dela, Keiko.

— De castigo — disse Jake, piscando para Cassie com satisfação e malícia. — Ela foi chamada ao escritório do Sir Alric esta manhã. Parece que tomou a maior lavada.

— Sério? — disse Cassie, fingindo-se surpresa.

Então, Sir Alric não tinha acabado totalmente com a pobre coitada ontem à noite? No entanto, ela não pode deixar de abrir um sorriso.

— Pobre Keiko.

— Ah, o querido Sir Alric fica irritado às vezes, mesmo com os Escolhidos — Isabella conseguiu parecer preocupada. — E Katerina está chateada por você estar sentado conosco?

— Não... Por que ela estaria chateada? Eu só queria conversar com vocês, meninas.

Cassie ouviu a leve hesitação e percebeu que Jake estava totalmente focado nela. Ela fez uma cara feia para ele. Além de ter o hábito sinistro de andar de madrugada feito sonâmbulo, ele tinha o mesmo tato que Katerina. Deliberadamente, ela sorriu para Isabella, não para Jake.

— Sim? Sobre o quê?

— Na verdade, Cassie, eu queria saber se poderia dar uma... Palavrinha?

Cassie se perguntou se seu pé conseguiria alcançar longe o bastante para chutá-lo com força.

— Conosco? Claro que pode. O que quer?

— Bem, eu... — ele se movimentava impacientemente, virando um pouco para o lado de Isabella.

Cassie viu o sangue subir pela garganta de Isabella e escurecer seu rosto. Bruscamente, a argentina se levantou, agarrando com força o guardanapo de linho.

— Me desculpem, eu demorei para entender. Claro que é algo particular — ela se curvou para beijar as bochechas de Cassie e arrancou suas sacolas. — Sabe, nem estou com tanta fome. Te vejo na escola, Cassie — dando um sorriso escancarado, ela se virou e saiu do restaurante.

Cassie não pôde perder o sorrisinho de satisfação de Katerina.

— Isso foi muito grosseiro — ela resmungou, levantando-se imediatamente. — Eu vou com ela. Se tiver algo para me perguntar, você pode me perguntar na frente da minha amiga.

Os dedos dele agarraram o pulso dela.

— Cassie, por favor. *Por favor.*

— Vai se ferrar.

— Me desculpa, tá? — a voz dele soou como um sussurro desesperado. — Ouça, eu vou compensá-la. Eu prometo que pedirei desculpas. *Por favor,* fique, Cassie. Isto é importante. Importante de verdade.

Ela olhou feio para ele.

— Você vai compensá-la?

— Sim. ah, sim, eu prometo.

Cassie deu um sorriso forçado.

— Flores.

— O quê? - ele piscou.

— Flores. Esta é a única forma de se desculpar com uma garota. Você não sabe de nada...

— Flores?

A maldade continuava. Ele tinha mesmo de pagar por isso.

— Que seja uma orquídea. Uma *bela* orquídea.

— Ok, Ok, eu prometo. Agora, você pode me escutar?

— Cinco minutos — ela retrucou. — E me solte.

Ele soltou o pulso dela, como se estivesse em choque, ainda o estava segurando.

— O que você estava fazendo ontem à noite, Cassie?

Ela hesitou, surpresa por ele ser tão direto, então, se sentou novamente.

— Você não acha que isso é uma pergunta pessoal?

— Responda, por favor. Sem joguinhos. Isto é sério.

— É? Quão sério?

Ele pegou um garfo e ficou passando e passando por entre seus dedos.

— Cassie, o que você estava fazendo no terceiro andar ontem à noite?

— Andando de madrugada. Eu acho que é um hábito comum por aqui, não é?

Uma estranha pausa.

— Olha, eu... — ele tomou fôlego. — Eu apenas...

— Sim? Você apenas o quê? Qual é a *sua,* Jake? — ela não pôde reprimir um furioso olhar de desprezo. — Você está tão desesperado que tem de seguir todos os passos da Rainha da Neve?

Ele colocou o garfo de volta sobre a toalha de mesa de linho.

— Cassie, eu sei que parece estranho, mas juro que não estou fazendo nada de errado, por favor, você pode me contar o que estava fazendo lá?

— Não antes que você me conte, queridinho.

— Tudo bem — ele passou a mão no cabelo. — Você pode me dizer uma coisa? Eu sei que Darke acabou com a Keiko, mas o que ele disse para você?

— Nada demais — ela encolheu os ombros, dando uma olhada pelo restaurante. — Onde é que está o diabo do garçom?

Jake não estava satisfeito.

— Ele... Ele foi ameaçador?

— Claro que não. Não seja ridículo.

— E o Ranjit?

— *O quê?* O que tem ele?

— *Ele* te ameaçou? No quarto comum, eu digo. Ele disse alguma coisa?

Cassie hesitou. *Mas ele não estava lá, Jake...*

Ela mordeu os lábios, pensativa. Não havia razão para mentir para Jake. Mas não havia razão para confiar nele, também.

— Não — disse ela —, Ranjit também não me ameaçou. Por que ele o faria?

Jake não respondeu. Ele parecia confuso.

— Preciso ir. Espero que você goste de frango, já que tem dois pratos para comer — ela se levantou. — E para pagar.

Ele a olhou como se fosse agarrar o pulso dela novamente, mas conseguiu se segurar.

— Cassie, você pode, por favor, ser cuidadosa? *Muito* cuidadosa?

— Você é realmente um idiota arrogante, não é?

— Talvez — Jake sorriu, apenas. — Mas estou falando sério.

— Eu também estou. Não ouse ferir os sentimentos da minha amiga novamente.

— Por aqui... — ele deu um sorriso curto — não sou eu quem fere.

Cassie deu meia-volta, dando um último olhar feroz para Katerina. Ela podia sentir a garota se esvaindo em ódio e o olhar fixo de Jake, então ela andou cuidadosamente. Agora, seria o pior momento do mundo para tropeçar.

Elegância parisiense, ela disse a si mesma com raiva. E orgulho. *Sou aluna da Academia, poxa!*

Ela não os deixaria esquecer isso.

Capítulo 10

Cassie prestava atenção no professor de artes seriamente. A classe tinha deixado o Orangerie[19] e seus tesouros, e agora estavam sentados piscando sob a luz do sol, enquanto Signor Poldino gesticulava entusiasmadamente pelo Jardin des Tuileries[20]. Ele não era uma pintura a óleo, graças a Deus, mas ao menos era relaxante observá-lo.

— Lembrem-se de *Les Nymphéas* — exclamou o pequeno professor, dando pulinhos de alegria. — O impacto nos olhos e no coração! Pensem na textura e na luz ao criar sua paisagem a partir desta. Vejam com os olhos de Monet! Usem cores! Usem emoção!

— Usem uma câmera, talvez? — sussurrou uma voz inglesa familiar, levada pelo ar puro do outono. — Já que a tecnologia avançou desde a época de Monet.

Keiko cobriu o rosto com o seu caderno de esboço, sorrindo desrespeitosamente. Signor Poldino ruborizou, Jake lançou um olhar de desprezo para Richard, mas Cormac franziu a testa e gritou:

— Dá um tempo, Richard.

— Silêncio! — disparou Ayeesha. — Prossiga, Signor Poldino. Por favor. *Alguns* de nós estavam muito impressionados com os lírios-d 'água. *Alguns* de nós gostariam de aprender mais.

Poldino olhou para ela com gratidão.

[19] Musée de l'Orangerie é uma galeria de arte impressionista e pós-impressionista localizada na Place de la Concorde, em Paris (N.T.).

[20] O Jardin des Tuileries é um dos jardins mais antigos e importantes de Paris. Está situado entre o museu do Louvre, o rio Sena, o Arco do Triunfo e a Concórdia. Desde 1991 é considerado patrimônio mundial pela UNESCO (N.T.).

— Eu devo deixar que passeiem pelos jardins. Por favor, voltem para cá em... — ele checou seu antiquado relógio de bolso — duas horas. Tenho certeza de que *alguns* de vocês produzirão rascunhos maravilhosos.

Ele sorriu para Ayeesha e Cormac, e depois para Cassie.

— Deus — Richard murmurou para Perry, enquanto se levantava e se espreguiçava —, Ayeesha está se transformando em uma metidinha insuportável. E o orgulho da Irlanda não fica muito atrás.

Perry riu baixinho.

— Eu acho que ele gosta dela.

— Perry! — chamou Keiko assertivamente.

— Vá lá, você foi chamado. Tente fazer um pouco do seu trabalho também, gringo. Eu não quero que o mau desempenho do meu colega de quarto reflita em *mim*.

Com mais uma risadinha bajuladora, Perry se foi. Richard estava próximo ao ombro de Cassie, e ela sentiu seu coração disparar quando ele se inclinou.

— Venha e veja meus esboços — disse ele sedutoramente.

— Rá, rá — ela disse, sem se virar.

Se ele soubesse o quanto estava perto de tomar uma bela tapa... Mas em qual das duas faces dele ela iria bater? Não, melhor continuar fingindo que tudo estava bem. Cassie não estava a ponto de brigar com ele na frente de todo mundo. Ele já a tinha feito passar muita vergonha.

— Desculpe. Não foi engraçado. Venha e seja minha musa, então, adorável Cassie.

Cassie se concentrou intensamente em escolher os tubos meio gastos em sua caixa de tintas.

— Richard, se estiver tudo bem para você, eu gostaria de... Hum... Ficar sozinha — respirando profundamente, ela conseguiu dar uma olhada para ele e

forçar um sorriso. — Eu nunca estive aqui antes. É realmente incrível. Eu preciso pensar sobre isso. Se não se importa.

— Oh, claro que não.

Seu desapontamento confuso pareceu genuíno. Mas, outra vez, todos os seus elogios também. Agora, Cassie sabia o quanto eles valiam. Por alguns segundos, Richard ficou rondando, como se esperasse que ela mudasse de ideia. Então ele saiu por aí.

Ela suspirou de alívio e se virou. *Droga.* Ela não tinha pensado que Ranjit ainda estaria ali. Ele olhava na direção dela, e os olhos deles se encontraram por uma fração de segundo, antes que o indiano sisudo virasse o rosto.

De mau humor, Cassie se levantou e andou depressa na direção oposta. Tinham duas horas para terminar. De certo, ela conseguiria encontrar algo que pudesse pintar, já que Poldino obviamente esperava que ela fizesse um bom trabalho de novo. Os jardins não eram vastos, mas ela tinha de evitar Ranjit. E Richard. E Jake, que estava de péssimo humor. E, de preferência, Keiko também... Deus, seu espaço de manobra era apertado.

Quando teve certeza de que estava longe o bastante de todos os outros, Cassie se sentou em uma mureta e começou a desenhar figuras irregulares em seu caderno de esboços. Era muito mais divertido e muito mais envolvente do que ela tinha pensado. Porém, bem quando sua fascinação pelos turistas estava se esvaindo, e as aglomerações estavam minguando, ela avistou uma menininha vestindo uma capa de chuva amarela, segurando uma bexiga azul-claro. Aquilo era melhor.

A criança notou a atenção e fez uma careta. Cassie fez outra em resposta. Uma pequena língua apareceu, e a de Cassie também. Apressadamente esboçando a bexiga presa em um dos pulsos da menina, Cassie se viu em um concurso de caretas. Ambas estavam rindo, quando um dos pais pegou na mão da menina e a levou em direção à galeria.

Droga. Ela não tinha desenhado o colarinho direito: parecia ser uma golinha de babado. Frustrada, olhou para o vão por onde a menina tinha passado, e deixou seus olhos se perderem pela primeira vez em mais de uma hora. Eles doíam de tanta concentração, então, ela os esfregou. Assim que sua visão ficou

mais clara, ela conseguiu identificar duas figuras familiares, a apenas uns cinco metros de distância.

Ranjit e Jake.

Ranjit estava sentado em um banco, mas tinha se levantado um pouco para confrontar Jake, que estava de pé na frente dele. A postura de Jake era agressiva, a expressão dele estava transformada pela raiva, e ele estava dando um sermão em Ranjit. Ranjit parecia chocado, como se tivesse sido pego desprevenido. Ao passo que Jake levantava a voz, ele fazia o mesmo.

— Jake, você pode me escutar, pelo amor de Deus...

Cassie se levantou, andou alguns passos na direção deles. A cabeça de ambos girava simultaneamente. Sem uma palavra, Jake se virou e saiu irritado, pisando firme e fazendo barulho pelo caminho de pedra. Ranjit se sentou bruscamente. Cassie hesitou, mas algo na expressão de Ranjit parecia tão triste que ela não pode se conter. Ela caminhou até onde ele estava, tentando parecer casual.

— Sobre o que foi aquilo? Diferenças artísticas?

Com um gemido baixinho, ele colocou as mãos sobre o rosto. Cassie esperou, feliz em estudá-lo. As mangas dele estavam enroladas, mostrando braços dourados. As mãos dele eram bonitas, também, e fortes, mas agora estavam tensas e com as juntas esbranquiçadas.

— Não quer falar sobre isso, né?

— Isso mesmo — ele tirou a mão do rosto e olhou na direção de Jake. — Assim como você, Cassandra.

Ela encolheu os ombros permitindo-se um sorriso, já que ele não ia ver. O caderno de esboços dele estava ao lado, entreaberto, então ela deu uma olhada de canto de olho para o rosto dele. Ele ainda não estava olhando. Ela se curvou e abriu a capa.

Se ela não tivesse puxado o ar por causa da surpresa, poderia ter tido mais tempo de examinar o desenho. Do jeito que estava, ele se moveu depressa como

uma serpente e o pegou rapidamente, as bochechas escuras dele ficaram vermelhas.

— Não está terminado!

Ela mordeu o lábio, sem conseguir olhar direito para ele.
— Posso ver quando estiver?

— Se é que vou terminá-lo — disse, curto e grosso, enquanto se levantava. — É melhor voltarmos.

Ele não dirigiu mais nenhuma palavra a ela, ainda que tivesse andado ao lado dele por todo o caminho até Orangerie. Eles foram os últimos a chegar, e Cassie sentiu vários pares de olhos sobre eles quando chegaram. O olhar de Keiko era feroz, sem duvida não demoraria até que Katerina ouvisse sobre como Cassie e Ranjit tinham surgido dos arbustos juntos. O sorriso de Richard era um pouco menos confiante do que de costume; Jake não olhava para nada nem para ninguém. Pelo menos Signor Poldino estava encantado em vê-los. Ele bateu suas mãos gordinhas.

— Maravilha. Agora devemos retornar a escola, mas, Cassie e Ranjit! Estou ansioso para ver o trabalho de vocês pronto.

Espero que Ranjit termine o *dele,* Cassie pensou melancolicamente. Ela realmente esperava que ele a deixasse ver. Ele tinha desenhado duas silhuetas simples, que estavam olhando uma para a outra e se divertindo com nítido prazer: uma menininha que vestia uma capa de chuva amarela e segurava uma bexiga, e uma adolescente de pernas cruzadas em cima de uma mureta que ria e desenhava a menininha. A garota mais velha parecia tão despreocupada que teria sido fácil não reconhecer a si mesma.

Ela reconheceu, no entanto.

— *Ooh, pretty woman...* — cantou uma voz americana.

Cassie olhou rapidamente para cima, esperando ver as feições familiares de Jake.

Mas era Richard. Ele jogou os livros na mesa de Jake, puxou a cadeira e se sentou com tudo, cruzando as mãos detrás da cabeça, em uma boa imitação da atitude arrogante dos americanos.

Cassie o examinou.

— Você é bom nisso.

— No quê?

— Em imitar. Você soou exatamente como ele.

— Obrigado — ele piscou seus longos cílios para ela.

— Muito bom ator no geral, de verdade.

— Hum? — o corpo dele ficou tenso, sutilmente.

De alguma forma, isso a fez pensar em uma cobra. No modo como todo o comprimento da cobra se encolhe como uma mola, bem antes de atacar. *Tome cuidado*, Jake tinha dito no restaurante. Apaixonar-se por Richard podia ser muito, muito estúpido, por várias razões. Não que ela estivesse seguindo o conselho de Jake. Mas não descobriria os segredos da Academia ficando brava com qualquer um que a incomodasse. *Então, não fique zangada,* ela disse a si mesma, *fique por cima.*

Além disso, Richard não era o único ator razoável por ali. Cassie deu um sorrisinho para ele, o que pôs o sorriso largo e despreocupado de volta no rosto dele.

— Onde está Jake?

— Ele não vira para a aula hoje — Richard subiu os ombros um pouquinho. — Ele não está muito bem, eu ouvi dizer. Ele sofre de insônia, sabe? Talvez tenha tido uma noite particularmente ruim.

— Que pena — disse Cassie, suavemente. — Então, você tem me evitado ou algo assim?

— Querida! — ele se sentou mais ereto. — Eu pensei que *você* estivesse evitando a *mim.*

— Claro que não. Eu tenho estado ocupada, só isso.

— E um pouco sem sono também. Eu quase caí da cadeira quando a vi na porta do quarto coletivo na outra noite — ele estava todo preocupado inclinando-se para frente. — Ouça, se você quer tanto ver o lugar, eu posso tentar arranjar algo. Ela deu um sorriso encabulado.

— Na verdade, eu gostaria muito. Eu me perdi um pouco, só isso. Eu gosto de andar por aí à noite, quando não consigo dormir. Eu sempre gostei. Melhor do que apenas ficar lá deitada, olhando fixamente para o teto.

— Pensando na Inglaterra — Richard falou carregado —, eu gosto mesmo da imagem que você evoca.

Cassie riu.

— Eu vou dizer de novo. Você é uma *coisa.*

Uma tossida veio da frente da sala.

— Victor Hugo, senhoras e senhores. Por favor, abram na página catorze...

Madame Lefèvre não era exatamente a maior disciplinadora da escola e, ainda por cima, ela não enxergava muito bem. Cassie podia sentir Richard impaciente mexendo e virando as páginas. Finalmente ele se inclinou:

— Você está interessada nos *Escolhidos,* não está? — ele sussurrou.

Cassie abriu seu livro com o dedo indicador, fingindo pouco caso. Ele sentou-se novamente e suspirou. Em menos de um minuto, no entanto, ele inclinou-se novamente.

— Olha, eu posso lhe dizer o que acontece. Eu vi o filme.

— Existe um filme? — ela sussurrou. — Sobre os *Escolhidos*?

Ele sorriu.

— Brincadeira. Quero dizer o corcunda. Ele morre, tá? Estou entediado. Então, quão interessada você está?

— Se liga. E fica quieto.

Ele abafou uma risada.

— Nos *Escolhidos*, quero dizer. Quão interessada? Você gostaria de ser um membro?

Cassie piscou, ficando sem fala. Por essa ela não esperava. Um pouco de sol entrou pelas janelas altas, tornando difícil ver o rosto de Richard, mas havia um pouco de avidez na voz dele.

— Você está falando sério?

— *MADEMOISELLE BELL*!

— Perdão.

Cassie tentou entender a página que estava diante dela, mas sua concentração havia se esvaído. Ser um membro dos *Escolhidos*! Que melhor maneira de descobrir o que está acontecendo aqui? Discretamente, ela se virou para Richard. Ela o pegou de surpresa e o olhar dele estava diferente, mais intenso. Envergonhado, ele fingiu um sorriso e olhou para o seu livro.

Nossa! Ele gostava mesmo dela, ela percebeu achando graça. Não se deixaria levar por ele de novo, mas ele *realmente* gostava dela. Ele fizera-se de malandro com Katerina naquele dia, assim como se fingira de amante apaixonado com Cassie. Isso dava a ela uma vantagem. Era óbvio que ele não queria ofender Katerina... Mas ele também não queria se apaixonar por Cassie. Oh, isso podia ficar interessante. Ela segurou um sorriso.

Quantas máscaras ele usava? Talvez nem o próprio Richard soubesse mais qual era a sua verdadeira cara. Ainda assim, não havia nada sinistro sobre um

pouco de atuação. Ele estava tentando se encontrar e Cassie tinha de admitir que isso fosse atraente para ela também. Sabia como tomar conta de si mesma. Ela podia entender esse instinto.

Tome cuidado, Cassie. Ouvindo novamente a voz de Jake em sua cabeça, ela franziu a testa. O que tinha mesmo acontecido com Jake? Muita ronda noturna, como Richard tinha sugerido? Ele também não era o único que fingia estar doente. Alice não estava em seu lugar.

— Seria ótimo para os *Escolhidos* — Richard murmurou. — Alguns deles gostam muito de você. Eles acham que você tem... Personalidade... Tem espírito.

— Ah, é? — Cassie se lembrou da carteira vazia três fileiras à frente. — O que aconteceu com Alice?

— Ah, Alice — havia um riso forçado em sua voz baixinha. — Ainda se recuperando da ressaca, eu acho.

— De três noites atrás? — Cassie arqueou as sobrancelhas.

— Bem, aquela garota consegue entornar, viu? E é claro que ela estava um pouco empolgada demais por ter sido convidada ao quarto coletivo. Você nunca seria tão boba, né?

Cassie franziu a testa. Empolgada demais? Não era como ela chamaria aquilo. Não era como Alice tinha demonstrado, sentada naquela cadeira segurando com força uma taça de prata, com a pele pálida, o olhar perdido, o corpo sem energia.

— Não — ela finalmente murmurou, conseguindo dar um sorriso seco. — Não sou tão facilmente impressionável, querido.

— Eu sei — ele piscou. — É por isso que você seria ideal. E alguém já a recomendou.

Cassie o encarou.

— Quem? Sir Alric?

— Deus, não — Richard olhou alarmado. — Não conte para ele que tivemos esta conversa, tá? Eu não deveria... Hum... Falar fora de hora. Guarde segredo por hora, Ok?

— Eu dificilmente terei uma conversinha informal com ele — o tom de Cassie ficou frio.

Por que Sir Alric se oporia a ela? Obviamente, Richard era um completo esnobe se não podia admitir gostar dela. Mais uma vez, ela estava em dúvida sobre se gostava e confiava em Richard, ou se não o suportava.

— Então, quem? Quem me recomendou?

— Alguém muito importante. É tudo o que você...

— *MONSIEUR HALTON-JONES*! Talvez você gostasse de nos contar suas impressões sobre a estrutura dos capítulos de abertura.

— Madame Lefèvre, claro! — Richard lançou um sorriso encantador para a professora, limpou a garganta e abriu seu caderno.

Ela provavelmente tinha imaginado isso, pensou Cassie, o alívio no rosto nervoso da madame. Um pouco ruborizada, como se tivesse escapado com as bochechas vermelhas de ter ousado dar bronca em um membro dos *Escolhidos*. Uma veia pulsava rápido em suas têmporas. Richard esticou suas longas pernas e cruzou os tornozelos.

— Pobre Quasímodo — ele começou. — A tragédia é anunciada desde o princípio...

Capítulo 11

Cassie estava com a cabeça cheia. Seus pensamentos e suspeitas eram caóticos, e ela não sabia mais agora sobre Victor Hugo do que sabia há uma hora. Nessa média, ela seria expulsa por incompetência antes que descobrisse alguma coisa. Os alunos esbarraram nela pelo corredor, apressando-se para a próxima aula, mas Cassie achou que tinha de caminhar devagar, pensando intensamente e examinando suas opções.

Richard não teria mencionado a possibilidade de ela se tornar membro dos *Escolhidos* se não fosse mesmo verdade; ela tinha certeza disso. Pensando em Isabella, a consciência dela doía muito. Se Cassie fosse convidada para se juntar aos *Escolhidos*, sua colega de quarto ficaria terrivelmente magoada? Ela deveria contar o segredo a Isabella, ou deixá-la em paz na santa ignorância? E quão arriscado seria se deixar recrutar? Distraída, Cassie mal sabia onde estava e nem para qual aula deveria ir. Foi por isso que ela quase morreu de susto quando a porta abriu ao lado dela. Ela deu um pulo de susto, com o coração latejando.

— Cassie! Eu esperava encontrar você.

A voz doce foi instantaneamente reconhecida, assim como a altura e a presença. Além disso, ela estava tão perto que apenas olhava com a boca aberta para os botões do blazer dele e para sua elegante gravata de seda.

— Olá, Sir Alric — ela olhou para seu rosto bonito e severo.

— Perdida novamente? — ele perguntou maliciosamente.

Ela sacudiu a cabeça. Por trás dele, ela espiou seu escritório. Cortinas verdes escuro estavam suspensas por cordas douradas. Uma grande mesa de mogno ocupava a maior parte de uma das paredes, sobre um extenso e espesso carpete. No meio da sala, havia uma mesa menor e sobre ela havia xícaras de porcelana de *Sèvres* e um bule de prata; duas cadeiras de tom amarelo claro juntas à mesa se agrupavam como velhas amigas. Em uma delas sentava-se

uma figura reconhecível, que ria suavemente e batia palmas com suas mãos frágeis.

— Cassandra, minha querida — Estelle Azzedine não tentou se levantar. — Que encantadora! Você está gostando da Academia?

— É ótimo. Bom. Quero dizer, eu adoro — Cassie respondeu com um sorriso estranho. — Olá, Madame Azzedine.

— Estelle — fazendo sinal negativo com o dedo, Madame Azzedine brincou fazendo uma cara de brava.

Sir Alric olhava de uma para a outra.

— Vocês já se conheceram?

— Bem no primeiro dia de Cassandra. Ela foi gentil o bastante para me ajudar a subir as escadas.

Ele deu um sorriso para Estelle achando graça.

— Ela foi gentil, então? E falando sobre o seu primeiro dia, Cassie, quando finalmente nos conhecemos esta semana, eu lembrei há quanto tempo você já estava na Academia, antes que eu me apresentasse. Permita-me compensá-la por meus maus modos. Junte-se a nós para um chá.

Nervosa, ela checou seu relógio.

— Mas eu tenho...

— Uma aula com Sr. Chelnikov? Não se preocupe com isso. Marat!

Cassie quase pulou para o lado. O porteiro troncudo e baixinho apareceu silenciosamente atrás dela. Ele tinha uma expressão de ódio em seu rosto de pedra.

— Marat, por favor, informe Gospodin Chelnikov que a senhorita Bell está liberada da aula hoje. Eu gostaria de falar com ela. Desculpe-se com ele em meu nome.

Marat fez que sim com a cabeça uma vez e, silenciosamente, virou-se.

— Entre, Cassie — Sir Alric fechou a porta pesada e puxou outra cadeira de frente para Madame Azzedine, que piscou para Cassie.

— Que presente adorável para mim. Companhia jovem. Você está tirando o máximo das oportunidades da escola como eu recomendei Cassandra?

— Sim, quero dizer... — com forte sentimento de culpa, Cassie se lembrou da última hora desperdiçada. — Estou tentando — ela encolheu os ombros melancolicamente.

— E esta se saindo muito bem. Cassie é extremamente capaz em uma vasta gama de matérias — Sir Alric olhou para ela com aprovação. — Eu acho que posso dizer, com segurança, que ela é dos alunos bolsistas mais merecedores que tivemos na escola.

— Que maravilha! — Madame Azzedine se sentou um pouco mais ereta. — Inteligente, então?

— Sim, com certeza — disse Sir Alric, enquanto servia chá para Cassie em uma delicada xícara.

— E muito bonita, também! Que beleza surpreendente você tem, minha querida. Eu nunca vi olhos de uma cor tão diferente. Você não acha, Sir Alric?

— Não tinha pensado nisso — ele sorriu para Cassie, quase em cumplicidade. — Devo dizer que está certa. Cassie, o que eu realmente quero falar com você, é sobre a outra noite. Preocupa-me que você não durma bem. E espero que o que viu não... Tenha te chateado. Quero dizer, o que eu disse sobre me procurar se tiver qualquer problema.

— Ah, não se preocupe — ela disse alegremente, contente por eles terem terminado de falar sobre sua aparência. — Eu nunca dormi bem. E há muito mais problemas em Cranlake Crescent.

— Ah, claro. Eu imagino que a vida nem sempre tenha sido fácil lá — ele olhou para ela com ternura.

Quando ela decidiu que realmente gostava dele, Madame Azzedine interrompeu novamente.

— Conte-me sobre isso, Cassandra. Você teve uma vida difícil, não teve?

Pega de surpresa, Cassie fez uma pausa para um gole de chá. O chá tinha um gosto perfumado que ela não gostou muito, mas tinha dado tempo para ela pensar.

— Eu... Acho que sim. Não sei. Eu tive algumas famílias adotivas. Mas não muitas — ela sorriu, de repente. — Um pouco caótico, eu acho. Difícil de lidar. Eu sempre acabava voltando para Cranlake Crescent.

Ninguém te quer, seu pequeno desperdício de espaço. Ninguém!

— Difícil de lidar! — interrompendo a voz de Jilly em sua cabeça, Madame Azzedine deu um riso gutural. — Isso simplesmente quer dizer que você tem coragem, querida. E ir tão bem em seus estudos, apesar de tantas dificuldades... Bem, que maravilha. Nós temos sorte de ter Cassandra aqui. Não temos, Sir Alric?

— De fato — ele mudou de posição entre Cassie e Madame Azzedine, levemente bloqueando o olhar de contemplação da senhora. Cassie ficou muito vermelha, desconfortável com a chuva de elogios. Ainda assim, ficou contente por Madame Azzedine ter sido tão gentil com ela. Sir Alric não precisava parecer tão crítico.

Ela colocou sua xícara sobre a mesa rapidamente.

— É melhor eu ir.

Sir Alric checou seu relógio de pulso.

— Sim. Talvez seja melhor.

Ambos olhavam para ela, apenas um deles sorria, quando a porta fechou devagar mais uma vez.

— Cassie! Cassie! Veja isto!

O péssimo humor de Isabella das últimas quarenta e oito horas tinha evaporado. *Droga,* pensou Cassie enquanto hesitava na entrada do quarto delas.

— Veja o que ele me deu!

Minha nossa. Ela não tinha ideia de que orquídeas podiam crescer tanto. Tinham sido geneticamente modificadas ou o quê? Totalmente brancas e muito bonitas, devem ter custado a Jake muito mais do que ele podia pagar. Essa deve ter sido umas das ideias menos inteligentes de Cassie, afinal, ela não queria que Isabella criasse muita expectativa. Pelo menos Jake tinha mantido sua palavra.

— Sabe, tem algo sobre as orquídeas que eu não gosto — Cassie torceu o nariz. — Aquelas pretas no pátio perto da estátua? São sinistras.

— Oh, aquelas são as favoritas de Sir Alric. A flor símbolo da Academia, mas ninguém mais viu ou ouviu falar delas. Eu perguntei. Nem *mi mamá* as conhece, e ela é como se fosse uma especialista.

— Sério? — Cassie se sentiu inquieta de repente.

— Ah, mas esta orquídea... — Isabella riu, de forma alguma ofendida, e percorreu o dedo por uma pétala imaculada. — Pura, mas *sexy*. E muito romântica!

Cassie teve que sorrir.

— Ok. E maravilhosa.

— Como Jake, hein? — Isabella deu um beijo delicado na flor. — E tem algo para você, Cassie.

— Do Jake? — Cassie perguntou, surpresa.

Isabella deu de ombros, ainda sorrindo feito boba para sua orquídea.

— Sei lá. Acho que não, não é a letra dele. Tome.

Ela arremessou um envelope para Cassie, que o pegou no ar. Ela reconheceu o papel rico e parecido com pergaminho. O papel da Academia. *Oh, droga.* Será que Sir Alric achou que ela não teve boas maneiras durante o chá? Seria sua carta de dispensa?

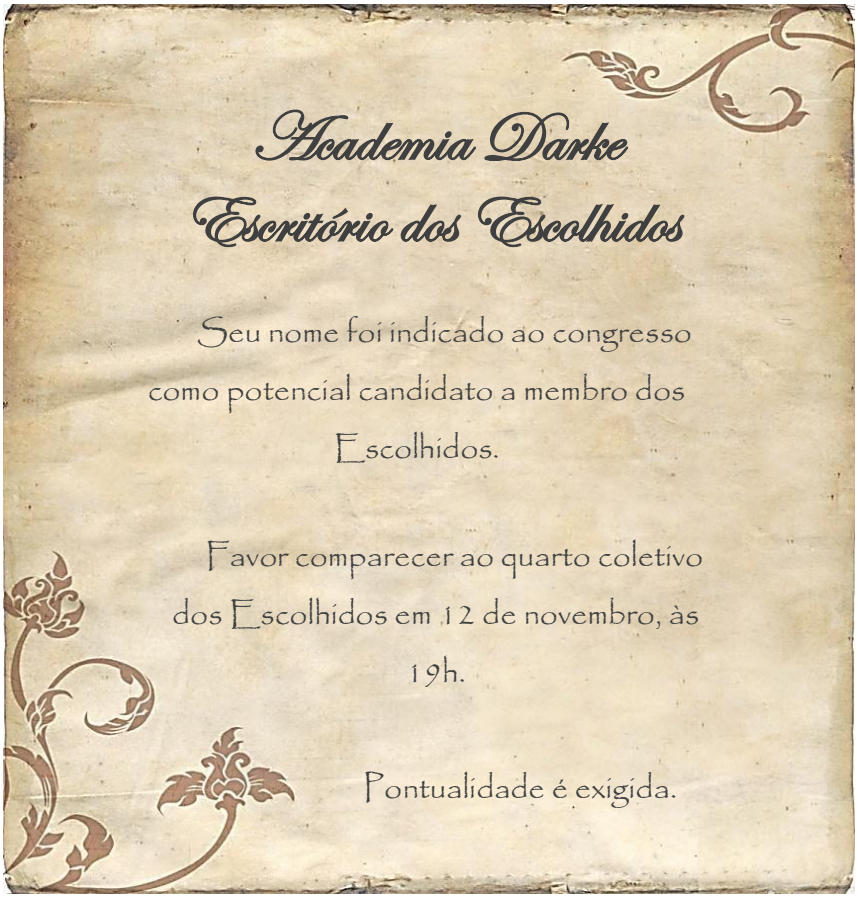
Com um dedo tremendo, ela abriu a aba e puxou o cartão que estava dentro. Cassie teve de ler e reler três vezes, antes que pudesse encarar o olhar de curiosidade de Isabella.

— Isabella — ela mordeu o lábio.

— O quê? O que é isso?

— Eu realmente espero que você não se importe com isso. Eu não quero estragar sua noite...

Engolindo em seco, Cassie virou o cartão para sua amiga, e assistiu o sorriso de Isabella morrer conforme ela lia:



Capítulo 12

— Senhores. Prontos?

Os dois rapazes responderam afirmativamente com a cabeça, cumprimentaram o *Señor* Alvarez e um ao outro, e colocaram as máscaras sobre seus rostos.

— *En garde,* então. Prontos? *Fence.*

Enquanto Richard avançava agressivamente na direção de Ranjit, que dava um passo para trás se defendendo e atacando, Cassie se enroscava toda com os fios do sensor eletrônico. Ela já tinha feito a maior bagunça quando recebeu seu kit e nunca pareceria elegante como Ranjit ou Richard. Ou qualquer um deles, a propósito. Isabella, em roupas brancas de esgrima e com um lustroso rabo de cavalo escorrendo em suas costas, parecia uma deusa marcial. Ela descansava as pontas dos dedos casualmente em sua *épée*[21], e a mascara debaixo de um dos braços, enquanto conversava com Perry, a quem tinha acabado de detonar completamente.

A culpa consumia Cassie. Isabella tentava muito aparentar normalidade, mas essa atitude de tanto faz em relação à notícia de Cassie não parecia ser muito verdadeira. Quando ela finalmente se sentou, puxando para trás as mechas úmidas do seu cabelo castanho, Cassie sorriu para ela. Talvez ela estivesse sorrindo demais ultimamente, talvez isso também não fosse muito normal.

Cassie respirou fundo.

— Isabella — ela pausou —, você se importa que eu faça a entrevista?

A entrevista era no dia seguinte. Só de pensar nisso, ela já estava perdendo o sono, e agora um pequeno arrepio percorria sua espinha. Pela primeira vez,

[21] *Épée* é a espada usada para o jogo de esgrima (N.T.).

Isabella não protestou ou se desviou da pergunta com uma risada. Ela ficou encarando Cassie seriamente.

— De verdade, não me importo. Você merece isso, você... — Isabella pausou. — Talvez eu esteja apenas desapontada por não ter sido chamada outra vez. Mas estou feliz por você. Tá? — o sorriso dela parecia tenso.

— Devia ter sido você. Desculpe-me. Eu sou nova e você tem mais direito a isso do que eu, e...

— Não, não é isso. É que... — ruborizando, Isabella fechou a boca.

— O quê? — Cassie franziu a testa.

— Nada.

— Não é nada. Conte-me — o tom de Cassie parecia perigoso. — Fala logo, Isabella.

— Olha, não é o que eu penso. As pessoas estão surpresas, só isso. Porque...

Cassie esperou. As palavras da sua colega de quarto saíram de uma vez.

— Um aluno bolsista nunca foi chamado antes. É só isso.

— Entendo — Cassie arrancou a luva de esgrima e a torceu.

Isabella soltou o rabo de cavalo.

— Cassie, eu não acho que seja... *Errado,* ou algo assim. Isso só mostra o quão especial você é, Ok? É só que alguns na escola estão...

— Surpresos — disse Cassie. — Claro, e eu acho que não de uma maneira positiva.

Isabella abriu a boca para responder, mas um bipe eletrônico sinalizou outro golpe e Cassie desviou sua atenção para a *piste.* Ranjit, controlado, tinha feito ponto em Richard. De novo.

Malvados e magníficos, os rostos escurecidos pela rede preta, jaquetas e calças coladas nos músculos... Era o suficiente para deixar uma garota tonta. No entanto, era impossível confundir um com o outro, mesmo quando seus rostos estavam cobertos. Ambos eram rápidos e ágeis, e ambos golpeavam como cobras sagazes, mas um deles era loucamente elegante, cada movimento era econômico, gracioso e pungentemente eficaz.

Nossa! Ranjit parecia bom com uma arma.

— Cassie!

Ela piscou, surpresa, e Isabella a cutucou com força.

— Olhos para frente — sua colega de quarto sussurrou maliciosamente, com todo seu senso de humor restaurado. — É sua vez.

O jogo tinha acabado. Richard e Ranjit haviam retirado suas máscaras e agora davam as mãos. Quinze a nove, ela reparou, espiando o placar. Para Ranjit, claro.

Ela tentou parecer desapontada.

— Cassie — disse *Señor* Alvarez novamente. — Na *piste,* por favor. Um de vocês dois, fique.

— Eu vou jogar com ela — Richard se ofereceu ansiosamente.

— Não — Ranjit deu um passo à frente dele. — Eu vou.

Richard pareceu estar a ponto de discutir, então, encolheu-se e desconectou seus fios eletrônicos, oferecendo a conexão para Cassie.

— Droga — ela murmurou. — Ele vai acabar comigo.

— Hum... — sussurrou Richard, ofendido. — Você não acha que eu ia?

— Ah, claro — ela riu, enquanto ele prendia os fios nas costas da jaqueta dela, ele a virou pelo ombro e fechou o velcro do pescoço, deixando a roupa justa. Richard estava tão perto que ela podia sentir seu hálito quente, cheirar seu suor fresco; os dedos dele estavam quase tocando levemente seu pescoço.

Ela podia sentir desaprovação, também, irradiando do silencioso Ranjit como uma força da física.

Ranjit não sorriu ao cumprimentar, então, puxou sua máscara preta sobre o rosto.

— Lembre-se, Cassie — disse *Señor* Alvarez ao lado dela —, mantenha os quadris *assim,* seu corpo *neste* ângulo. Você ainda dá muitas chances ao seu oponente, você está muito vulnerável a golpes. E não recue o tempo todo! Não tenha medo de atacar. Agora! Pronta?

Fez que sim com a cabeça, cumprimentou, vestiu a máscara.

— *En garde.* Prontos? *Fence.*

Não tinha chance. Ranjit desviou cada golpe sem a menor dificuldade, bloqueou cada ataque que ela fez. O contador eletrônico soava com regularidade embaraçosa. Cassie quase desmaiou de alívio quando Ranjit cometeu um erro e ela fez um ponto por falta. Pelo menos, ele não daria uma lavada completa nela, quinze a zero.

Cassie estava bem ciente da presença de Katerina, que tinha acabado seu jogo e estava assistindo e rindo. Quando Ranjit se afastou e tirou a máscara, e então estendeu sua mão ainda com a luva para um aperto de cortesia, Cassie se sentiu quase esmagadoramente feliz por ter acabado a partida.

— Quinze a um, a minha direita — *Señor* Alvarez parecia desapontado, mas nem um pouco surpreso. — Isabella. Richard. Na *piste,* por favor.

Quando Cassie desconectou seus fios eletrônicos e se ofereceu para conectá-los em Richard, os dedos dele tocaram de leve os dela.

— Muito pouco cavalheiresco — ele murmurou. — Eu teria deixado você fazer alguns golpes.

— E qual seria o objetivo disso? — perguntou Ranjit, desdenhosamente enquanto passava por eles em direção ao banco.

Quando ele saiu, Cassie piscou para Richard.

— Ele está certo, sem dúvida.

— Apesar de ele ser um baita pé no saco.

— Boa sorte.

Ela sorriu quando Richard se virou para cumprimentar Isabella.

Ranjit sentou-se sozinho em um banco, uns dois metros de distância de um aluno novato chamado Hamid, que, apesar de ser um dos *Escolhidos*, encarava Ranjit com algo próximo ao nervosismo. Bem, Cassie não tinha medo dele. Pelo menos, não fora da *piste*...

Cassie se sentou com tudo ao lado de Ranjit, jogando a máscara de leve para cima e para baixo.

— Você se importa de parar de fazer isso? É muito irritante.

Suspirando, Cassie pôs a máscara em seu colo. Katerina a mirava com raiva, de onde estava, perto do *cooler* de água, mas o rápido tilintar do contato das lâminas e o constante toque do monitor significavam que ela não conseguiria ouvir nada do que Cassie dissesse a Ranjit.

— Eu vou te dar um belo golpe um dia, parceiro — ela disse animadamente para ele.

— Eu arrisco dizer que você vai mesmo. Mas não porque eu tenha deixado — ele lançou para Richard, que estava recuando de um ataque de Isabella, um olhar de desprezo.

E ele teve coragem de dizer que *ela* era irritante! Cassie falou nervosa:

— Você não gosta de mim, gosta?

— Não tem nada a ver com isso.

— Tem a ver com o que, então? Fundo educacional?

— Isso não está à sua altura.

— Engraçado. Pensei que não estava a *sua.*

— Cassandra — ele tomou fôlego —, pare de tentar fazer com que eu não goste de você.

Ela deu de ombros.

— Eu não acho que precise tentar, não é?

— Eu lhe disse, não tem nada a ver com não gostar de você.

— Você não me disse com o que tem a ver, disse?

Ele puxou agressivamente o velcro fechado de sua máscara, fazendo um barulho alto como se algo estivesse rasgando. Ele colou o velcro e puxou de novo. *Señor* Alvarez, que estava de pé perto deles, fez uma cara feia para que Ranjit parasse de brincar com o velcro e encarou Cassie.

— Eu não gosto de como você me faz sentir. *Tá?*

— Oh — isso mexeu com o orgulho dela.

— Não há possibilidade de eu me envolver com alguém como você.

A raiva a inflamou novamente, rápida e feroz. Que *cretino.*

— Oh, digo o mesmo — ela se levantou.

Ranjit mordeu o lábio.

— Eu não quis dizer...

— Ah, eu acho que quis.

Segurando o pulso dela, ele a puxou e ela caiu sentada rapidamente onde estava antes no banco. Ele era incrivelmente forte.

— Eu não quis dizer desse jeito. Eu juro — soltando o braço dela, ele passou uma mão pelo rosto. — Quero dizer, a maneira como você faz com que eu me sinta... E você faz, e eu não posso aceitar Cassandra.

— Não pode *aceitar?*

— Isso mesmo — de repente e sem aviso, ele estendeu o braço e tocou o cabelo dela de leve. A sensação de leveza a fez tremer.

— O que isso significa? — afastando-se, ela cruzou os braços.

— Significa o que eu disse — a irritação voltou à voz dele. — Eu sempre digo.

Cassie sentiu um olhar: Katerina queimando de raiva.

— Parece que a aula acabou — ela disse bruscamente, levantando-se novamente. — Eu vou sofrer combustão espontânea se não sair da linha de visão de uma pessoa.

Olhando por detrás dela, a expressão de Ranjit endureceu quando viu a sueca enfurecida.

O que havia com ele? Ele a irritava como unhas arranhando uma lousa, mas ainda assim ela se via buscando a companhia dele. Ela nem se importava em ser derrotada por quinze a um, se fosse nas mãos dele.

Punindo-se mentalmente, ela foi até onde Isabella e Richard, que estavam guardando suas armas e fios eletrônicos. Richard pingava de suor.

— Ela me venceu — disse ele a Cassie, com pesar.

— Naturalmente — Isabella sorriu ironicamente.

— Eu nunca mais vou jogar esgrima com você quando estiver tão cansado. Me joga essa toalha, por favor.

Quando Isabella se virou para pegar a toalha, Richard tirou a jaqueta de esgrima e o plastrão. Por baixo, ele estava usando apenas uma regata que estava colada em seus músculos. *Diabo vaidoso,* pensou Cassie, se divertindo. Ele sabia exatamente que era belíssimo mesmo na derrota.

Enquanto ela dava uma volta enrolando seu fio eletrônico, sua testa franziu. Lá estava uma cicatriz horrorosa na escápula de Richard. Quando ela olhou mais de perto, no entanto, pode ver que a marca era um padrão de linhas entrelaçadas de, mais ou menos, uns cinco centímetros de diâmetro. Era permanente como uma marca e ela nunca tinha visto nada igual.

Richard sorriu para ela por sobre os ombros, mas assim que percebeu o olhar dela seu sorriso morreu e ele, apressadamente, pegou um moletom e vestiu. Isso tinha sido um grande erro. E pelo modo como Ranjit estava olhando para ele com raiva, pensou o mesmo.

— Ei! — Isabella cutucou a mão de Cassie outra vez e enfiou uma toalha nas mãos dela. — Você pode parar de ficar cobiçando o tórax suado de Richard por um segundo? Vamos tomar banho, sua safadinha. Antes que veja algo que não deve.

Cassie tentou ver Richard enquanto Isabella a arrastava para fora da quadra de esportes, mas ele tinha ido embora.

— Isabella — ela sussurrou baixinho —, eu acho que já vi.

Capítulo 13

— Richard, querido. Obrigada por trazer sua candidata.

Katerina estava sentada em uma cadeira dourada, com os tornozelos elegantemente cruzados. Ela não tinha feito mais do que olhar Cassie de relance, mas todas as outras pessoas na sala olhavam para ela. Cassie podia sentir quase fisicamente o impacto do olhar fixo coletivo. Se não fosse pela mão firme de Richard em suas costas, ela poderia ter dado meia-volta e saído.

— Você vai ficar bem — ele murmurou. Depois, disse em voz alta: — Eu acho que a maioria de nós conhece Cassie, não é? Exceto talvez por vocês — Richard fez um gesto indicando os três veteranos altos e belos, que Cassie tinha visto apenas a distância. — Vassily, India, Sara, esta é Cassie Bell. Ela entrou para a Academia neste semestre.

— Ah, todo mundo conhece Cassie — Katerina se serviu de uma taça de vinho, trocando um sorrisinho com Keiko. — É como se ela sempre tivesse estado entre nós.

— Aproxime-se e sente-se, agora, Cassie — Cormac Doyle apontou uma cadeira no centro do grupo, dando uma piscadinha para Cassie e um sorriso encantador. — Katerina pode ser intimidadora, mas ninguém mais morde.

Richard puxou a cadeira de forma encorajadora.

— Sim — completou Ayeesha. — Conte-nos sobre você, Cassie. É por isso que está aqui — o sorriso dela era radiante.

Cassie se sentou insegura, duvidando se não se sentaria sobre uma almofada que faria um som engraçado, como o de um pum. No entanto, sem truques infantis. Eles se sentaram em um semicírculo em volta dela, alguns largados, outros sentados elegantemente eretos, mas todos concentrados e vigilantes. Ela não pode deixar de notar a ausência de Ranjit. Novamente.

— Ranjit se juntará a nós? — perguntou Cormac, como se estivesse lendo os pensamentos dela.

— Não — disse Katerina rapidamente, soando tensa, mas quase aliviada. — Mikhail, se estiver se sentindo bem, talvez possa começar.

— Estou bem — disse uma voz rouca numa ponta do semicírculo.

— Prossiga.

Cassie se virou para olhar. O aluno novato, com o cabelo louro desgrenhado, tinha uma estrutura óssea quase tão bonita quanto à de Katerina, mas estava proeminente demais. O rosto dele estava abatido e tenso, sua pele era pálida e seca como papel. Uma garrafa de água estava no chão ao lado da cadeira dele, mas, quando ele a levou em direção à boca, estava vazia. Katerina deu um suspiro de irritação enquanto Ayeesha se levantou e trouxe mais uma garrafa de água para ele. Grato, ele agarrou a garrafa e, sedento, deu um longo gole.

— Ainda com essa gripe chata? — perguntou Richard diretamente. — Que azar, Mikhail. Então, pediram que eu indicasse Cassie. O que posso dizer? Ela é inteligente, forte, foi criada de uma maneira difícil, ao contrário da maioria de nós, e ela é impressionantemente bonita.

— Pufff... — sussurrou Keiko.

Katerina apenas levou os dedos até a boca, não exatamente escondendo o sorriso de superioridade.

— E... — continuou Richard, sem se incomodar —, deixe-me enfatizar mais uma vez: ela chamou a atenção de um membro altamente respeitável dos *Escolhidos*. Todos nós sabemos o peso dessa opinião em particular, então eu creio que é tudo o que preciso dizer. Alguma pergunta?

— Bem, Richard — disse Mikhail depois de um breve silêncio —, ninguém jamais poderia acusá-lo de discursar prolongadamente — limpando a garganta com força, ele tomou outro longo gole da sua água.

— Cassie — Ayeesha se inclinou um pouco para frente e Cassie sorriu aliviada. Pelo menos ela era amigável. — O que a trouxe para a Academia Darke?

Ela não hesitou.

— Uma bolsa de estudos.

Ayeesha confirmou com a cabeça, mas um riso abafado escapou de Keiko. Com força de vontade, Cassie conseguiu se controlar para não partir para a briga.

— Claro, nós sabíamos disso — disse Ayeesha. Ela pareceu gostar da reposta direta de Cassie. — Que bom para você — ela levantou um dedo de advertência para os outros. — Isso não representa problema algum. É um detalhe, apenas.

— Não é mesmo. Uma bolsa de estudos — disse Cormac — significa que Sir Alric a trouxe para cá. Ele checa os resultados das provas e as transcrições das entrevistas. Bem, depois disso, poderia existir alguma recomendação mais alta? — ele pesquisou o semicírculo, sorrindo.

— Os *Escolhidos* nunca aceitaram um aluno bolsista — disse Keiko, é claro. Os braços dela estavam cruzados com força e seus lábios, cerrados. — Nunca ouvi nada igual.

— Agora — murmurou Katerina —, eu devo admitir que seria uma *bela* quebra da tradição. Mas há uma primeira vez para tudo, Keiko.

Cassie cerrou os lábios, mais para se impedir de sorrir do que de responder. Katerina e Keiko estavam sendo ridiculamente pomposas e alguns outros membros dos *Escolhidos*, obviamente, também pensavam assim. India imitou um bocejo por trás de Katerina. Ayeesha cutucou Cormac, quase dando risadinhas. Richard, jogado no sofá, piscou para ela. Katerina os ignorou.

— Por que você não nos conta um pouco sobre sua família?

— Porque ela não tem uma — Keiko rebateu.

Cassie ficou vermelha de humilhação. *Calma, Cassie. Fique fria.*

— Meu pai sumiu — ela disse friamente —, mas, como o resto de vocês, eu tive um.

— E sua mãe te enfiou em um abrigo, presumidamente. Você era um pouco inconveniente?

— Esse é um hábito dela — rosnou Keiko.

— Ou, talvez — continuou Katerina —, você apenas não valesse a pena.

A tristeza era tão quente e tão repentina que Cassie teve de respirar. E ainda doía. Como com Jilly Beaton novamente, fazendo com que ela acreditasse nisso. *Não valia* a *pena, vadia.*

Richard a estava observando atentamente. Cassie sorriu largamente e de forma não sincera.

— Minha mãe não podia comigo.

Richard fez um sinal de aprovação com a cabeça.

— Quem poderia?

— Pois é — disse Cassie de forma curta. — O novo caso dela não me queria por perto. Ela o queria mais que a mim e, de qualquer forma, eles têm um substituto agora. Um menino. Honestamente, estou feliz de estar fora dessa. Não tenho mais interesse neles do que eles em mim. Próxima pergunta?

Ela os havia silenciado, pensou com profunda satisfação. Apenas por um momento, ela havia calado os idiotas presunçosos.

No silêncio, alguém limpou a garganta e disse com voz rouca:

— Podemos considerar a lógica da escola?

Mikhail novamente. A atenção dele estava cravada em Cassie, enquanto se atrapalhava com sua garrafa de água mais uma vez. Um pouco do líquido pingou do canto da boca dele, e ele precisou limpar o queixo com as costas da

mão trêmula. Na verdade, ele parecia pior que antes, mas ninguém parecia estar muito preocupado. Cassie franziu a testa.

— Houve um tempo — ele continuou, com a voz praticamente reduzida a um sussurro — em que alunos bolsistas tinham uma função mais útil do que... Relações públicas.

A solidariedade de Cassie se esvaiu e foi substituída por uma inquietação. Função? As palavras de Keiko no corredor vieram à cabeça dela: *Você está aqui para o nosso benefício, não o contrário.*

— Mikhail... — falou um aluno do liceu, prodígio em xadrez, chamado Yusuf. Ele estava de pé na sombra e Cassie não o tinha notado até que ele falou. — Você não e um de nós há muito tempo. Você é novo e sem experiência. Não finja saber tanto quanto nós.

— Isso faz parte da história dos *Escolhidos*. Eu tenho lido sobre isso — Mikhail tinha cruzado os dedos tão forte que suas juntas ficaram esbranquiçadas. Seu corpo estava curvado, todo encolhido, mas ele parecia incapaz de parar de olhar para Cassie.

Ok. O que ela devia fazer era se levantar e sair andando. Era uma retirada que ela nunca tinha experimentado. Mas e daí? Ela nem tinha gostado do quarto coletivo, agora que estava nele. A mobília era tão escura. Cadeiras, cortinas, papel de parede, abajures de seda; todos os tecidos eram vermelhos escuros, roxos e verde água intenso. O quarto era aconchegante, mas de alguma forma ameaçador também. Era bonito — todos os lugares aqui eram bonitos —, mas a atmosfera era opressiva. Ela não queria ficar ali. Nem agora, nem nunca.

Não. Ela não ia sair novamente. Esta era a chance de descobrir os segredos dos *Escolhidos*, mas isso não era tudo. Ela era tão boa quanto eles. Melhor. Ela não ia se curvar diante deles e sair correndo como um ratinho assustado. Apertando sua mandíbula, ela olhava para Keiko, estudando a garota tão minuciosa e desdenhosamente como a garota a estava inspecionando. A saia branca engomada que ela usava, um contraste deslumbrante com o cabelo preto azulado: era Chanel, não era? Claro que, por tudo que Cassie sabia, podia ser George At Asda[22], exceto por ela ter reconhecido a saia como uma que Isabella havia rejeitado na semana passada. Melhor não mencionar isso a Keiko, então.

[22] Asda é uma rede de supermercados britânica que vende, no varejo, comida, roupas, brinquedos e mercadorias em geral (N.T.).

O sorriso rígido de Cassie relaxou em um verdadeiro e largo sorriso irônico. Ela já se sentia bem melhor.

— As tradições mudam — Richard estava sorrindo radiantemente para ela. Ele parecia satisfeito e orgulhoso. — Elas evoluem. Tudo evolui. Inclusive nós — ele deu uma gargalhada.

— Estou com tanta sede — gemeu Mikhail suavemente.

— Olhe — disse Cassie, olhando ansiosamente a sua volta para o restante dos *Escolhidos* e depois novamente para Mikhail —, eu sei que não é da minha conta, mas você está bem?

— Estou bem — Mikhail respondeu rapidamente, com os olhos queimando de tão febris.

— Oh, pelo amor de Deus — Katerina estalou os dedos.

No fundo da sala, Hamid levantou com um suspiro exausto e substituiu a garrafa de água vazia por uma cheia outra vez.

Cassie ficou olhando.

— Olhe. Ele não está bem.

— Bem, isso realmente não é da sua conta — Katerina deu um sorrisinho formal. — Não até você ser uma de nós.

A aluna do liceu, Sara, se inclinou para frente, sorrindo intensamente.

— E eu acho que você tem boas chances de ser, Cassie. Tenho certeza de que podemos contornar... Objeções. Ela é muito linda, eu acho — ela dirigiu sua observação para a sala no geral, obviamente não esperando por uma resposta. — Os Anciãos gostam disso em uma candidata.

O que isso tem a ver com qualquer coisa, seu bando de esquisitos superficiais? Cassie conseguiu engolir a resposta, quando a mão de Richard tocou suavemente seu ombro.

— Linda? — meditou Katerina. — Eu acho que sim. Ela tem uma aparência incomum. Beleza verdadeira, eu acho, requer um toque de crueldade. Isso parece estar faltando.

— Bom — murmurou Cassie bem baixinho.

Richard deu um olhar de advertência para ela.

— Com a devida... Orientação, eu acho que ela poderia ficar adorável — Sara sorriu novamente. Cassie estava começando a não gostar desses sorrisos. — Você não concorda?

Me tira daqui! Esses *Escolhidos* não eram apenas superficiais, eles eram sinistros. Talvez fosse o momento de partir, afinal.

Richard bateu palmas unindo as mãos.

— Alguém tem mais perguntas?

— A mais importante de todas - a voz de Mikhail estava fraca. — A que nós concordamos que seria necessária.

— Claro — Katerina virava o copo com os dedos, assistindo o vinho girar. — Há apenas uma vaga e ela é altamente desejada por muitos alunos.

— Perry Hutton, por exemplo — disse Keiko, rapidamente. Era óbvio quem ela queria.

— E Isabella Caruso — entoou Katerina. — Bela, bela Isabella.

A voz de Yusuf era um murmúrio hipnótico.

— Então, nossa pergunta é...

— Como você se sentiria... — disse Vassily.

— Em negar a sua querida amiga... — disse Sara.

Os lábios de Katerina se curvaram em um sorriso reluzente:

— O desejo do coração dela.

Fez-se silêncio, enquanto eles a observavam.

Cassie engoliu. A impecável Katerina Svensson, que ela notou se divertir, tinha pequenas manchas de vinho nos vincos dos lábios. Ela não tinha medo deles, mas eles estavam certos. Ela tinha medo de magoar Isabella. Que pergunta perigosa, dela pode depender seu futuro entre os *Escolhidos*.

Ela queria isso tanto assim? Mesmo para descobrir o lado podre da Academia? Ela queria tanto isso a ponto de sacrificar a amizade de Isabella?

— Que sede — Mikhail falou com a garganta seca.

O pomo de adão dele se mexia conforme engolia a água. Os outros o estavam tratando com um pouco de pena, mas pouca preocupação. Qual era o problema deles? Ele não era bonito o bastante quando estava doente? Isabella era mais bonita do que qualquer um deles e isso não incluía crueldade. A beleza dela não estava toda na epiderme.

— Bem — apressou Katerina —, nós estamos esperando. Você se importa de magoar sua melhor amiga? Profundamente?

A resposta veio a ela de repente, e parecia claramente óbvia.

— Não — todos olharam fixamente para Cassie. — Não. Por que me importaria?

Vassily persistiu.

— Porque ela é sua melhor amiga e vocês são popularmente próximas? Apenas uma ideia que pensamos que você gostaria de considerar — ele adicionou sarcasticamente.

— Vocês são um bando de mimadinhos.

— Ei — interrompeu Cormac —, quem você está chamando de mimado?

Cassie o ignorou.

— Vocês não sabem o que significa estar aqui nesta escola. Eu não esperaria que compreendessem. Vocês nunca conheceram nada além de privilégios, conheceram? Vocês nunca ficaram muito tristes ou desamparados.

Todos eles ficaram duros. Até mesmo o sorriso acolhedor de Ayeesha tinha desaparecido. Mikhail pareceu que ia ficar de pé e andar em direção a ela, mas Katerina levantou uma mão em aviso e, por agora, ele estava segurando com força os braços de sua cadeira e permanecia onde estava. Os mais velhos — Sara, Vassily, Yusuf — estavam com um olhar estranho. Divertimento? Curiosidade?

Agora, pensou Cassie. Agora era sua chance de dizer para o bando o que ela pensava deles e se mandar dali. O que ela estava fazendo com essas pessoas? *Você não quer mesmo estar aqui, Cassie...*

Não. Ela se repreendeu internamente. Afinal de contas, ela sabia exatamente o que estava fazendo ali. Quanto mais via daquela gangue, mais queria saber. *Conhecimento é poder, Cassie.* E um pouco de poder pode ser algo de que ela venha a precisar por aqui, se não quiser fracassar.

Ela respirou hesitante.

— A *Academia Darke* é minha chance de me tornar poderosa. Se eu fosse um membro dos *Escolhidos,* também, eu nunca mais seria triste ou impotente ou pobre novamente, seria? Estou farta disso tudo. Farta.

— O quão farta, exatamente? — Vassily perguntou diretamente.

— Não sou tonta o bastante para acreditar que todos vocês gostam de mim — disse Cassie, mantendo seu tom de voz —, mas vocês são contatos. Vocês são um tipo de rede, não são? Não é isso que são os *Escolhidos*?

Os *Escolhidos* restantes olharam uns para os outros. Alguns deles sorriram.

Não pode estragar tudo, pensou Cassie. *Não agora.*

— Então, eu posso perder uma amiga. E daí? Eu posso fazer outras. Claro, eu gosto de Isabella. Mas ela não é... — endurecendo seu coração, ela respirou fundo — Ela não é indispensável.

O silêncio era ainda maior. Richard olhou sem expressão, Sara estava impressionada, Ayeesha parecia um pouco desapontada. Katerina tinha, surpreendentemente, um ar de satisfação.

Vassily reclinou-se em sua cadeira e se espreguiçou.

— Bem, eu acho que Cassie lidou com nossa maior preocupação de forma admirável. Obrigado, Cassie. Pessoal, as coisas estão progredindo. Todos nós concordamos que temos o suficiente para deixar a proposta em andamento? — o aluno do liceu passou os olhos por toda a sala de forma questionadora.

— Com certeza — disse Ayeesha, checando seu relógio. — Eu concordo e não vejo razão para prolongar isto. Disse para Freya que a encontraria na biblioteca em quinze minutos e não quero deixá-la na mão.

— Verdade — resmungou Vassily, meio irritadinho. — Afinal, ela nunca deixa *você* na mão.

Cormac olhou para ele com reprovação.

— Vamos, Ayeesha — ele se levantou. — Não vamos mais perder tempo. Cassie, esta foi uma entrevista muito interessante. Muito interessante. Eu sempre achei que você fosse outra pessoa.

— Eu também — Ayeesha sorria novamente, mas com um pouco mais de cautela. Então, ela pegou a mão de Cormac e eles saíram.

Muito para desconforto de Cassie, os outros saíram também. Índia entre eles. Não restara nem um rosto amigo. Exceto Richard, claro.

— Bom — ela disse brilhantemente —, acho que devo ir também. Obrigada por me convidarem. Foi um...

— Fique um pouco mais — murmurou Richard, pressionando-a de volta ao seu assento. — Pensei que quisesse ver o quarto coletivo.

— Queria, mas... — ela deu uma olhada desesperada para a porta, que se fechava atrás de uma garota do segundo ano que ela mal conhecia e gostava.

— Vamos, vou mostrá-la o Matisse. É incrível.

— Talvez outro dia.

Tarde demais. A porta bateu e fechou, e um silêncio intenso caiu sobre a sala. Cassie tentou atrair a atenção de Richard, mas ele não notou. Ela estava irrequieta, perguntando-se se não devia levantar e sair.

Mas, então, Mikhail se levantou bruscamente, derrubando a garrafa de água, e deu um passo em direção a ela. Cassie não estava mais inquieta, estava assustada.

— Eu não me sinto bem.

Hamid quase se levantou.

— Katerina, detenha-o.

Katerina disse bruscamente:

— Mikhail!

Ele parou, cambaleando.

— Volte para o seu quarto. Você não está disposto para ficar aqui. Seu colega de quarto já deve ter voltado da visita a casa dos pais. Ele pode... Tomar conta de você.

— Oh, Katerina, deixe-o tomar um drinque — Keiko piscou. — Um *belo* drinque. E por que não oferecemos um a Cassie enquanto conversamos?

— Bem... — disse Yusuf, olhando para Mikhail, cujo peito subia e descia com força. — Qual é o mal disso?

Chocado, Hamid falou:

— Yusuf! Você sabe o que *ele* disse.

— Oh, Hamid — debochou Keiko —, você pode ter medo de Ranjit, mas Katerina não tem.

— De fato, não tenho — retrucou Katerina. — Mas certos desejos precisam ser respeitados.

— Eu achei que era isso que estávamos tentando fazer. Que pena.

— As opiniões variam, Keiko. As opiniões variam.

— Alguém... Ofereça a nossa convidada... Um drinque. *Por favor.*

— Mikhail, você está começando a delirar. Você é muito inexperiente. Da próxima vez, esperamos que se planeje antecipadamente um pouco melhor! Hamid, leve-o para o quarto dele.

— Mas, Katerina... — reclamou Mikhail.

— Para ser honesto — Vassily encolheu os ombros —, estou com Keiko e Yusuf. Não é como se não pudéssemos considerá-la depois disso. É apenas um drinque.

Sara deu risada.

— Hamid, Katerina, animem-se! Agora, Cassie, não fomos nada hospitaleiros. Você toma um drinque conosco? — levantando-se, ela se virou para uma bandeja sobre o lúgubre aparador.

Cassie olhava para a menina de beleza escultural sentindo-se terrivelmente desconfortável. Não parecia certo, ou até mesmo possível, levantar-se apressadamente e sair. Isso seria fugir. Mas ela *não queria mesmo* um drinque.

— Afinal — disse Keiko —, Ranjit não está aqui. Ele não pode se importar tanto assim.

— Eu pensei que você tivesse recebido uma última advertência, Keiko — Vassily parecia entretido pela sua rebeldia.

Keiko se deleitou.

— Sim, mas Sir Alric também não está aqui, está?

— Oh, façam como quiserem — retrucou Katerina. — Seja rápido, Mikhail.

Mikhail suspirou alegremente, toda a tensão saía do corpo dele. Ele seguiu em direção a Cassie, erguendo uma mão ansiosa e trêmula.

— *O que é isso?*

Todos congelaram. A porta se abriu e Ranjit estava lá, parado.

Seus olhos frios passearam de rosto em rosto, demorando-se em Richard e depois em Katerina. Muitos dos *Escolhidos* ficaram de pé e até mesmo os alunos do liceu pareciam um pouco encabulados. Finalmente, chocado, nervoso e, por um instante, mudo, ele olhou para Cassie e disse:

— O que ela está fazendo aqui?

Cara, ele sabia como irritá-la... Ainda que ela estivesse se perguntando o mesmo. Levantando-se, Cassie se virou bruscamente pronta para disparar alguns xingamentos, mas, olhando para o rosto dele, ficou sem palavras.

O pulso batia com força na garganta dele. Alguma outra coisa cruzou rapidamente a expressão dele, algo que Cassie não conseguia definir. Medo? Ele estava com medo? *Dela?* Certamente não. *Por* ela?

Richard interrompeu o silêncio:

— Ela é uma candidata, Ranjit.

— Oh, ela é? Eu pensei que tinha deixado claro meu ponto de vista!

Katerina passou seu braço pelo dele, levando-o firmemente para longe de Cassie enquanto alisava a lapela dele.

— Vamos, Ranjit, querido. Eu gosto do seu novo terno. É Armani?

Ranjit entortou a boca.

— Mikhail, você parece horrível. Vá para o seu quarto.

— Exatamente o que disse a ele — murmurou Katerina, rapidamente acabando com a bajulação.

O garoto louro saiu discretamente do quarto comum, ainda segurando com força outra garrafa de água. Ranjit não o viu sair.

— Cassandra, por favor, nos dê licença. Seu proponente... — ele olhou para Richard agressivamente — a levará de volta ao seu quarto.

— Obrigada — respondeu ela, prontamente. — Não preciso de um acompanhante.

— Richard — o tom de Ranjit tinha um agudo diferente.

— Vamos, Cassie — Richard passou um braço sobre os ombros dela, recebendo mais um olhar de desprezo de Ranjit. — Vamos sair e encontrar sua... amiga. Isabella, quero dizer.

— Nossa decisão será tomada dentro de um mês — Katerina deu um sorrisinho. — Outros candidatos devem ser entrevistados e a aprovação final tem de ser dada pelos Anciãos. Nós a informaremos — ela estalou os dedos em sinal de dispensa.

— Você se saiu bem — disse Richard, quando a porta fechou silenciosamente atrás deles, e ele a conduziu pelo corredor com os bustos enfileirados.

— Que bom — disse Cassie monotonamente.

Não é como me sinto.

— Eu acho que você demonstrou ótima atitude. E você sabe o que mais? Eu não acho que Isabella se importara tanto assim. É uma hipótese, não é? Apenas uma forma de mostrar sua determinação. Sua ambição.

— Crueldade — murmurou Cassie.

— Se preferir, mas você não chegará a tanto.

Espero que não, pensou Cassie, com pesar. Quando ela imaginou como Isabella reagiria, ela quase desejou que os *Escolhidos* a rejeitassem. Mas ela também esperava fervorosamente que eles a aceitassem.

De qualquer modo, ela disse a si mesma pela enésima vez que precisava saber qual era a deles. Descobrir as coisas, desmascarar as pessoas, tomar conta de si mesma: foi isso que a ajudou a sobreviver em Cranlake Crescent. Foi isso que a tirou de lá e a trouxe aqui para Paris.

Se ela desse as cartas certas, sobreviveria melhor na Academia, também.

Capítulo 14

Tinha de haver alguém com quem ela pudesse falar. Agora, Cassie sentia saudades de Patrick Malone e seu alegre bom senso mais do que tinha sentido há semanas. Ele teria sabido o que fazer. Ele teria sabido o que era *certo.* Mas ele não estava aqui. Ela estava sozinha. Infeliz, Cassie arriscou uma olhada de canto de olho para Isabella. Ela levantou os olhos do livro e piscou. Madame Lefèvre estava entusiasmada com Proust e havia uma atmosfera de tédio na sala superaquecida. Do lado de fora das janelas, uma geada matutina debruçava sobre as árvores secas.

Herr Stolz? Não, ela não o conhecia bem o bastante. Madame Lefèvre? Dificilmente. Os outros professores? Alguns eram completamente intimidadores. O professor de ciências, Chelnikov, era assustador. A única pessoa a quem ela teria recorrido devido a qualquer outro problema era Isabella. E confidenciar-se com ela, obviamente, estava fora de questão. Sir Alric Darke? De jeito nenhum.

Que tal alguém que fosse velho o bastante para ter visto e feito de tudo, alguém que soubesse tudo o que havia para se saber sobre a Academia? Que tal Madame Azzedine? A senhora parecia gostar dela. De alguma forma, Cassie gostava dela também e confiava nela. Ela poderia conversar com Madame Azzedine. Afinal de contas, ela gostaria de perguntar muitas coisas. A carteira de Alice ainda estava vazia. Cassie mal conhecia a menina, mas nas últimas duas semanas ela se via ansiosa em ver Alice retornar às aulas. Quanto mais ela faltava, mais desconfortável Cassie se sentia. Pelo menos Richard tinha parado de fingir que era uma ressaca.

— Pobrezinha — no café, ele apenas levantou os ombros e pediu outro *croissant* para Cassie. — Ela reagiu muito mal àquele vírus.

— Mas alguém chamou um médico?

— Claro, mas ela ficou tão desconcertada quanto todos os outros. Uma síndrome pós viral, ela pensou que fosse. Alice se recuperará. Ela precisa descansar, só isso — ele tinha movimentado as sobrancelhas. — Vamos, garota, não deixe isso estragar seu apetite.

Pelo menos, pensou Cassie, *Mikhail Shevchenko estava parecendo melhor.* Muito melhor, na verdade. Na manhã seguinte à entrevista de Cassie, Mikhail estava em perfeito estado de saúde, bochechas coradas, olhos brilhantes e maliciosos. Não havia resquício algum da estranha e extrema sede dele. O pobre colega de quarto dele, Sasha, era quem parecia esgotado. Ficou acordado à noite toda para tomar conta de Mikhail, provavelmente.

Esse era um mistério que ela poderia discutir com Isabella, não fosse pelo fato de Isabella apenas conseguir falar de sua própria entrevista. O cartão em alto-relevo tinha aparecido debaixo da porta delas, no dia seguinte em que Cassie voltou do quarto coletivo. Mesma mensagem, mesmo horário, data diferente.

— Vê? Não é maravilhoso? — a expressão da colega de quarto dela tinha mudado um pouquinho. — Apenas uma vaga, eu sei — o humor inconstante dela tinha mudado novamente, e Isabella tinha sorrido com prazer. — Mas, da próxima vez que houver uma vaga, nós duas haveremos de ser membros dos *Escolhidos*!

Pelo amor de Deus, pensou Cassie, *espero que não.*

— Atenção, senhoras e senhores! — a voz severa de Madame Lefèvre interrompeu os devaneios de Cassie. — Vocês todos pareciam muito distraídos hoje. Por favor, tentem chegar amanhã com as mentes um pouco mais *investigadoras.*

Oh Deus, pensou Cassie, *se ela soubesse...*

Assim que eles saíram da sala, Cassie teve de colocar uma mão sobre o braço de Isabella para que ela fosse mais devagar.

— Ei, espere por mim!

— Oh, Cassie, me desculpe. Estou empolgada, é isso! — a garota estava como uma garrafa de champanhe com a rolha frouxa, a ponto de estourar.

— É hoje à noite.

Um sentimento de terror se alojou no estômago de Cassie. Claro que a entrevista era hoje à noite. Ela sabia disso. Ela tinha sido pega de surpresa, era isso, e ela vinha tentando não pensar nisso.

— Isabella — ela fez a amiga parar —, você realmente acha que conseguiria lidar com tudo isso?

A surpresa passou rapidamente pelos lindos traços de Isabella.

— Cassie, você se importa que eu também tenha uma entrevista?

— Não. Não, claro que não. Estou feliz por você. É que...

Cassie percebeu que não havia mais nada a dizer. Tudo que ela faria seria estragar sua amizade com Isabella, se seguisse nessa direção desastrada.

— É que eu não consigo imaginar nenhuma de nós fazendo parte dos *Escolhidos* — recuperando-se, ela piscou para Isabella. — Eles podem ser um pouco...

— Metidos — sussurrou Isabella, e elas caíram na gargalhada, tentado rir baixinho. — Não se preocupe, Cassie. Quando nós duas formos membros, e seremos, haveremos de mudar essa cultura! Nós seremos revolucionárias! Nós tornaremos divertido ser um *Escolhido*!

Dando um passo para trás, ela ria muito ao descer pela escada. Cassie seguiu, com o coração muito mais apertado.

— Divertido ser um Escolhido — Falou.

— Você está maravilhosa — pasma, Cassie olhava para Isabella.

— Você gostou? — Isabella deu uma voltinha elegantemente, deixando a seda solta do vestido Valentino rodar em torno dos joelhos dela.

— É lindo. Mesmo — colocando a caneta sobre a mesa, Cassie levantou uma sobrancelha. — Não vou nem perguntar quanto custou. Eu desmaiaria e acabaria me machucando.

— É mesmo — Isabella riu. — Mas eu tenho de ficar bonita para a minha entrevista, não é? Eu falei com *papá* esta manhã e ele está muito empolgado, diz que tenho que causar uma ótima impressão. Ele insistiu que eu saísse essa tarde e...

Como sempre, a expressão de Isabella se fechou de remorso. Ela mordeu o lábio com força.

— Oh, Cassie, me desculpe. Sempre digo a coisa errada para você. Eu sou, como se diz, sutil como um...

— Elefante? Caminhão? — Cassie riu. — Não se preocupe, pelo amor de Deus. Não sou uma delicada flor do sul como você. Pare de se morder, vai estragar o *make.*

— O...?

— A maquiagem. Para de morder o lábio.

Isabella riu, feliz novamente. Se você armazenasse a energia das mudanças de humor da menina, dava para iluminar a Inglaterra.

— Tenho certeza de que não serei escolhida desta vez — Isabella garantiu a ela, embora seu amplo sorriso contradissesse isso. — Tenho certeza de que eles gostarão mais de você. Assim como eu! Mas, em breve, Cassie... Em breve, eu juro, que seremos nós duas.

— Claro que sim — Cassie se levantou e a abraçou o mais forte que podia, sem amassar o vestido maravilhoso. — Isabella?

— O quê? — Isabella hesitou ao lado da porta aberta, coçando-se para sair.

— Espero que consiga — mentiu Cassie. — É só isso. Boa sorte.

Não era pelo calor da situação. Ela planejou isso desde que Isabella recebeu o convite. Ela pensara em tudo, pesado todos os riscos, e sabia o tempo todo que não podia deixar passar tal oportunidade de ouro. Keiko estaria ocupada com a entrevista. A garota japonesa não gostava de Isabella. Ela ia querer estar lá para destratá-la, fazer perguntas difíceis, diminuí-la. A própria entrevista de Cassie durara décadas, mesmo depois de metade dos *Escolhidos* terem saído. Claro, teria levado mais tempo ainda se o presunçoso do Ranjit não tivesse interrompido. Ele não faria objeções a uma garota rica como Isabella, no entanto, hoje à noite isso não seria um problema. Todos os *Escolhidos* estariam juntos, em segredo com Isabella no opressor quarto coletivo.

Nunca mais ela teria uma oportunidade melhor de xeretar. Havia a questão dos colegas de quarto dos *Escolhidos*, claro, que deveriam estar sempre acordados, alertas e em seus quartos. Todos menos um. Um dos *Escolhidos* tinha uma colega de quarto cronicamente mal e que poderia facilmente estar em quarentena na enfermaria... Ela tinha repassado tudo isso em sua cabeça mais de cem vezes. Tudo daria certo.

Então, era estúpido duvidar agora. Cassie sacudiu a cabeça e prendeu seu cabelo indomável com um elástico; então, curvou-se para amarrar os tênis. Seu coração estava batendo com tanta força que ela mal podia respirar. Do que ela tinha tanto medo? Ok, o que ela ia fazer era errado. Era desonesto, indecoroso também. Poderiam expulsá-la por isso. Mas dificilmente a matariam.

Controle-se, Cassie!

O que a fez lembrar... Isabella gastou tanto em seus acessórios de cabelo quanto em todo o resto, pensou Cassie com aprovação. Os grampos de cabelo na sua pequena cômoda eram caros, fortes, porem flexíveis, decorados com

florezinhas de ouro. Quando saiu de fininho do quarto delas, Cassie apenas esperava que não fosse estragar o grampo que havia escolhido, mas ela havia aberto fechaduras com frágeis grampos de arame, chaves de fenda e cartões de credito e nunca havia quebrado nenhum deles.

Ela manteve sua expressão vaga e um pouco fechada, e ninguém por quem ela passou a notou minimamente. Pelo menos ela sabia com certeza que os *Escolhidos* estariam ocupados na entrevista de Isabella. Ela poderia passar despercebida pelos alunos e professores em qualquer circunstancia. A única pessoa com quem ela realmente tinha medo de esbarrar era Marat, o porteiro, mas não havia nenhum sinal dele.

Cassie vagou calmamente pelo corredor leste no segundo andar. O quarto de Alice e Keiko era fácil de achar, ela sabia mais ou menos onde era, e como era cooperativo por parte da escola colocar placas com os nomes dos alunos nas portas. Dando uma rápida olhada para os dois lados do corredor, ela se inclinou para perto da porta. Nenhum som. Nem o escrever de uma caneta, nem o folhear de revistas, nem o murmúrio do rádio, nem ao menos um ronco. Ou o quarto estava vazio, ou Alice estava dormindo profundamente e morta para o mundo. Se ela estivesse dormindo, Cassie fugiria rapidamente; ela era boa em se movimentar silenciosamente para dentro e para fora de quartos, enquanto as pessoas dormiam. Pelo menos ela saberia que Alice estava bem. Pelo menos isso seria reconfortante. Se Alice não estivesse lá... Bem, seria uma pena não dar uma xeretada.

Sem esforço, ela tentou a maçaneta. Trancada, mas não tinha contado com outra coisa. Abrindo o grampo de cabelo de Isabella, ela o sacudiu dentro da fechadura. Conseguia fazer isso com os olhos fechados. Literalmente. Ela conseguia fazer isso até mesmo enquanto estivesse encostada na porta, casualmente observando os dois finais do corredor...

Dentro da fechadura, a ponta do grampo alcançou algo. Um último impulso, um último e forte empurrão e girou com as pontas dos dedos, a porta silenciosamente destravou. Cassie segurou a respiração por um longo e doloroso momento, mas ainda não havia som algum dentro do quarto. Ela tentou a maçaneta novamente, que cedeu sem fazer barulho, e a porta abriu.

A luz do quarto estava baixa, projetada apenas por um abajur cor-de-rosa, mas Cassie conseguia ver Alice, deitada sobre a colcha de sua cama. Ela usava um pijama de algodão branco bordado e solto, maravilhosamente leve, e ele

parecia ser caro. Ela certamente não o estava usando por todo o tempo em que esteve doente. A garota estava deitada de lado, virada para a porta, com os cabelos soltos e despenteados em volta de seu pescoço e sobre a testa. A mão dela estava largada na frente do peito, uma perna dobrada para frente, quase como se estivesse em posição de se recuperar.

Cassie pôde ver tudo isso, em um instante, com muita clareza. E ela pôde ver também que os olhos de Alice estavam abertos. Ela entrou em pânico, deu uma desculpa qualquer, mas Alice não fez nada além de alguns pequenos movimentos com o rosto. O olhar de Alice era tão vago que, por um terrível momento, Cassie pensou que ela estivesse morta. Então ela pôde ouvi-la respirar, de forma curta e praticamente inaudível.

— Keiko? — resmungou Alice. — É você?

Rápida e silenciosamente, Cassie fechou a porta.

— Keiko, por favor não — a voz não saía com clareza, mas Cassie podia ouvir as lágrimas que Alice estava fraca demais para derramar. — Por favor, de novo não. Já deu. Por favor!

Cassie sabia que não devia falar com ela, mas dava tanta pena da menina que ela não conseguiu evitar.

— Alice. Alice, está tudo bem — ela se agachou ao lado da cama e pegou a mão solta de Alice.

— Keiko?

— Não. Sou eu, Cassie Bell. Alice?

A menina pareceu não ter escutado.

— Por favor, não...

— Alice — Cassie disse insistentemente. — Alice, eu tenho de ajudá-la. Não sei como. O que faço? A quem eu chamo? Alice, por favor. Acorde. *Ouça.*

Ela olhava loucamente ao redor do quarto. Um celular estava sobre o criado mudo; Cassie o abriu e começou a percorrer a agenda. *Abbie. Vovó Colette. Jack. Keiko. Mamãe...*

Mamãe? O que ela diria a mãe de Alice? Será que a mãe entenderia o que Cassie iria dizer? Será que ela consideraria levá-la a sério? *Ninguém acreditava em Cassandra. Ninguém jamais acreditou nela.* Desesperada, Cassie percebeu que não sabia como mães reagiam em situações como esta. Supervisores de abrigo não contam. Pelo menos, não os que ela teve.

De repente, ela sentiu vontade de chorar. Seria *auto piedade?* Ela se perguntou com desprezo. Ou seria por que Alice parecia tão deplorável deitada ali? O modo como ela mal conseguia falar, mas mesmo assim estava implorando... Cassie ficou olhando para o "Mamãe" destacado, com o dedo rondando o teclado.

A maçaneta da porta vibrou. Uma chave chacoalhou na fechadura que já estava aberta.

Cassie deu uma volta. Uma voz falou do lado de fora, trocando amenidades de forma impaciente com alguém no corredor. Ela não podia distinguir as palavras, mas reconheceria a voz em qualquer lugar.

Keiko.

Capítulo 15

— Agora, veja só.

Keiko se sentou na beira da cama. Pegando os dedos soltos de Alice, ela os massageou distraidamente, como se esfregando para devolver calor. A própria garota japonesa parecia... Péssima. Quase tão mal quanto Alice: pálida, magra, exausta. Ela parecia recurvada, como uma senhora idosa. Havia um mau cheiro que Cassie não conseguia distinguir.

— Estou em desenvolvimento. Estou com fome. É o que posso dizer, fase de crescimento — Keiko deu uma risadinha seca. — Eu preciso de você, mas não vai durar muito, eu prometo. Eu pedi para um Ancião. Logo, logo isso vai acabar e você ficará bem. Você nem se lembrará disso. É por isso que pedimos para você beber.

Cassie assistia, terrivelmente fascinada, da escuridão do banheiro. A porta estava ligeiramente entreaberta; ela não havia ousado fechá-la quando Keiko entrou, para esta não ouvir o clique do trinco. Agora, ela estava com medo de que seu coração fosse audível, porque ele batia alta e dolorosamente em seu peito, o sangue golpeando em seus ouvidos. De pé no banheiro, espremida contra os azulejos da parede e protegida apenas pela porta de vidro do box, ela estava longe de estar bem escondida. *Não entre em pânico,* ela disse a si mesma. *Fique parada e ela sairá. Por favor, não a deixe ficar com vontade de fazer xixi...*

Alice tinha parado de protestar. Ela ainda estava deitada de lado, tentando se encurvar sozinha, mas Keiko segurou em seus ombros e a colocou virada com a barriga para cima, sem esforço. Alice olhava para o teto além de Keiko, tremendo de medo.

— Agora, shhh. Você vai ficar bem. Sei que se sente fraca agora, mas Sir Alric me disse que você é muito forte. Você ficara bem.

Com isso, Keiko se debruçou sobre Alice e a beijou.

As sobrancelhas de Cassie se ergueram. Quem pensaria nisso? Bem, o que diriam os parisienses? *Chacun à son gôut,* cada qual a sua maneira... No entanto, ela tinha uma leve noção de que Keiko gostava de Perry Hutton.

Alice não respondeu ao beijo de forma alguma. O corpo dela estava trepidando violentamente agora. Esquecendo-se de sua vergonha, Cassie franziu a testa. O beijo de Keiko não era carinhoso. Os lábios de Keiko estavam presos aos de Alice, ela estava sugando a garota como um aspirador de pó desvairado.

Os pés descalços de Alice chacoalhavam. As veias dos pés estavam saltadas e roxas, destacando-se como uma fiação escura, como se estivessem tentando romper a pele. A mão dela, batendo ao lado de Keiko em um protesto inútil, estava do mesmo jeito. Quando Keiko recuou para tomar fôlego, Cassie viu o rosto de Alice claramente. O rosto também estava marcado pelas veias latejantes, pulsando em direção aos lábios dela, por baixo da pele que era branca como papel. As lágrimas haviam secado em suas têmporas, como se não lhe restassem outras para chorar.

Keiko movimentou a cabeça para o lado rapidamente, como se ouvisse algo. Ela parecia bem melhor agora. Leve, com ótima pele. Cabelo sedoso. Lábios hidratados.

— Está tudo bem — ela se acalmou, arrumando as sobrancelhas de sua colega de quarto com as pontas dos dedos. — Sou habilidosa, Alice, eu não cometo erros bobos. Eu treinei insistentemente. Você não se machucará. Não permanentemente.

Alice estava completamente vulnerável, quando Keiko se inclinou sobre sua boca outra vez.

Cassie estava contente por estar contra os azulejos duros e frios. Se eles não estivessem lá, ela pensou que poderia ter caído por suas pernas parecerem tão fracas. Ela se apoiou com mais força contra a parede, mantendo os olhos nas duas garotas dentro do quarto.

Keiko sugou outra vez pelos lábios de Alice, mas, desta vez, por apenas alguns segundos. Então, o corpo dela ficou parado e tenso, a cabeça dela levantou e ela sacudiu seu cabelo preto e brilhoso para tirá-lo de seus olhos.

Ela estava olhando fixamente para o criado-mudo. Estava olhando para o lugar onde o celular de Alice estava, onde agora estava o grampo de cabelo de Isabella. *Oh, droga.*

A porta do banheiro se abriu completamente em uma pancada, sacudindo, e Keiko saltou para cima de Cassie como um leopardo sobre a presa. Alguma coisa brilhava no punho da garota. Algo longo, curvado, pontiagudo. Uma lâmina.

Cassie bateu a porta de vidro do box com força em Keiko, quando ela pulou. Sem equilíbrio, Keiko gritou com fúria, tropeçando e escorregando no piso do banheiro. Cassie bateu novamente o vidro com força contra a cabeça da japonesa, então saiu quando a porta de vidro balançou para fora, pulando da banheira e correndo rapidamente em direção à porta. Uma mão agarrou seu tornozelo, incrivelmente forte, e o pânico a fez titubear. Keiko tinha derrubado seu punhal, mas agora ela estava tateando o piso do banheiro para encontrá-lo.

Debatendo-se com força, Cassie bateu nas juntas de Keiko com o celular de Alice, até que a garota soltasse seu tornozelo dando um grito animalesco. Cassie atirou o telefone na cara de Keiko e correu. Batendo a porta do banheiro ao sair, ela ouviu a porta abrir violentamente de novo, quase imediatamente.

Corra, Cassie, corra. Apenas corra.

O corredor estava deserto. Extremamente típico. Cassie voou em direção à escada. A noite tinha caído. Os castiçais da parede estavam acesos. Por quanto tempo ela havia ficado escondida observando Alice? Tempo demais. Passos ágeis corriam atrás dela, chegando perto e mais perto.

Cassie pegou rapidamente um cavalo de pedra de uma prateleira de mármore e se virou para arremessá-lo em Keiko, respirando com dificuldade por causa do peso da estátua. A garota parou, levantando uma mão, e desviou a escultura como se fosse uma pedrinha. O sorriso em seu rosto era cruel, mas o que Cassie registrou com mais clareza foram os olhos dela. Eles não eram mais belos, com as íris escuras em um fundo branco, mas sim vermelhos como sangue de um canto a outro.

Keiko rosnou, passando a faca de uma mão para outra, tentando cortar Cassie. Esquivando-se, Cassie corria, tropeçando pelos degraus abaixo. Os passos vinham atrás dela, correndo desta vez. No intervalo de sua respiração difícil, ela escutou um riso de satisfação, quase no pé do ouvido. Cassie pulou

sobre o corrimão, caiu de mau jeito no próximo lance de escadas e correu novamente.

Não deixe que ela te pegue.

Cassie se lançou sobre o último corrimão e cambaleou ao aterrissar no *hall* de entrada. Os pulmões dela doíam, o terror congelava seus músculos. Ela não conseguia correr rápido o suficiente. Agarrando em um braço de mármore para se segurar, ela escorregou para debaixo de uma estátua e ficou no escuro. Cassandra e Clitemnestra. Que apropriado. *Sinto cheiro de sangue agora, tudo bem.*

Algo caiu graciosamente sobre o piso do *hall.*

O ar saía e entrava truncado nos pulmões de Cassie. Ela tinha de ficar parada, bem imóvel. Mas havia um som agudo em sua garganta: seu próprio terror. Keiko tinha parado de rir. Pensativa agora e confiante, ela passou a faca para sua mão esquerda, e de volta para a direita. A lâmina da faca brilhava perversamente, mas era o punho que chamava a atenção de Cassie. O metal parecia estar em movimento por baixo dos dedos de Keiko, como se estivesse se remexendo, se contorcendo, se esforçando para ter sangue. Mesmo sentindo um medo de dar frio na barriga, Cassie estava fascinada.

De pé sem se mexer, Keiko ergueu a cabeça e fungou suavemente no ar. Ela sorriu. Andando casualmente para a estátua, Keiko passou a mão sobre o mesmo braço de mármore que Cassie tinha segurado. Quando ela andou em direção à escuridão, Cassie ouviu sua respiração ansiosa, sentiu o cheiro do seu perfume caro. O cheiro de doença e morte havia desaparecido.

Fechando os olhos, Cassie esperava pela captura de uma mão poderosa e pelo corte de uma lâmina. *Por favor, não deixe doer. Não muito.* Ela apertou seus olhos com mais força para evitar as lágrimas. Quando Keiko gritou, ela abriu os olhos rapidamente. Não era um grito de triunfo, mas de fúria e confusão. Keiko tropeçou para trás, quase caindo, arrastada por um garoto agarrando com força seus cabelos. Cassie ficou desnorteada por um momento, antes de distinguir a figura atrás de Keiko.

Jake Johnson.

Ao passo que Cassie se arrastava para sair da escuridão, ele atirou Keiko para o lado e segurou a mão de Cassie.

— Venha!

— Espere! — Cassie deu uma volta. Keiko tinha pulado e ficado de pé rapidamente. —Jake!

Respirando profundamente, ele levantou um braço para se proteger, quando Keiko saltou para frente. Agachando-se, Cassie girou e chutou com um dos pés. *Errou.* Ela tentou mais uma vez, atacando Keiko e a segurando, mas foi espantada como uma mosca, caindo com força contra o chão. *Nossa,* Keiko era forte.

Conforme ela se levantava cambaleando e atordoada, viu Keiko e Jake atracados, ele lutava para manter a lâmina longe da lateral do seu pescoço. Ele também era forte, mas Keiko estava forçando a ponta da faca lentamente contra a carne dele, os lábios dela se retraíram em um horripilante e deliberado sorriso.

Mais uma vez, Cassie pulou nas costas de Keiko, puxando o cabelo dela. Uivando como um gato, Keiko a agarrou e Jake aproveitou a chance, batendo o braço dela contra a estátua com toda sua força e fazendo com que ela soltasse a faca. A faca fez barulho ao bater no chão e rodou. Todos os três saltaram para pegá-la ao mesmo tempo, mas Jake empurrou Keiko com os ombros desastradamente, tirando o equilíbrio dela, enquanto Cassie mergulhava de barriga no chão, com o nariz a um centímetro da lâmina.

Os dedos dela se atrapalharam para segurar o cabo da faca, escorregadios por causa do suor, mas, quando finalmente conseguiram agarrar o cabo, ele coube perfeitamente na palma da mão dela. Por um momento, ela o observou se questionando, quase hipnotizada, então caiu em si com o grito de Jake. Ela deu meia-volta. Keiko vinha na direção dela. Instintivamente, sem pensar, ela posicionou a faca à sua frente, bem na hora em que Jake deu uma voadora no meio das costas de Keiko. A garota japonesa foi lançada para cima de Cassie. A cabeça dela bateu no tórax de Cassie, forte o suficiente para tirar-lhe o ar dos pulmões.

Enlouquecida pelo pânico, Cassie se esqueceu da faca, soltando-a para empurrar e lutar freneticamente conta o peso surpreendente da garota. Ao empurrá-la, respirando com dificuldade, ela cambaleou e se virou para enfrentar o próximo ataque de Keiko.

Isso não aconteceu.

Tentando ficar de pé e com um pé deslizando, Keiko escorregou e caiu novamente, então se recuperou, arrastando-se de quatro. O silêncio era horrível. Jake ajudou Cassie a se levantar, mas nenhum deles podia correr. Keiko inclinou a cabeça para trás em um ângulo impossível e, com um salto para trás de terror, Cassie viu o punhal se sobressaindo. Não dava para ver a lâmina. Estava completamente enfiada na garganta de Keiko.

A beleza e a vida que Keiko tinha sugado de Alice estava desaparecendo rapidamente, os lábios dela estavam descascando mais e mais, formando vincos. A blusa se desgastou e desintegrou, dando a Cassie a chance de espiar a etiqueta antes que estivesse esfarelada demais para qualquer coisa. Enquanto a pele por baixo da roupa secava e enrugava, os olhos de Keiko brilhavam vermelhos pela fúria mortal.

Então, Cassie viu: uma marca na escápula de Keiko. Elaboradas linhas entrelaçadas, um padrão de cinco centímetros de diâmetro. Não era uma marca, nem uma tatuagem. As linhas eram ofuscantes, incandescentes.

Keiko se debatia com a faca, desesperada para tirá-la rapidamente da sua carne em decomposição. As mãos dela estavam contorcidas e se pareciam com garras, as unhas estavam amarelas e afiadas. Jake agarrou o braço de Cassie tão forte que ela pensou que sua circulação iria parar.

Ao cair no chão se contorcendo, o cabelo de Keiko se espalhava em mechas secas que iam se encolhendo onde estavam, outra vez, ela segurou o cabo da faca sem muita força. A lâmina se movimentou, mas nenhum sangue escorreu, apenas um pequeno feixe de luz que se dissolveu no ar. A marca incandescente no ombro dela se apagou como uma vela assoprada. Com um longo e intenso suspiro, Keiko se contorceu e morreu. Quando Cassie se obrigou a olhar para os olhos dela novamente, eles não existiam mais.

Pareceu uma eternidade antes que ela pudesse ouvir Jake respirar novamente. O corpo dele estava tremendo contra o dela; ela mesma se sentia completamente gelada. O rosto ressecado e sem olhos de Keiko ainda estava olhando diretamente para o rosto deles.

Jake praguejou.

— Isso não pode ser... Não pode ser o que matou... — o corpo todo dele tremia violentamente.

Eles caíram em si completamente.

— Nós temos de sair daqui. Vamos — disse Cassie.

Fria e calma de repente, ela o afastou dos restos de Keiko.

— Espere — Jake parecia esgotado, mas a tremedeira havia parado e agora ele também estava frio e determinado.

Ele hesitou brevemente, então se agachou para pegar o que estava no piso, puxando a faca. A lâmina estava seca e empoeirada.

Jake a escondeu em sua camisa.

— *Agora* vamos.

Capítulo 16

— Espere aí — sussurrou Jake. — Olhe.

Ele fez Cassie parar e olhar de lá de cima para o *hall* principal. Ambos espiavam secretamente sobre o corrimão dourado. Keiko ainda estava reconhecível, um borrão de poeira no mármore brilhante do piso. Naquele instante, uma pessoa observava atenciosamente seu corpo. Era difícil reconhecer na escuridão e a pessoa parecia menor pelo ângulo de visão, mas Cassie tinha certeza de que era Marat. O porteiro estava com o celular em seu ouvido, e algo muito claro cobria o braço dele. Falando muito baixo em seu telefone, ele olhou em volta do *hall,* então ergueu sua cabeça feia para examinar as sombras da grande escadaria. Cassie jogou rapidamente o corpo para trás, puxando Jake com ela.

As luzes se acenderam, as portas se abriram e vozes questionadoras foram ouvidas. Quando eles arriscaram uma última olhada sobre o corrimão, havia um *flash* de luz branca lá embaixo. Cassie e Jake trocaram olhares. Marat tinha colocado depressa um lençol de linho sobre o que havia restado de Keiko. Cassie se arrepiou.

— Vamos.

— Por onde vocês andaram? — Isabella se levantou subitamente, quando Cassie empurrou Jake para dentro do quarto delas e fechou a porta com força. — O que está acontecendo? Eu estava muito preocupada. O que foi, Cassie? *Jake?*

Cassie passou a mão na testa. Com toda força, ela engoliu suas lágrimas. Agora não era o momento de ser sutil.

— Isabella! Sua entrevista. Como foi?

— Foi bem. Bem... — disse Isabella. — Nós tomamos uns drinques, eles foram amigáveis. Nós conversamos. Pelo amor de Deus, Cassie, o que...

— Por quanto tempo você esteve lá? — interrompeu Cassie. — Quanto tempo durou a entrevista?

Isabella parecia confusa.

— Uma hora, ou duas? Eu não sabia que o tempo tinha passado tão depressa. Mas então eles tiveram um problema, um tipo de contratempo bem agora, e eu fui dispensada — ela pausou. — Daí voltei para cá, Cassie, e descobri que você tinha saído. Agora você vai me dizer o que está acontecendo?

— Keiko está morta — Jake deixou escapar.

Isso silenciou até mesmo Isabella, ainda que apenas por um momento.

— Morta? O que você quer dizer com morta?

— O que você acha que isso quer dizer? — retrucou Jake. Ele estava pálido.

Cassie colocou uma mão em aviso sobre o braço dele.

— Um... Acidente. É difícil de explicar...

Isabella tinha coberto a boca com a mão, mas ela moveu a mão até a garganta. Engoliu.

— Tente.

— Nós não queríamos... Eu não... Ouça, ela estava tentando matar a Cassie! — Jake colocou as mãos na cabeça por um instante. — Cassie, o que aconteceu antes de eu aparecer?

Ela abriu a boca, porém hesitou. Parecia um pesadelo insano, e até ela própria seria capaz de duvidar dessa história quando a contasse em voz alta. Mas Jake estava pálido e abalado, Isabella estava zangada e curiosa.

Cassie respirou fundo.

— Eu fui até o quarto de Keiko. Arrombei a fechadura.

— Você fez *o quê?* — explodiu Jake.

— Eu queria descobrir coisas sobre os *Escolhidos*. Eu só queria ver se havia algo escrito, papéis. E estava preocupada com Alice — Cassie deu um sorrisinho, desafiadora. — Eu acredito que você teria feito o mesmo. Senhor *Sonâmbulo.*

— Ah, eu faria, se tivesse coragem. Eu já tentei entrar no quarto coletivo, mas nunca em um dos quartos privativos deles. Você sabe o quão perigoso foi isso?

— Claro. Agora eu sei. Keiko estava comendo Alice.

— O quê? — Isabella gritou. — Cassie!

— Não estou brincando. Eu juro. Keiko entrou, eu tive de me esconder e fiquei olhando. Ela estava... Era como se ela estivesse se *alimentando* de Alice, algo assim.

— Tipo um vampiro? — Isabella fez uma cara de indignação. — Isso é esquisito. Algumas crianças veem esse tipo de coisa na internet e elas...

— Não — disse Cassie, impacientemente. — Quero dizer, se alimentando da energia dela. Sugando a energia de dentro dela. Eu as vi e juro que não estavam brincando, não era um jogo. Keiko estava praticamente sugando a vida de Alice. Sem sangue, nada disso. Apenas... a *vida* dela. E daí ela me viu. E então... — Cassie engoliu em seco — Foi quando ela veio atrás de mim. Com aquele punhal.

Isabella arregalou os olhos.

— Que punhal?

Jake tirou de dentro de sua camisa.

— Este pun...

Um pulso bateu firmemente na porta. Os três se olharam entre si, congelados.

— Jake — sussurrou Isabella. — Jake tem de se esconder. Agora!

— Cassie Bell! Sei que está aí dentro. Abra esta porta, está me ouvindo?

Cassie praguejou. *Katerina.*

— Banheiro — sussurrou Isabella, pegando Jake pelo braço.

Não havia tempo para Cassie discutir, para dizer que péssimo esconderijo era o banheiro. Quando Jake entrou e deu descarga, Cassie bateu a porta com força e fez que sim com a cabeça para Isabella. Respirando fundo, Isabella abriu a porta do quarto, que estremecia pelas batidas daquele punho determinado.

No centro da porta, elegante pela fúria, Katerina parecia congelante. Ela até parecia mais alta, pensou Cassie. Ela nem tomou o menor conhecimento de Isabella. Seus olhos azuis estavam presos aos de Cassie.

— Por onde você andou? — ela assobiou.

— É isso, você não sabe onde eu estive — Cassie sorriu estupidamente para ela. — Melhor não tocar em mim sem um pedaço de madeira.

— Não tente bancar a espertinha, Senhorita Bolsista. O que você estava fazendo esta noite? Onde você estava?

Isabella cruzou os braços e olhou bem nos olhos de Katerina.

— Cassie não tem se sentido bem. Está com o estômago virado — ela fez sinal com a cabeça apontando o som da caixa-d'água enchendo.

Cassie fez cara de doente.

— Meu Deus, sim. Eu não sei quem fez os crepes do jantar, mas...

— Não insulte minha inteligência — disse Katerina, ofegante.

Por que não? Cassie se controlou para não dizer em voz alta.

— Claro que eu não faria isso — ela pôs a mão no estômago, fazendo careta. — Aí vem de novo.

— Cassie, querida — com uma expressão de pena, Isabella passou um braço em volta dos ombros dela. — Quer que eu chame a enfermeira?

— Não, eu vou ficar bem, eu... — ela gemeu. — *Ohhhhh!*

Os dentes de Katerina estavam cerrados, mas ela olhava de uma para a outra, hesitante. A fragilidade humana obviamente a repulsava.

— Se eu souber — ela disse —, se *algum dia* eu souber que você viu, esta noite, algo que não deveria ter visto, Cassie! Vai ser péssimo para você. Você está entendendo?

— Sério? Por que haveria algo que eu não poderia ver? — Cassie se lembrou de se contrair por outra cólica imaginária.

— Eu acho que você sabe, pequena garota — Katerina entortou a boca. — Você é como aquele patético e bobão do Jake Johnson, sempre xeretando onde não deve. Cuidado com o que procura, bolsista. Um dia você pode encontrar... — ela sorriu de forma desagradável para Cassie. — E então, você se arrependerá. Se arrependerá muito, e será tarde *demais.*

— E eu sinto muito agora, mas você vai ter de me dar licença — Cassie pôs uma mão na maçaneta da porta, a outra cobrindo sua boca.

— Não cometa o erro de pensar que sou trouxa — Katerina disse baixinho. Ela se afastou lentamente de Cassie. — Se você teve alguma coisa a ver com o que aconteceu com Keiko hoje à noite, eu juro que você vai pagar. Você está me entendendo?

— Não — Cassie abriu um pouco a porta do banheiro, segurando o olhar frio sem recuar. — O que aconteceu com Keiko?

Enojada, Katerina saiu arrogantemente e bateu a porta.

Cassie apoiou a testa no batente da porta do banheiro. Eles deveriam estar rindo alegremente agora. Eles deveriam estar se sentindo triunfantes em se livrar de Katerina. Recordando a morte de Keiko, Cassie não sentiu mais vontade de sorrir e, obviamente, Isabella também não. Triste, Cassie assistiu sua amiga começar a chorar.

— Isabella — Cassie apertou os dedos gelados da amiga. — Eu sinto muito, eu juro por Deus que foi um acidente. Eu sinto muito que isso tenha acontecido, mas ela estava me atacando, e se Jake não tivesse...

— Eu não sinto por Keiko — em meio ao choro escandaloso, o tom de Isabella era indignado. — Ela tentou te matar! Ai, Cassie, e se ela tivesse conseguido?

— Ela não conseguiu — Jake tinha saído da escuridão do banheiro. Ele se apoiou contra a porta, ainda tremendo, olhando para o lugar onde Katerina tinha ficado.

— Graças a você — Cassie pontuou.

— Claro. Talvez eu não seja um bobão completo, hein? — ele cruzou os braços.

— Oh, Jake — Isabella abraçou a si mesma, acariciando seus braços como se estivesse evitando abraçar Jake. — Sinto muito. De verdade. Sinto muito que tenha havido isso.

E ela estava mesmo, pensou Cassie, entretida e comovida. A sensível flor do sul estava preocupada com os sentimentos *dele.* Isabella estava muito apaixonada.

— Tudo bem — Jake deu de ombros. — Eu acho que tenho sido um pouco ingênuo, não tenho?

— Isso é porque você é bonzinho — insistiu Isabella novamente. — Você não é como ela! *Você* nem sonharia que uma pessoa pudesse ser tão cruel, desagradável e... Calculista. Não é assim que sua mente funciona.

— Gentil de sua parte dizer isso, Isabella — ele deu um sorrisinho para ela e encolheu os ombros. — Mas eu acho que talvez eu seja apenas bobo. Sabe? Por pensar com a outra cabeça...

— Não! — exclamou Isabella, mortificada. — Não diga tal coisa a seu respeito!

Nossa! Essa foi demais!

— Hum... — disse Cassie rispidamente. — Vocês dois podem parar com isso por um minuto?

— Sim — Jake sorriu sem graça.

Cassie respirou fundo.

— Qual é a sua, Jake Johnson?

Praguejando, ele esfregou suas têmporas com os dedos.

— Quero dizer — Cassie continuou —, todo mundo por aqui parece estar tramando algo. Mas você não... Bem, mesmo que você tenha um sério problema de sonambulismo, eu não acho que esteja armando algo de muito ruim. Certo? — ela mordeu seus lábios.

Jake se sentou no chão e passou a mão na nuca e, depois de uma pausa, disse:

— Tem algo errado com esta escola.

Cassie bufou.

— Isso eu já sei.

— Jake... — Isabella se jogou na cama e se inclinou na direção dele cheia de preocupação. — É Jessica, não é?

Tristemente, ele fez que sim com a cabeça.

— O quê? *Jake.*

— Eu preciso descobrir quem a matou. *O que* a matou — ele ficou quieto por um instante. — Está certo? Eu preciso saber.

O silêncio era tão pesado que Cassie queria escancarar a janela e deixar o ar da noite entrar.

— Jake — disse Isabella, gentilmente —, eu sei que você estava, está muito chateado, mas não foi... — ela pausou e sussurrou. — Pode ter sido um acidente.

— Não foi um acidente. Alguém a matou — ele olhou diretamente para Cassie. — *Alguma coisa* a matou.

— Mas você não pode se impor a responsabilidade de...

— Então quem vai fazer isso? Darke? A polícia? A polícia do Camboja não estava interessada. Ninguém está. Ela era apenas uma bolsista, não era?

Cassie estremeceu.

— Jess também não foi a primeira — disse Jake.

— É a má sorte da escola — Isabella pontuou. — Uma peste. É o que dizem.

— Uma praga.

— E Sir Alric... Ouça, você não pode culpá-lo. Ele ficou extremamente chateado quando isso aconteceu. E ele te deu a bolsa de estudos, Jake, em memória a sua irmã.

— Para calar a minha família, você quer dizer. Para reparar os danos de RP. Minha mãe pode ter caído nesse truque de caridade, mas eu com certeza não caí. Eu aceitei a bolsa de estudos para que pudesse descobrir o que aconteceu com Jess.

— E o que você descobriu? — perguntou Cassie.

— Não muito — a voz de Jake era amarga. — Tem a ver com os *Escolhidos*, isso é tudo o que sei. Um deles a matou, e acho que sei qual deles foi. Eu preciso provar, isso é tudo.

— Se você provar um assassinato — disse Isabella —, se vazar a informação de que um aluno foi assassinado aqui e que isso foi acobertado, será o fim da Academia.

— Hum... — Jake deu de ombros. — Eu quero fechar este lugar, Isabella, essa é a verdade. É por isso que eu não espero que você goste do que estou fazendo. Apenas, por favor, não conte a ninguém.

Isabella se levantou rapidamente.

— Você acha que eu sou esse tipo de riquinha metida, hein? Contar para os outros, que absurdo! Eu deveria bater em você, Jake Johnson.

— Bem, eu...

— Você acha que eu vou dar com a *boca* nos dentes?

— A *língua* — disse Cassie, sem dar muita importância.

— Sim, sim. Você acha que eu estragaria sua oportunidade por gostar da minha escola? Eu gostava muito mais de Jessica. Se alguém a matou, eu quero que ele, ela, *eles* sejam pegos. Se você acha que há algo de sinistro aqui, Jake, que alguém na Academia foi responsável pelo que houve com Jess, então eu não vou ficar fora dessa.

Perplexo, ele disse: — Espere um pouco...

— Cala a boca — disse ela, de forma rude. — Americano estúpido. Não seja tão orgulhoso. Não seja um isolacionista. Nós vamos te ajudar. Certo, Cassie?

— Sim, claro — Cassie riu para Jake. — Ela está certa, sabia?

— Estou sempre certa — Isabella torceu o nariz.

Cassie a cutucou nos quadris.

— Nós três podemos chegar aonde um só não pode. Isso é óbvio, né? Nós podemos fazer três vezes mais. E depois do que vi hoje à noite! — Cassie estremeceu. — Eu acho que precisamos de toda ajuda que pudermos conseguir, Jake.

— E eu sou uma princesinha com um pai rico e bons contatos.

Jake mordia os dedos compulsivamente.

— Pode ser perigoso.

— Perigo — Isabella jogou o cabelo —, é meu nome do meio.

— Ok, Ok! — Jake deu uma gargalhada. — Sabe o que mais? Estou feliz que tenha esbarrado em você esta noite, Cassie.

— Nem a metade do quanto eu estou feliz — disse ela, ironicamente. — Jake, quem você acha que matou Jess?

— Eu não sei. Eu não posso provar, não com certeza. Mas Ranjit sabia onde ela estava naquela noite.

O estômago de Cassie se contraiu.

— Ele sabia? Você tem certeza?

— Sim. E Ranjit e Jess eram... Bem, eles tiveram um lance. Talvez tenham brigado, talvez houvesse outra pessoa e ele tenha ficado com ciúme, não sei. É a explicação mais plausível, não é? Eu tentei pedir a ele que explicasse, mas não quer falar sobre isso. Nem quer discutir sobre os *Escolhidos*. Está escondendo algo. Talvez ele apenas seja doente.

Cassie se sentiu enjoada.

— Mas o que você quer dizer com "ele sabia onde ela estava"?

O rosto de Jake endureceu.

— Porque foi ele que a encontrou. Ranjit encontrou o corpo de Jess.

Capítulo 17

— Me sinto tão culpada. Se eu não estivesse tão doente, quem sabe eu poderia ter notado que algo estava errado. Eu poderia ter ajudado.

O choroso sotaque inglês era familiar. Cassie parou subitamente e se virou rapidamente para o quadro de notícias. As vozes estavam quase no fim do corredor, perto do *hall* de entrada.

— Você não deve se culpar, Alice — a outra garota tinha um sotaque mais leve. Ayeesha?

— Eu não consigo evitar. Que coisa horrível de se fazer. Ela devia estar desesperada, eu devia ter notado algo. Alguém no café da manhã disse que ela parecia muito mal, não parecia ela mesma. Oh, eu devia ter *percebido...*

— Agora — sim, definitivamente era Ayeesha —, as pessoas podem ser muito habilidosas em esconder esse tipo de coisa. Keiko devia estar muito determinada. Pular do último andar! Por favor, Alice. Não havia nada que você pudesse ter feito.

Cassie olhava com muita atenção para o aviso do baile de Natal, quando as duas meninas chegaram ao *hall,* mas Ayeesha parou e pôs uma mão no braço dela.

— Cassie, olá! — Ayeesha sorriu.

— Oh! Oi, Ayeesha! Minha cabeça estava longe nossa, pensou Cassie, não muito convincente. — Olá, Alice — ela engoliu em seco. — Você está bem?

— Sim, eu acho — Alice estava quase chorando. A expressão dela era de choque e um pouco de pânico. — Não. Terrível. Eu só quero ir para as aulas.

— Mas esta manhã... Você tem certeza de que é uma boa ideia?

— Preciso me manter ocupada. Eu perdi muita coisa, isso vai me manter ocupada.

Ayeesha balançou a cabeça.

— Eu acho que as aulas serão canceladas, Alice. Mas é melhor que sejamos pontuais, de qualquer forma. Vamos, Cassie.

Cassie andou ao lado de Alice.

— Eu sinto muito por Keiko.

— Eu também — as lágrimas escorreram pelas bochechas de Alice.

Nossa mãe, pensou Cassie, perplexa. Era óbvio que Alice não tinha lembranças do que Keiko estava fazendo com ela, bem na noite passada.

— Você está se sentindo melhor? Tem certeza? Você sarou da...?

— Mononucleose — Alice assuou o nariz. — Não poderia ter acontecido em um momento pior, poderia? E tudo o que escuto é o quanto mamãe está preocupada *comigo.* Papai contratou um tutor para me ajudar a recuperar o conteúdo nas férias. Eles têm ligado desde as quatro e meia da manhã de hoje, mas eles não parecem se importar com Keiko. É tudo sobre mim. Estou *bem.* Enquanto a pobre Keiko... — Alice cobriu a boca com a mão.

Cassie analisava Ayeesha, mas ela estava toda solidária a Alice.

— Bem. Não deve ter caído a ficha ainda. E eles ficaram muito preocupados com você.

— Deus, sim. Mamãe terá de reservar uma semana em um *spa* para acalmar os nervos, sabe?

Ayeesha olhou rapidamente para Cassie, enquanto levava Alice para a sala de Herr Stolz.

— Você mesma precisa de uma semana em um *spa*. Venha e sente-se, Alice.

Ela não estava brincando, pensou Cassie, enquanto se sentava ao lado de Isabella. Alice ainda parecia horrível — abatida, pálida e cansada —, embora nem um pouco frágil como no dia anterior; a morte de Keiko deve ter começado a restaurá-la imediatamente. Cassie conseguia entender porque ela precisava voltar à normalidade, porque ela precisava sair do quarto. Ela provavelmente entendia os motivos de Alice melhor do que a própria Alice. Mononucleose e o suposto suicídio da colega de quarto não eram tudo de que ela precisava escapar.

Herr Stolz tossiu, silenciando o murmúrio predominante dos alunos, e foi direto ao ponto.

— A esta altura, estão todos cientes da terrível tragédia que ocorreu na noite passada — ele também estava pálido, muito esgotado e chocado. — Vocês não ficarão surpresos em saber que as aulas foram suspensas hoje e amanhã.

Todos ouviram em silêncio, até mesmo os *Escolhidos*. Cassie já tinha notado que Ranjit não estava. *De novo?* Desta vez, Katerina também não estava. Ela olhou para fora pela janela e a voz de Herr Stolz se reduziu a um murmúrio. Ela não conseguia se concentrar. Havia muitas perguntas, muitas meias conversas começando a se encaixar.

Por que, por exemplo, *Ranjit era um caso tão especial?* Ele parecia tratar a escola como seu próprio feudo, mais ainda que os outros *Escolhidos*. Agia como se as aulas fossem para meros mortais. De algum modo, não fazia sentido que Jess tivesse sido namorada dele. Se Jess fosse um pouco parecida com Jake, Cassie não conseguia imaginar Ranjit e ela juntos. Seria tão estranho quanto imaginar ela própria com ele...

Sentiu um frio em sua espinha. Ela se parecia com Jess, todos diziam isso.

A maneira como você me faz sentir... Eu não posso aceitar, Cassandra.

O que ele quis dizer? Ele não podia aceitar porque ele tinha se apaixonado por Jess? Ou porque ele a matou?

Ranjit tinha advertido Cassie. Ranjit não a queria entre os *Escolhidos*, até mesmo quando a chata da Katerina estava considerando aceitá-la. O que fazia com que ele a desprezasse tanto? *Consciência pesada?*

Jess tinha ido à noite para Angkor Wat e nunca mais foi vista viva. Como deve ter sido para ela, sozinha e assustada na escuridão da floresta? Ouvindo o aproximar lento, um assassino chegar perto dela na calada da noite...

Ele encontrou o corpo de Jess.

— ...E todos nos sentiremos a falta dela.

Cassie pulou. Ela levou um minuto para perceber que Herr Stolz estava falando de Keiko.

— O baile de Natal não será cancelado, mas será feito um minuto de silêncio no início. Sir Alric me pediu para informá-los que providências serão tomadas para uma cerimônia em memória a Keiko, no início do próximo período. Nesse meio tempo, qualquer aluno que sinta a necessidade de conversar com um membro sênior da equipe pode se sentir a vontade para fazê-lo. Alice... — ele sorriu gentilmente para a garota inglesa. — Isso é um choque especialmente para você. Sei que está disposta a colocar seus estudos em dia, e o trabalho pode ser uma boa distração. Por favor, fique aqui por uns minutos. O resto de vocês está liberado para fazer o que quiserem hoje e amanhã. Naturalmente, não haverá nenhum tipo de comportamento exaltado — ele olhou para cada um dos alunos severamente. — Talvez uma visita de estudos a uma capela ou catedral seja mais apropriada que a *Avenida Montaigne*?

Jake se inclinou para alcançar Cassie e Isabella, enquanto elas juntavam seus livros e o murmúrio de fofoca e especulação começava em volta deles.

— *Notre Dame*, então, o que acham? Onze horas?

Cassie fez uma expressão de incerteza.

— Metade da escola deve ir para lá depois desse discurso.

Jake fez uma careta.

— Metade da escola estará na *Avenida Montaigne* movimentando os cartões de crédito, não importa o que Stolz tenha dito.

— Que tal... *Bois de Boulogne*? — sugeriu Isabella. — Um lugar sereno para pensamento e reflexão, não? Muito espaço. Muita privacidade.

— Boa ideia. Encontro vocês duas em *Lac Inférieur* — Jake piscou para Isabella. — Perto dos barcos.

— Estou congelando — resmungou Isabella. — Vou congelar até a *morte.*

— Anime-se, minha flor do sul — Jake conduzia os remos. — Essa ideia brilhante foi sua. Bem, você pode morrer espetacularmente de pneumonia e alguém escrevera uma ótima e trágica ópera a seu respeito.

Isabella fez uma careta mostrando os dentes, mas a expressão dela parecia sonhadora e distante, como se já estivesse imaginando sua aflitiva ultima ária. Cassie limpou a garganta em exasperação.

— Podemos *não* falar sobre mortes espetaculares?

O sorriso de Jake desapareceu quando ele descansou os remos nas travas.

— Eu acho que temos de falar, não?

— Como alguém pode acreditar que Keiko se suicidou? — reclamou Isabella, dando mais uma volta com seu cachecol de vicunha em seu pescoço e enfiando as mãos debaixo dos braços. — Eu pensei que você havia dito que tinha um punhal na garganta dela.

— Não naquele momento.

Enquanto o barquinho flutuava sob as castanheiras congeladas, Jake apalpou o interior de sua jaqueta e pegou a faca de Keiko. A lâmina estava embrulhada em tiras de uma camiseta velha rasgada, ele levou um tempinho para desenrolar. Por um momento, ele colocou a faca sobre as duas palmas das mãos. As meninas encaravam a faca, fixamente.

— Marat cobriu o corpo dela antes que alguém aparecesse — Cassie contou para Isabella. — Nós o vimos fazendo isso. Depois que todos foram mandados para cama, ele deve ter removido o corpo, rapidamente.

— *Eles* devem tê-lo removido — corrigiu Jake. — Marat não deve ser o único envolvido. Alguém mais deve ter visto o corpo.

— E quem são *eles* exatamente? — sussurrou Cassie.

O lago estava calmo e o barco se movimentou apenas um pouco sobre as águas, enquanto eles tremiam no frio. Flocos de gelo se formavam na superfície, e Isabella estremeceu. Cassie não estava com tanto frio, mas também estremeceu enquanto examinava a lâmina da faca. Tinha mais ou menos quinze centímetros, levemente encurvada, era bem afiada e brilhava na luz invernal de dezembro.

Dezembro. Era primeiro de dezembro. Cassie mal podia acreditar. Ela já estava na Academia Darke por quase um período completo. Nossa, ela tinha aprendido muito...

— Olhem para o cabo — disse Jake. — É estranho. Nunca vi algo assim.

— Nem eu — disse Isabella. — E *papá* coleciona espadas antigas, adagas, coisas assim. Tenho certeza de que ele poderia nos dizer algo sobre isso, mas não vi nada igual em sua coleção.

Cassie esticou a mão para tocar o cabo. Parecia muito antigo. O entalhe elaborado parecia suavizado pelos séculos, lustrado pelo envelhecimento. Ela passou o dedo indicador por todo o detalhe do cabo. É preciso inspecionar o cabo de perto para ver os detalhes, porque todas as figuras, criaturas e ornamentações estão entrelaçadas: cobras, sereias, cariátides, demônios... Furiosas criaturas destorcidas que poderiam ter sido gatos ou lobos.

— Aposto que deve valer uma fortuna — ela pontuou. — Sabem, parece incrível à noite. Acontece um tipo de ilusão de ótica. Os entalhes parecem se mexer.

— Eles são tão realistas, não são? — Isabella tocou a faca, então, puxou a mão de volta. — Mas eu não gosto disso.

— Eu gosto — disse Cassie.

— Eu não gosto nem desgosto — Jake reembrulhou a lâmina e a enfiou dentro da jaqueta outra vez. — É uma prova, isso é tudo.

— Prova de que? — disse Cassie. — Não há prova de nada, a menos que o *DNA* estranho de Keiko esteja aí. Ou o nosso. E aí estamos os dois encrencados, parceiro.

— Eu sei, eu sei. Mas deve haver mais para descobrirmos.

Fungando, Isabella esfregou o nariz com muita força. Já estava ficando vermelho. — Bem, como descobriremos mais? Por onde começar?

— Precisamos de conexões com os *Escolhidos*, isso é óbvio — Jake franziu a testa. — Eles estão no centro disso.

Isabella levantou os ombros.

— Cassie e eu fomos entrevistadas. Pelo menos uma de nós deve ser escolhida.

Ele fez que não com a cabeça.

— Eu não gosto da ideia.

— Sim, mas não é você quem decide, é? — perguntou Cassie. — O que de pior pode acontecer? Uma de nós consegue se tornar um membro, descobrimos o máximo que pudermos, depois dizemos que foi um erro, que não temos tempo, que precisamos estudar... Alguma coisa. Renunciamos aos *Escolhidos*.

— Eu acho que ninguém pode renunciar aos *Escolhidos* — falou Jake.

— Eu nunca ouvi algo semelhante — concordou Isabella.

Ela respirou fundo.

— E Ranjit?

Jake parou.

— O que tem ele?

— Ele é o mais importante. Ele é praticamente o líder. Todos o temem, não notou? E eu acho que ele gosta de Cassie. Ele, como se diz, está a fim dela.

— Você está enganada — resmungou Cassie. — Ele mal pode esperar para se livrar da minha companhia.

— Eu não acho que isso seja verdade, sabe. Eu tenho notado como ele olha para você.

— Isso é por causa da aparência dela — reclamou Jake. — Ela é como uma assombração para ele. De forma alguma, Cassie pode se envolver com ele. É muito perigoso. Quem sabe o que ele faria se você chegasse tão perto? Talvez tenha sido isso o que aconteceu com... — ele ficou quieto.

Isabella esfregou os próprios braços.

— Richard, então?

Suspirando, Cassie passou um dedo pela superfície gelada da água, até que percebeu que os outros estavam parados a observando em silêncio.

— Olhem, Richard não tem muita influência — ela protestou. — Alguns dos Escolhidos não acham que ele deveria ter me indicado. Ranjit não gosta dele e Katerina o trata como um cachorrinho. Ele, provavelmente, não sabe de nada que valha a pena.

— Ele ainda é o nosso único ponto de contato — disse Jake. — E ele *definitivamente* gosta de você. Se ele não está entre os mais importantes, você pode pelo menos fazer amizade com os outros por meio dele.

— Faça com que ele te acompanhe ao baile de Natal — sugeriu Isabella. — Isso não será difícil.

— Ah, é? — retrucou Cassie. — Se é assim tão fácil, por que *Jake* não o convida para o maldito baile de Natal? Richard gosta dele também, não gosta?

— Olha, eu sei que você se sente mal em usá-lo — disse Jake —, mas Richard usaria você se precisasse. Ele é assim. Não hesitaria nem por um momento, Cassie.

— Não tenho tanta certeza. O Richard, sabe... É legal — as bochechas dela estavam queimando, mesmo no ar congelado.

— Seria mais seguro do que tentar arrancar informações de Ranjit — Jake pontuou.

Cassie suspirou, derrotada.

— Vou tentar, então, certo? Mas não estou prometendo nada.

— Eu agradeço. Obrigada, Cassie.

Suspendendo os remos, Jake começou a conduzir o barco em volta de uma pequena ilha e em direção à costa.

— Vocês sabem que somos os únicos idiotas ao ar livre em um barco?

— Não estou surpresa — Isabella disse com o nariz entupido. — O barqueiro pensou que éramos loucos.

— Nós somos loucos — murmurou Cassie. — Nós sabemos no que estamos nos metendo?

— Nem a pau! — Jake resmungou. — A vida é mesmo um desafio, hein?

O som de uma música tocou bem alto, fazendo-os pular e o barco balançar ligeiramente. Cassie se atrapalhou com as mãos frias no bolso de seu casaco.

— Desculpa — disse ela, envergonhada, tirando seu telefone do bolso e olhando para o *display*.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Vocês não vão acreditar quem é... — ela abriu o *flip*. — Oi, Richard.

Jake se inclinou para frente, deixando os remos parados e escorrendo a água. Isabella chegou mais perto de Cassie, tentando impedir que seus dentes batessem muito alto.

— No *Bois de Boulogne*, acredite ou não... Sim, está muito frio — Cassie riu e mordeu o lábio. — Com Isabella — uma pequena hesitação — e Jake. Sim, bem, eu não te vi mais depois que as aulas foram canceladas... Claro que procurei. Você já tinha ido — ela fez uma careta para Jake e cruzou os dedos.

Houve um momento de silêncio do outro lado da linha, Cassie pressionou telefone contra o ouvido, um pouco ansiosa.

— Claro que não estou te evitando. Onde você foi mesmo? Oh! *Notre Dame!* — Cassie ergueu uma sobrancelha para Jake e ele fingiu tirar o suor da testa em sinal de alívio. — Eu não achei que você fosse tão obediente...

Depois de outra pausa, ela riu novamente.

— Claro que irei. Que horas? Está ótimo, Richard. Enfim, te vejo mais tarde, provavelmente.

Ela fechou o *flip* do telefone.

— Missão cumprida — disse, um pouco descontente.

— Missão em andamento — disse Jake, sombriamente. — Longe de estar cumprida. Você tem um encontro?

— No *Arco do Triunfo*. Amanhã. É um dia muito especial, ele disse. Quer me mostrar algo espetacular. Estou me sentindo uma cobra.

Isabella tocou na mão dela.

— Ouça, seja cuidadosa ao sondá-lo, hein? Talvez ele até queira nos ajudar.

— Talvez.

Jake remava com força novamente.

— Obrigado, Cassie. Mesmo. Você está fazendo a coisa certa, você sabe disso.

— Eu sei disso — inquieta, ela olhou ao redor do parque tomado pelo inverno.

— Então não se preocupe — Jake persistiu. - É apenas um encontro. O que pode dar errado? E você não tem de fazer nada que não queira.

— Sim. Mas não sei... — Cassie passou a língua nos lábios; eles estavam secos e rachados por causa do frio.

— Não sabe o quê?

— Estou com um pressentimento ruim sobre amanhã.

Capítulo 18

— Incrível, não? — Richard apertou os ombros dela.

Ao se pôr atrás do *Arco do Triunfo*, o sol parecia fogo dourado. À medida que o deslumbramento se intensificava, o sol acendia os cantos do monumento e se transformava em uma auréola de chamas. Toda a estrutura parecia incandescente.

Recuperando o fôlego, Cassie sentiu os dedos de Richard se mover em direção ao pescoço dela. Ela não conseguia falar, mas não tinha certeza se isso era por conta do desejo ou do medo.

— É o aniversário da *Batalha de Austerlitz*. A grande vitória de Napoleão. O único dia do ano em que o sol se põe alinhado ao Arco e à *Champs-Elysées*. *Magnifique* — ele sussurrou no ouvido dela —, *n'est-ce pas?*

— Pode crer — ela disse baixinho.

Eles permaneceram imóveis até que a luz desaparecesse e os turistas ao redor deles guardassem suas câmeras digitais e se dispersassem em uma miscelânea de línguas. Richard ainda a segurava com força e Cassie sentiu-se fraca.

— Vamos ou perderemos a vista! — ele começou a correr pela *Champs-Elysées*.

Cassie correu atrás dele, mas ele nem desacelerou quando se aproximou do redemoinho de tráfego debaixo do Arco.

— Você é louco? — ela gritou.

Ela se assustou quando ele correu entre os carros e motos, sem dar atenção ao barulho estrondoso das buzinas. Por uma fração de segundos, ela hesitou,

mas parecia um desafio e ela tinha pegado um pouco da loucura dele. Sorrindo de tensão, ela respirou fundo e se atirou no meio do trânsito.

Loucura. Ela não sabia como tinha conseguido. O cantar dos pneus e o zumbir das buzinas quase a deixaram surda, as luzes estroboscópicas dos faróis quase a cegaram, mas ela se sentia como um peixe ou um pássaro com sexto sentido, como se nada pudesse tocá-la. Ela estava certa, pensou em uma explosão de forte prazer, quando saltou sobre uma fileira de canteiros que ficam em volta do Arco. Caramba, ela era imortal esta noite.

— Cassie Bell, eu sabia que você era perfeita! — celebrou Richard, agarrando-a e girando com ela. — Eu sabia!

— Claro que sou — ela disse ofegante. — Mas nós seremos presos.

— Não. Venha!

O brilho dourado da pedra e de seus elaborados entalhes e frisos tinha acabado. Em vez disso, holofotes conferiam uma áurea fantasmagórica ao Arco, fundindo cavalos e soldados em um misterioso alívio. Estava friozinho e já ficando tarde. Agora o rugido do trânsito parecia distante.

— Duzentos e oitenta e quatros degraus — ele sorriu. — Vou ganhar de você!

Deus, ele estava em forma. Animadamente, Cassie o acompanhou durante os primeiros cem degraus dentro do Arco, subindo de dois em dois. Ela não estava tão atrás dele quando ele chegou ao topo e a puxou. Recuperando o fôlego, ela assistiu a noite azul cair sobre Paris. Ela não sabia se a obstrução em sua garganta era por causa da vista ou pela culpa torturante, mas até mesmo o brincalhão do Richard parecia tranquilo. Ao anoitecer, parecia que cada detalhe da cidade ganhava vida. Distante dali, a *Sacré Coeur* brilhava sobre a *Montmartre* como uma pérola branca.

— Eu falei que você ia gostar —ele sussurrou.

Ela disse sem graça;

— É incrível — ela também gostava dele, esse era o problema.

— Você quer ver algo ainda melhor que isso? Ainda melhor que o pôr do sol?

— Conta outra.

— Não, é sério. Estou falando serio. Tem uma coisa melhor. Confie em mim!

Ela percebeu que, durante a última hora, tinha se esquecido do que deveria estar fazendo. Ao cair da noite, enquanto o tráfego dava voltas em torno do Arco e a cidade cintilava em cor e vida, era difícil ler as expressões de Richard. *Não confie nele,* Jake havia dito. Mas ela não conseguia evitar. Ela sacudiu a cabeça.

— Claro que confio em você. Mas terá de ser completamente sensacional para ganhar disso.

— Acredite, é mais do que sensacional.

Relutante, Cassie o deixou arrastá-la para longe da proteção de metal, de volta aos degraus.

— Qual é a pressa?

— Você não tem vertigem por causa da altura, tem?

— Não. Mas você pode ir um pouco mais devagar? — com ou sem vertigem, ela não gostaria de tropeçar e cair na escadaria, ainda assim, Richard estava descendo os degraus tão depressa que ela mal podia acompanhá-lo. Transbordando de entusiasmo, ele mal podia se conter e pareceu não ouvi-la. Cassie puxou com força a mão dele.

— Ei! — ela esbravejou, fazendo com que ele parasse repentinamente.

— Perdão! — ele sorriu para ela de forma doce e arrependida. — Eu me empolguei.

— E quase me arrastou. Vá com calma, temos muito tempo.

— Não tanto quanto você pensa — os olhos dele estavam tão claros que pareciam quase frenéticos. — Vamos!

Ela soltou a mão dele, sentindo-se mais segura enquanto descia a escada rapidamente atrás dele. Ele se esquivava de outros turistas com destreza, o entusiasmo dele era contagiante e ela se viu rindo quando os dois pularam juntos os últimos degraus.

— Estou aguardando a revelação — ela provocou.

— Quase lá, Cassie Bell — ele sorriu para ela e soprou uma mecha de cabelo escuro que cobria seus olhos. — Está pronta para a surpresa da sua vida?

— Eu vou gostar?

— Isso depende de você. Mas eu acho que te conheço bem.

— E o que você acha — disse ela —, já que me conhece tão bem?

— Linda, eu acho que você vai amar!

Ele percorreu uma coluna de pedras com a ponta dos dedos, delicadamente alisou a beirada de um bloco enorme. Quando ele olhou ao redor um pouco nervoso, Cassie também o fez, mas havia menos turistas embaixo do Arco, apenas um pequeno grupo concentrado no *Túmulo do Soldado Desconhecido* e distraído pelo guia.

Richard piscou para ela com uma expressão séria, pressionando gentilmente o bloco de pedra, que balançou silenciosamente.

Ela ficou boquiaberta.

— O que...

— Shh! Rápido! — ele agarrou o braço dela. — Vá logo ou eles nos verão!

— Mas para onde isso...

— Tem policiais ali — ele murmurou. — Depressa!

Ela falou um palavrão, deu uma risadinha e passou por trás dele para entrar na escuridão da câmara. De forma rápida e cuidadosa, ele entrou depois dela, manuseando a pedra mais uma vez pelo lado de dentro, até que a porta secreta tivesse se fechado novamente.

A escuridão era intensa, o frio apertava. Cassie fechou os olhos e abriu outra vez, mas não fez a menor diferença. Havia um leve cheiro de pedra seca e incenso, um odor adocicado no ar que não era inteiramente agradável. O coração de Cassie acelerou.

— Richard? — a voz dela ecoou sinistramente.

— Está tudo bem, estou aqui. Espere um segundo.

Com o clique de um isqueiro Zippo, uma chama se formou. Cassie piscou.

As paredes de pedra, ligeiramente douradas como Arco, quase encostavam nela dos dois lados, mas surpreendentemente ela não conseguia ver o teto, estava muito distante nas sombras. A porta estava complemente fechada atrás deles, mas a escuridão além da chama continuava para baixo, onde a vista não alcançava. Obviamente, havia uma passagem, uma longa passagem. Cassie prendeu o ar, esforçando-se para ouvir. Seriam vozes baixinhas ou... Passos?

Coisa estúpida de se pensar. Ela esfregou os braços bruscamente.

— Isto é... Incrível. Mas não tenho certeza se amo.

— Espere. Há luz, de verdade. Se puder achar o... Ah. Deixe-me passar.

Eles se apertaram para ele passar por ela na câmara estreita e ele se virou, sorrindo para ela cheio de expectativas à luz da chama do Zippo.

— O interruptor? — ela se antecipou.

Uma explosão de dor invadiu sua cabeça. Seu corpo inteiro deu um tranco para frente. O chão de pedra veio com tudo ao seu encontro.

E até mesmo a última luz, da última pequena e resistente chama, se apagou.

Capítulo 19

Uma dor na cabeça como ela nunca tinha sentido antes. A dor serrava o cérebro dela como uma faca fria e, quando ela tentou abrir os olhos, a luz os fez arder. Ela apertou os olhos, sentindo outra pontada de dor. Enxaqueca? Ela não tinha enxaquecas. Ela teria bebido? Tentou ficar de lado e pegar um comprimido.

Não. Ela não conseguia se mexer. Os braços dela estavam esticados para cima da cabeça e ela não conseguia movê-los. Quando tentava, ela sentia um tipo de punhalada aguda em seus ombros e algo cortante machucava seus pulsos.

Ela abriu os olhos novamente. A visão dela estava embaçada, mas pode distinguir que a sala não estava de forma alguma extremamente iluminada. As arandelas da parede estavam com a luz baixa e bruxuleante.

Há luz! Deixe-me passar... Richard. Ela se lembrou. Oh Deus.

Ela tentou dar um chute. Tampouco conseguiu; os pés dela também estavam presos. Ela estava completamente esticada sobre um tipo de mesa de pedra, lisa e dura embaixo de suas costas. Ela ainda usava seus *jeans* e sua blusinha, mas estava descalça e com muito frio. Seu moletom de capuz e seu suéter tinham sumido. Ao entrar em pânico, ela se contorceu outra vez e o metal apertou os pulsos e os tornozelos dela. Ela deu um grito agudo de medo.

Uma mão tocou a testa dela. Ela tentou focar a imagem desesperadamente, ainda lutando contra as amarras.

— Silêncio, agora. Fique quieta. Não se machuque. Não a queremos machucada, Cassie.

A voz masculina estava abafada por algum tipo de capuz. Ela pensou que sabia quem estava falando, mas não conseguia ter certeza. Nem conseguia

responder, uma vez que sua respiração estava difícil e intensa, e o pânico sufocava a garganta dela.

— Sua cabeça dói? Sinto muito que tenha sido necessário.

Cassie tentou se concentrar, não entrar em pânico. O cheiro suave do incenso era mais forte agora, mas seja lá o que estivesse queimando, não diminuía o frio que ela estava sentindo.

— Nós tínhamos medo de que você resistisse. Parece que estávamos certos.

Ela percebeu um sorriso debaixo do capuz vermelho escuro, mas de modo algum dava para ter certeza, já que os únicos buracos eram as pequenas fendas na área dos olhos.

— Não se preocupe. Em breve, você não sentirá tanta dor. Nunca mais.

Aquela observação secou a boca dela completamente. Ela passava a língua nos lábios, mas isso não ajudava.

— Eu vou morrer? — ela conseguiu resmungar.

Risos.

— Que ideia ridícula.

— É?

— Claro que sim, Cassie Bell. Você não vai apenas *viver*. Você vai viver como nunca viveu antes.

A pessoa deu um passo para trás, para que ela pudesse ver na escuridão da câmara. Agora que os olhos dela tinham se ajustado, podia distinguir quase tudo. As tochas projetavam sombras tiritantes no teto, onde ela podia distinguir criaturas entalhadas na pedra. Eles a faziam lembrar-se de outra coisa, se ao menos conseguisse raciocinar direito.

Ah, sim. A faca. Os monstros e demônios ali eram iguais aos entalhados naquele cabo antigo. E como os da faca, estes entalhes sobre ela pareciam se mover.

Não, eles não *pareciam* se mover. Eles *estavam* se movendo. Engolindo o grito, Cassie lutou e puxou as amarras, sentindo sangue em seus pulsos, sangue em seus tornozelos, mas sem se importar.

— Já deu. Shh. Você não tem *permissão* de se machucar.

A voz era rígida conforme alguém se aproximava, e Cassie ficou imóvel. Se debater fez sua cabeça doer demais mesmo. Com dificuldade, ela virou a cabeça dolorida para encontrar outro olhar por uma pequena fenda em outro capuz vermelho escuro.

— Estou tão feliz por você — desta vez, a voz distorcida era feminina, o sotaque era perturbadoramente familiar. — Tão feliz, Cassie. Nós seremos grandes amigas.

A garota de capuz usava uma chave em uma corrente longa e dourada em volta do pescoço. Atrás dela estavam de pé silhuetas mais sinistras. Havia um círculo cheio delas. Ao menos um não usava disfarce.

— Richard?

A culpa desconfortável deixou o rosto dele. Com um sorriso forçado, ele deu um passo para frente, erguendo uma mão para tocar as mãos algemadas dela. Quando ela olhou de volta para ele, Richard entrelaçou seus dedos aos dela e apertou ansiosamente.

— Boas notícias, Cassie! Você foi escolhida!

— Eu fui o *quê?* — dessa vez, ela conseguiu falar.

— Escolhida. Aceita! Você é uma de nós agora. Membro dos *Escolhidos*.

— Ainda não completamente — murmurou a primeira figura. — Mas, em breve.

— Cassie, eu sabia, né? Eu não te disse que você era perfeita? Você foi escolhida!

A voz dela saiu entre os dentes cerrados.

— E se eu não quiser ser escolhida?

Uma voz rude interrompeu, com desdém.

— Você se ofereceu por vontade própria. Você participou de um congresso para ser entrevistada.

— Eu nunca ouvi que tivessem feito uma votação. Não me disseram.

— Não houve votação alguma — Richard soou desconfortável. — A proposta foi vetada por superiores, então, este congresso é... Hã... Extraoficial. Mas você foi favorecida por um membro bastante influente dos *Escolhidos*. Isso é mais do que suficiente.

— Apesar de quaisquer regras mesquinhas da escola — alguém completou.

— *Extraoficial?* O que isso quer dizer?

— Uma vez que se tomar uma escolhida, fará parte para sempre dos *Escolhidos.* Não há nada que Sir Alric possa fazer.

Cassie tomou fôlego.

— Você quer dizer que Sir Alric não *sabe?*

— Você é muito privilegiada — outra voz suave falou do círculo.

Mais uma vez ela não conseguia reconhecer o dono da voz. Era enervante, mas tentar desvendar a identidade deles a deixava mais calma.

— Ser membro dos *Escolhidos* nunca teve a ver com...

— Com os bolsistas — completou Cassie, tremendo. — Então, tem a ver com o quê?

— Uma vez que você pertencer aos *Escolhidos*, saberá tudo o que há para saber. Você não se arrependerá.

— Tenho a sensação de que me arrependerei — murmurou Cassie.

A primeira figura encapuzada fez sinal com a cabeça para alguém atrás dela. De repente, Cassie se lembrou de Alice deitada indefesa, fraca até para chorar, pés e dedos chacoalhando enquanto as veias dela saltavam em sua pele...

— Richard — ela suspirou. Lágrimas brotavam dos olhos dela e Cassie se odiava por parecer tão frágil perante os *Escolhidos*. — Não os deixe fazer isso. Por favor. Seja lá o que for. Por favor.

Os dedos dele apertaram os dela.

— Cassie, querida! Silêncio! Sei que está com medo. Eu tive também!

Ela o encarou, abismada, depois passou a língua nos lábios.

— Foi isso que aconteceu com você?

— Claro. Isso aconteceu com todos nós, Cassie. Não é do mal. Rá, rá! — ele riu alto. — *Não é tão mal?* Ah, é muito melhor do que isso.

— Mas eu não quero isso! — ela gritou com a voz rouca.

— Foi o que pensei. Eu pensei que você não queria, mas espere até sentir isso dentro de você! Não há nada igual!

— Que diabos é *ISSO*?

Ele titubeou.

— Não se preocupe. Aceite-o! Aproveite, querida!

Não confie nele, Jake tinha dito. *Ele usaria você, sabe disso.* Ela deu um último e intenso puxão em suas mãos, embora isso tenha consumido toda a sua energia. Richard reprovou e se aproximou para limpar o sangue dos pulsos dela. Com todo o esforço que conseguiu, ela se concentrou e cuspiu.

Bem no alvo. No meio do olho do cretino. Ela sorriu.

Limpando suas maçãs do rosto, Richard deu uns passos para trás com tristeza.

— Ela não tem boas maneiras — disse uma voz com sotaque forte e bem familiar. — Nem um pouco. Não sei porque...

— Bem, Katerina. Está combinado.

Com dor, Cassie girou sua cabeça. Katerina também não estava encapuzada, e ela estava adorando isso, a vaca de sangue-frio. Ao ouvir som de passos, o friozinho de uma corrente de ar de uma porta aberta, Katerina se virou.

A fila dos *Escolhidos* se moveu, partindo-se como se fosse deixar alguém entrar e, quando o círculo se fechou novamente, tinha diminuído um pouco. Mais uma vez, eles se aproximaram, depois se aproximaram de novo. O círculo se apertava como um nó. O medo pavoroso comprimia o estômago de Cassie. Qual deles era Ranjit? Quem deles havia matado Jess?

Ela não conseguia enxergar atrás de si, mas conseguia sentir uma nova presença. No entanto, forçou seu pescoço, arranhando seu couro cabeludo na pedra. Ela não conseguia inclinar sua cabeça a ponto de descobrir quem estava lá atrás. Sua respiração ficou mais rápida e ela tentou não choramingar. *Não dê a eles a satisfação...*

— Chegou a hora.

Levantando a chave dourada que estava em volta de seu pescoço, a garota encapuzada abriu as algemas, libertando as mãos de Cassie. Não fez nenhum favor a ela. Imediatamente, Richard e outro dos *Escolhidos* pegaram cada um em um pulso, segurando-a com tanta firmeza quanto qualquer corrente, os dedos deles eram de aço.

— Por favor — disse Richard nervoso —, tente relaxar.

Ah, *claro.*

Alguém estava afrouxando as correntes dos pés dela, embora não estivessem sendo completamente removidas. Assim que a tensão diminuiu, Richard e seu colega a arrastaram para que a cabeça dela ficasse fora da mesa e

os ombros descansassem sobre a beirada. O pescoço dela doía alucinantemente agora, mas pelo menos pode ver quem estava atrás dela, mesmo que de ponta-cabeça. Uma pessoa magra, recurvada, deformada pela idade. Cabelo puxado para cima, pele frágil como porcelana e um sorriso gentil distorcido pelo ângulo.

Madame Azzedine.

A velha senhora estava sentada em uma cadeira dourada, o rosto dela próximo ao de Cassie. As frágeis mãos dela estavam debaixo da cabeça de Cassie para segurá-la, suavizando a dor em seu pescoço. Cassie olhava para cima, dentro dos olhos azuis enrugados, há apenas alguns centímetros de distância. A velha senhora parecia estar quase completamente tomada pela alegria.

— Obrigada por isso, Cassandra, minha querida — dedos secos e enrugados tocaram as têmporas da menina. — Eu gostei de você desde o momento em que a conheci, sabia?

— Não! O que você...

— Olhe para mim, Cassandra. Estou velha. Eu tive tudo desse corpo que eu podia ter esperado. É hora de Madame Azzedine... Bater em retirada. É hora de eu assumir um novo corpo. Um corpo jovem. — Ela sorriu amavelmente para Cassie. — O seu corpo.

Petrificada de medo, Cassie olhou bem para o rosto da mulher. Algo se moveu por trás daqueles velhos olhos pálidos, e ela não conseguia entender porque não tinha visto aquilo antes. Talvez tenha. Algo remexendo-se, contorcendo-se. Os olhos de mais alguém também faziam aquilo. De quem? Borbulhavam com vida e um brilho feroz? Não importava. De alguma forma, ela sabia o que a esperava agora. Não havia como parar o processo: apenas atrasá-lo. Fale. *Fale.*

— O que você vai fazer quando tiver terminado comigo? — ela respirou com dificuldade, encobrindo seu medo com sua raiva. — Se livrarão de mim como se fosse uma velha pele de cobra? Assim como Madame Azzedine?

— Ora, ora... — ela gargalhou em alto e bom som. — Eu tive uma vida longa e boa. Eu fui forte e poderosa e linda. Você pode esperar o mesmo! Você não tem nada a perder, Cassandra. Nada.

— Exceto pela minha alma! — gritou Cassie. — Certo? Exceto a *mim* mesma.

Ela não conseguia mais ver nenhum rosto além do rosto de Madame Azzedine.

— Agora, Cassie. Você acha que seu amigo Richard tenha perdido a si mesmo? Ranjit, Ayeesha, Katerina? Você acha que Sir Alric tenha perdido a si mesmo? — uma risadinha feminina. — Certamente que não. Nós ainda somos nós mesmos. Nós demos aos espíritos presença corpórea, isso é tudo. Eles não tomaram o nosso lugar. Eles se *uniram* a nós.

— Espíritos? — Cassie tentava respirar normalmente. O perfume de Madame Azzedine era forte demais, e a pedra machucava suas costas de tão dura.

— Espíritos antigos, tão antigos — meditou a velha senhora. — Uma nova vida com cada geração. Você não pode esperar que venhamos a desaparecer e morrer para o benefício de alguns mortais. Especialmente quando esses mortais têm tanto a ganhar.

— Como o quê? — o pânico estava começando a sufocá-la novamente.

Quem estava conversando com ela? Madame Azzedine ou a coisa dentro dela? Talvez até mesmo a velha senhora não soubesse mais. Os lábios enrugados estavam mais perto dos lábios de Cassie agora, a face envelhecida e suave.

— Com tudo, bolsista — o tom gélido de Katerina era categórico. — Tem-se tudo a ganhar! Nós hospedeiros não somos almas perdidas. O espírito apenas une sua essência à nossa.

— Espírito? É um tipo de demônio ou o quê?

— Não seja grosseira — a garota sueca parecia mais satisfeita do que Cassie imaginava ser possível. — Com o *espírito,* somos mais fortes, mais cruéis, mais

brutais. Mais bonitos. Mais bem equipados para os dias de hoje, em outras palavras.

— Você é doente!

— Não. Pessoalmente, nunca me senti melhor. O que você gostaria de ser, Cassie, quando crescer? — Katerina riu dissimuladamente. — Primeira-ministra? Presidente? Diretora de uma multinacional? Uma celebridade classe A? Alguns de nós são, sabe? Só que talvez, para você, devêssemos falar em classe D.

— *Eu quero ser eu mesma!*

— Mas você será — acalmou-a Madame Azzedine. — Isso é muito mais.

— *Não!*

— Tarde demais, minha querida.

Lábios secos se apertaram contra os dela, poderosos, irresistíveis. O cheiro de morte e perfume impregnou nela fazendo com que ela quase sufocasse, mas era impossível emitir um som, muito menos vomitar. Cassie se contorceu, esperando para sentir o que Alice havia sentido, esperando para que sua vida fosse sugada para fora de seu corpo. Doeria? Parecia que sim. Uma lágrima pingou em sua testa. Ela tentou lutar pela última vez, mas o que segurava seus pulsos era muito forte. Do círculo dos *Escolhidos*, vinha uma pequena comemoração de entusiasmo coletivo.

Então, a pior pontada de dor já sentida atingiu a cabeça dela, seu coração pulou dentro do peito como um animal tentando escapar. O mundo todo ficou ofuscantemente branco. E alguém, em algum lugar, gritou.

Capítulo 20

Não era fraqueza. Era *força.*

Cassie estava alerta de repente, completamente viva. O pescoço esquelético de Madame Azzedine estava tão próximo que ela não conseguia focar a visão adequadamente, mas podia ver veias roxas saltadas e latejantes, podia sentir o velho corpo começando a se contrair e tremer, podia sentir o gosto de carne podre. As bocas ainda estavam grudadas, mas ela não se sentia mais doente. Ela se sentia *forte.*

O grito distante foi ouvido de novo, e Madame Azzedine soltou a cabeça de Cassie com tudo, cerrando os punhos até que fosse possível ver o branco dos ossos das juntas através de sua pele. Cassie esperava que sua cabeça batesse na mesa de pedra, mas não bateu. Tinha força em seu pescoço; não doía manter a cabeça erguida. Ela também não perdeu contato, mesmo quando o corpo velho se contorceu e a mulher tentou se afastar.

Outro choramingo agonizante, que parecia vir de muito longe, e Cassie sabia que Madame Azzedine não estava fazendo esse barulho em voz alta, estava apenas dentro da cabeça de Cassie. A pressão em seus braços tinha afrouxado um pouco e Cassie, faminta, fez força para se levantar. Por um instante, Madame Azzedine interrompeu o contato e Cassie pôde vislumbrar sua face pálida e torturada. Katerina disse alguma coisa e os braços dela foram soltos.

Cassie saltou e agarrou a cabeça de Madame Azzedine. Ela puxou com força a velha boca contra a dela e torceu seus dedos entre os fios de cabelo branco.

Ela precisava daquilo. Aquilo precisava dela. Sem problemas...

Algo estava queimando em sua escápula, uma dor concentrada e intensa, mas ela não se importava. O que ela tinha de fazer era manter contato. Manter a

velha senhora perto. Nada mais importava. Agulhas quentes em seu ombro. Não, não. Não importava...

Outro grito. Mas não dentro da cabeça dela. Era real e vinha de perto, parecia terrivelmente familiar. Irado. Tempestuoso. Dramático como uma ópera.

Latino-americano...

Alguma coisa dura golpeou a lateral do crânio de Madame Azzedine, separando-a de Cassie, que pegou a velha senhora quando ela caiu silenciosamente para o lado, mas por estar com as pernas presas não conseguiu segurá-la. Quando o corpo desabou no chão e se transformou em uma pilha seca e morta, um feixe branco e translúcido saiu por entre os lábios da velha senhora, subindo em espiral em direção ao teto com um choro alto e agudo.

Katerina agarrou a nuvem que escapava.

— Idiotas! — ela reclamou. — *O que fizeram?*

Cassie se perguntava o mesmo. Os dedos dela também agarraram a névoa fugitiva, até que com um grito de frustração ela levantou as costas, cortando-se nas correntes. Então, ela paralisou com um nó na garganta.

Lá estava ele.

Ranjit estava de pé na frente dela, frio e imóvel, encarando o resto dos *Escolhidos*. Ele estava de costas para ela, mas podia ouvir claramente o murmúrio ameaçador dele.

— Katerina, sua vaca. O que *você* fez?

Katerina se inclinou para frente, ardendo de ódio, mas não respondeu. Então Ranjit não estava nesta cerimônia *extraoficial?* Como se a cabeça de Cassie já não estivesse rodando rápido o suficiente... Isso significava que ele estava do lado dela? Nesse caso, o que será que o tinha impedido?

À sua esquerda, Cassie viu Jake de relance cortando o ar com a estranha faca de Keiko, em aviso aos furiosos *Escolhidos*. Isabella tinha escalado a mesa

de pedra e, naquele momento, estava de pé sobre Cassie ameaçando quem se aproximasse com o que parecia ser um martelo muito longo e flexível.

— Onde conseguiu isso? — gritou Cassie, esfregando suas têmporas com força, esforçando-se para enxergar.

— Isto? — Isabella mirou uma pessoa encapuzada, quando esta foi em sua direção, batendo sua arma na cabeça com o capuz. A pessoa caiu como uma pedra. — Eu trago isto para a escola todo semestre, Cassie! Eu sabia que seria tremendamente fútil.

— Útil — disse Cassie, finalmente conseguindo pensar claramente.

— Eu te avisei — disse Jake por cima dos ombros, ainda atento ao semicírculo dos maliciosos *Escolhidos*, que encaravam a arma dele com extrema cautela.

— Sim, sim — disse Cassie. — Eu sei. A assassina com um taco de polo — ela enrolou a corrente de um dos tornozelos em seu pulso e fez força, mas foi em vão.

A voz de Ranjit era baixa, mas clara.

— Jake. As correntes. Use a faca.

Jake franziu a testa e o olhou com desconfiança.

— Como se isso fosse...

— Eu disse: use a faca!

Com um último olhar duvidoso, Jake se afastou, então, deu meia-volta e bateu a faca contra a corrente. Os elos se despedaçaram, mas Jake já tinha se virado para ameaçar dois ou mais membros dos *Escolhidos* que tinham se aproximado e estavam a uma distância perigosa. Eles hesitaram, rosnaram, deram um passo para trás. Depois outro.

Jake olhou para a faca, em choque.

— Isso é que é lâmina.

Ranjit nem percebeu. Ele estava de pé completamente parado e nenhum dos *Escolhidos* ousava se aproximar dele. A atenção dele estava toda em Katerina, algo crepitava entre eles. Desejo? Fúria? Ódio? Oh, quem se importava?

— Jake! — gritou Cassie, esticando a outra corrente. — Outra vez, depressa!

Outro golpe ligeiro e lascas de pedra da mesa explodiram em uma nuvem de poeira. Jake soltou um palavrão.

— Errou. Faça de novo! — gritou Cassie.

Mais uma vez, e três elos da segunda corrente se desintegraram. *Boa!* Cassie pulou da mesa a tempo de dar um soco bem forte no encapuzado que havia finalmente saltado em Jake. O punho de Cassie se conectou ao que deveria ser uma mandíbula, fazendo um barulho agradável, e o agressor caiu para trás.

— Que *timing!* — disse Jake, que parecia envergonhado por ter se encolhido.

— Você também. Como chegou aqui?

Isabella estava girando o taco de polo sobre sua cabeça.

— Te conto depois. Podemos ir *agora?*

— Sim. *Sai fora!* — Jake gritou, quando alguém se esgueirou pela sombra a sua esquerda.

Katerina estava pálida e imobilizada pela fúria.

— *Você* tem a faca! — disse ela com os dentes cerrados. — *Você.*

— Sinto muito — disse Jake. — É contra as regras da escola?

— Não banque o engraçadinho — resmungou Isabella. — Vamos *correr.* Cassie. Vá!

Cassie abriu caminho entre Isabella e outra pessoa, que estava espreitando a argentina com um jeito homicida. Abrindo bem a boca, Cassie rosnou. Engraçado como saiu naturalmente...

Ranjit e Katerina ainda estavam entretidos um com o outro. Como se estivessem travando um tipo de duelo mental. Ele claramente não se importava com os outros *Escolhidos*. Estava tão parado e ameaçador quanto uma pedra, mas seus olhos estavam em chamas. Isso podia ficar ruim, Cassie tinha certeza.

— Isabella! Jake! Vamos voltar para a porta, vamos!

Mas Isabella estava hesitante agora.

— Ranjit está encrencado.

— Ele sabe tomar conta de si mesmo — gritou Jake. — Vai, Isabella!

Mas Cassie também ficou. Ranjit estava parado, mortalmente quieto, olhando para os *Escolhidos*. Agora, eles retomavam a confiança, cercando-o. Cassie avançou na direção dele, mesmo com Isabella segurando seu braço.

— Cassie, vamos! Por favor!

Richard estava do lado oposto da mesa, com tristeza e desapontamento em seus lindos olhos. Cassie hesitou, leu nos lábios dele as palavras *por favor*... Ela não respondeu e eles entraram pelo corredor de arcos sob as serpentes contorcidas. Uma língua de pedra vibrava, quase tocando seu ombro, e ela recuou.

— Cassie! — gritou Richard novamente. — Por favor!

Ela fez uma cara de desprezo.

— Vá correr no meio dos carros, Richard!

Ela empurrou Jake.

— Saia daqui!

Isabella o segurava.

— Mas e Ran...

— Vamos — gritou Jake. Desta vez, ele puxou Isabella com ele.

Cassie se demorou. Katerina ferozmente dava ordens aos duvidosos *Escolhidos*, enquanto eles cercavam Ranjit.

— Saia, Cassandra — ele disse, frio como mármore. — Vou logo atrás.

Era burrice discutir. Era burrice também sentir tanto medo por ele. Ele sabia o que estava fazendo. Não sabia? Relutante, ela se virou e correu atrás de Jake.

Jake e Isabella corriam muito rápido, mas ela os alcançou facilmente.

— Como me encontraram?

— Quando vimos que você não voltou para o quarto no horário combinado, fomos procurá-la — explicou Isabella, ofegante. — Procuramos por toda a Academia. Finalmente, fomos ao quarto coletivo dos *Escolhidos*.

— Você obviamente não estava lá — completou Jake —, mas metade dos *Escolhidos* também não. Estavam Ayeesha e Cormac e outros dois, mas disseram que Katerina e os outros tinham ido encontrar Richard. Foi quando soubemos que estava com problemas.

— E daí Ranjit entrou — disse Isabella.

— Isso. E ele sabia para onde tinham te levado — retrucou Jake. — Curiosamente.

A passagem parecia terrivelmente longa e sinuosa, subindo por um caminho cada vez mais íngreme, mas Cassie corria sem fazer esforço. Ela devia estar em melhor forma do que pensava.

— Jake, isso é injusto! — protestou a ofegante Isabella. — Ranjit não sabia sobre a... A cerimônia!

— Isso é o que ele diz — murmurou Jake, relutantemente.

— Ele apenas adivinhou o que tinha acontecido, Jake! E nos trouxe até o Arco, não foi? Nos mostrou a porta secreta? — respirando rápido, ela deu um sorrisinho malicioso para Cassie. — Quer dizer que ele está a fim de você! Viu?

Ao virar para frente novamente, para prestar atenção no caminho, Isabella deu um suspiro de susto. Quando ela derrapou para parar bruscamente, Jake quase caiu por cima dela.

— Como é...

— Olá, Jake, querido.

Na frente dele, bloqueando a passagem para a porta, estava uma pessoa esbelta, de cabelos longos, claros e brilhantes. Katerina estava sorrindo para eles. Mais ou menos.

— Nossa — sussurrou Cassie —, essa garota é realmente só dentes.

E alguns dentes longos e afiados, além disso.

— Vocês devem mesmo saber o que vão enfrentar — Katerina murmurou, com a voz rouca. *Muito* rouca.

A garota não parecia mais a mesma, para ser sutil. Os olhos eram vermelhos, a pele era cinza, os lábios estavam afinados em um sorriso artificial. De alguma forma, ainda era Katerina. Completamente.

— Eu devia ter desconfiado! — explodiu Jake. — É uma armadilha! Singh nos trouxe aqui e agora ele a mandou atrás de nós.

— Não — disse Cassie sem rodeios. — Onde está Ranjit, Katerina?

Com um riso de empolgação, Katerina usou uma mão-garra para colocar uma mecha de cabelo atrás da orelha.

— Ela está certa, Jake. Eu não preciso da ajuda de *Ranjit.* Você acha que eu não conheço esses labirintos antigos? Conheço todos, em todas as cidades. Eu os conheço há séculos.

— E está aparecendo a idade que tem — disse Cassie.

Katerina sibilou.

— Vocês são dois tontos. Ela não vai agradecê-los, viu? — disse ela para Jake e Isabella, apontando Cassie com a cabeça. — No final, ela não vai. Na verdade, ela vai querer que vocês morram por causa daquela estúpida interrupção.

Jake se preparou.

— Saia do nosso caminho, Katerina. Eu não quero machucá-la.

— Não, verdade? Você acha que aceito ordens de alunos bolsistas? — Uma língua de serpente enorme saiu da boca de Katerina e passou pelos dentes dela, quando ela sorriu novamente com aqueles lábios finos e secos. — Você acha que *pode* me machucar? Você não me conhece muito bem, né? *Scooby.*

Jake respirou e disse com a voz alterada.

— *O que você disse?*

— Você me ouviu. *Scooby-dooby-doo*. Nem sei dizer o quão alto ela gritou por você, no fim. Ela nunca usava seu verdadeiro nome?

Jake parecia paralisado, embora estivesse tremendo. A faca estava solta e sem utilidade na mão dele. A qualquer momento, a faca escorregaria de seus dedos.

— Você — disse ele, de forma quase inaudível. — Foi você?

A boca cruel se contorceu em um sorriso de escárnio.

— Ah, cresça, Scooby. Claro que fui eu. Bem, Keiko e eu. Ranjit simplesmente a entregou, só isso.

Cassie olhou ansiosamente para Jake. Ela não conseguia enxergar se ele respirava, mas parecia conseguir ouvir as batidas de seu coração.

— Era apenas um ano de diferença entre vocês dois intrometidos, não era? Vocês devem ter sido muito próximos, você e Jess.

— Sim — sussurrou Jake.

— E serão de novo. Vamos acabar com isso rápido — franzindo a testa, Katerina examinava uma unha que parecia uma garra amarela, sombria e deformada. — Eu preciso ir ver minha colega de quarto.

— Oh... — Isabella borbulhou de raiva. — Faminta?

— Para ser franca, sim. Ingrid é deliciosa e cooperadora. Diferente de Jessica. Sinto dizer isso, Jake, mas sua irmã era um pouco azeda, um pouco amarga. Correr daquele jeito, ter medo daquele jeito. Toda aquela adrenali...

Jake urrou e pulou para cima de Katerina, cortando forte com a faca. Ela se esquivou como uma cobra, escapando das garras de Jake e envolvendo a garganta dele com um braço poderoso. Isabella correu na direção dela, gritando, mas Katerina puxou a cabeça de Jake para trás e desviou do taco de polo. Depois de se reequilibrar, ela deu um chute muito forte que acertou Isabella no estômago, derrubando-a no chão e deixando-a assustada e sem ar.

O sangue de Cassie parecia tão frio dentro de suas veias, que ela não conseguia se mexer. As garras de Katerina estavam se afundando no pescoço de Jake e ele desesperadamente tentou atacar o braço dela, derrubando a faca. Imediatamente, Cassie percebeu que era isso que Katerina estava esperando. Ela mergulhou para pegar a faca, puxou uma mecha do cabelo de Katerina com a outra mão e, enquanto a sueca gritava de dor, passou a lâmina por toda a bochecha dela. O sangue jorrou.

Ops, pensou Cassie, ainda segurando a cabeça monstruosa da garota. E agora?

Depois de um segundo de terrível silêncio, Katerina gemeu. Ela soltou Jake o suficiente para que ele pudesse encher o pulmão de ar, mas não o deixou escapar.

— Amadora! — ela gritou na cara de Cassie. — Como você *ousa!*

Cassie não estava esperando a força do golpe de Katerina. Ela foi parar do outro lado do corredor e, quando se chocou contra a parede, a faca caiu de sua mão e girou no chão. Katerina se lançou para pegá-la, os dedos dela se

fecharam no cabo branco e retorcido enquanto a outra mão-garra continuava a segurar a garganta de Jake. Cassie tentou chegar primeiro, mas ela estava super tonta outra vez. A poucos metros dali, Isabella ainda tentava devolver ar aos seus pulmões. A lâmina brilhou quando Katerina ergueu a faca.

— Agora, vejam Jake morrer — ela sorriu.

Mas algo se moveu mais rápido que a lâmina, batendo violentamente em Katerina, esparramando-a no chão. Derrubando Jake e a faca, gritando de ódio e medo, Katerina chutou e lutou em vão contra seu novo agressor. Ela parecia, pensou Cassie, um leopardo tentando combater um tigre. Quando os dois corpos contorcidos e lutadores bateram contra a parede do corredor, Cassie pede ver o tigre com clareza. Ranjit.

Os dentes dele estavam ferozmente à mostra; os olhos dele, assim como os de Katerina, estavam completamente vermelhos. As mãos poderosas dele encontraram a garganta de Katerina e ela se contorceu, lutando para respirar, arranhando suas garras por todo o rosto dele e tirando sangue. Mas a maior parte do sangue escorria do corte no rosto dela. As mãos de Ranjit estavam encharcadas com o sangue dela. Finalmente, abrindo os dedos ensanguentados dele, Katerina urrou e deu um chute animal no peito de Ranjit. Ele cambaleou para trás e ela se arrastou de quatro, cuspindo.

— Saia da minha frente, irmã sinistra — rosnou Ranjit —, antes que eu te mate.

— Nunca — respondeu Katerina, com uma mão segurando firme sua bochecha. — Nunca. É ela quem eu vou matar. Ah, você não vai me matar.

Ela o encarou vorazmente por um instante. Então, levantou-se em um pulo e correu.

Pelo que pareceu uma eternidade, os quatro ficaram de pé em silêncio. Jake foi o primeiro a se mexer, ajudando Isabella a se levantar. Cassie não achava que sua colega de quarto precisasse se apoiar com tanta força em Jake, ou deixar o corpo tão mole nos braços dele, mas, que se dane. Cassie conseguiu dar um sorriso, mas o sorriso morreu quando Jake se agachou e tateou o chão mais uma vez para pegar a faca. A faca tremia nos dedos dele, enquanto ele apontava a lâmina para Ranjit. Sua boca estava deformada de ódio.

— Katerina disse que você... Disse que você a *entregou*. Para ser morta.

Ranjit nem piscou. Os olhos dele estavam normais novamente, praticamente comuns, e a pele do rosto estava pálida e tensa.

— Ela estava mentindo. Como eu poderia machucar Jess? Eu a amava.

— Você não ajudou Katerina?

— Não. Eu tinha combinado de me encontrar com Jess. Mas estava atrasado, alguém me deteve. Foi de propósito, eu percebi depois, mas era burro demais para perceber isso naquela época. Eu juro, Johns... Jake. Eu não a matei e não a entreguei para ser morta.

Pela primeira vez, Jake pareceu incerto.

— Então, por que ela? — ele perguntou e, no silêncio perturbador, adicionou em voz baixa. — Por que foi assassinada?

— Katerina — angustiado, Ranjit encolheu os ombros. — Eu não sabia o quanto ela... O quanto ela...

— Queria Jess fora do caminho? — disse Cassie quando a ficha caiu. — Para que ela pudesse ter você só para ela?

Ele lançou um olhar infeliz e demorado para Cassie.

— Sim.

— E Keiko?

Ranjit suspirou.

— Ela era a melhor amiga de Jess, antes de ser escolhida. Mas, depois de se juntar aos *Escolhidos*, ela mudou. Tornou-se mais impulsiva, até mesmo perigosa. Ela era louca o bastante para se unir a Katerina apenas por impulso.

Cassie não disse nada. Se ela abrisse sua boca, diria: *E quem te atrasou, Ranjit? Quem te segurou para que elas tivessem tempo suficiente de matar Jess?*

Mas a verdade era que ela nem queria saber.

Ranjit abaixou a cabeça.

— Mas ainda que eu não tenha machucado Jess, foi minha culpa que Katerina e Keiko soubessem onde encontrá-la, então, é minha culpa que ela esteja morta. Perdoe-me, Jake. Sinto muito.

Para Cassie, ele soou mais do que triste. Ele parecia estar inconsolável. Não é à toa que o garoto mantinha certa distância de todo o resto da escola. Não era esnobismo, era dor. Como alguém poderia lidar com esse tipo de culpa? Cassie ergueu o braço para pegar a faca, escorregando sua mão gentilmente pelo braço de Jake, apertando-o.

— Jake? Eu acho que ele está dizendo a verdade. Por favor!

Os dedos dele apertaram, segurando a faca com força, mas de repente se afrouxaram e Cassie pegou a faca com cuidado. Voltando-se para Ranjit, ela estendeu a faca para entregá-la a ele.

— Não — ele deu um passo para trás, cauteloso. — Pertence à Jake agora.

Jake estava de pé absolutamente imóvel, ainda furioso e confuso. Mas como Cassie pode ver, Isabella envolveu seus braços na cintura dele, em sinal de apoio. Um momento depois, ele a envolveu com os braços também.

— Pegue, Jake — disse Cassie. — Por favor.

Ele olhou para a faca por algum tempo que pareceu uma eternidade. Mas, quando se convenceu, levantou a mão e a segurou, irado e confiante.

— E os outros? — Cassie apontou para o corredor escuro.

— Eles não vão seguir vocês. Não sem Katerina. Eles apenas tinham de me manter ocupado enquanto ela chegava até vocês. Nós... Discutimos — recuando, Ranjit tocou uma ferida profunda em seu antebraço. — Eles entenderam meu ponto de vista no final. Mesmo assim, acho melhor sairmos rápido — Ele levantou a cabeça. — Se Jake me permitir.

Jake titubeou, ficando tenso. Isabella apertou seus ombros.

— Ele nos trouxe até Cassie — ela sussurrou. — Ele nos ajudou.

O ar no corredor, frio como estava, parecia pesado e opressivo.

— Jake, você acredita em mim? — perguntou Ranjit. — Sobre Jess?

— Por que acreditaria?

Ranjit deu de ombros.

— Por nada. Só por eu estar dizendo a verdade.

— Talvez — disse Jake.

— Você vai confiar em mim, então? — Ranjit parecia quase desesperado.

Jake segurou firme na mão de Isabella e foi em direção a porta secreta.

— Não. Mas vou fingir que sim. Por agora.

Capítulo 21

Pijama idiota. Não era pequeno demais para ela? Estava alargado e deformado e desbotado; ela se lembrava bem dele. Ela dobrou a bainha desfeita e fez uma cara feia para as das bonecas Bratz desenhadas em todo o tecido. Ela não era velha demais para isso?

O corredor estava completamente escuro. Mas uma sombra se moveu, magra e malevolente como um corvo. Um toc-toc dos saltos. Jilly Beaton, dando uma olhada para ver se as crianças estavam Ok. Porque, se estivessem, algo deveria ser feito... Ela riu ironicamente.

Sem pressa. Sem medo. Ela fez conchinha com as mãos e encostou a orelha na janela de vidro, Cassandra olhou para baixo para ver o jardim imundo. Uma das latas de lixo estava virada e o lixo espalhado pelo concreto rachado. Deve ter sido isso que a acordou. Uma raposa magrela fuçava os restos, mas como se pudesse sentir que estava sendo observada, a raposa parou, virou a cabeça para trás e olhou para ela, ainda com uma pata da frente levantada.

Ela riu para a raposa, que voltou a remexer o lixo, e ela se voltou para a sombra à espreita. A sombra tinha parado na porta de Lori, colocando a orelha na porta para prestar atenção nos soluços da menina com saudades de casa. Quantos anos tinha Lori? Oito. A mesma idade que Cassandra tinha quando Jilly começou a destruí-la por dentro.

Em sinal de desaprovação, Cassie sacudiu a cabeça e seguiu. Como a mulher tinha chegado tão longe? Oh, sim. Porque ela a havia deixado entrar. Pobre, pobre Jilly. Ela era um rato na ratoeira. E agora, o que fazer? Uma ameaça de ir às autoridades? Telefonar para Patrick e exigir que ele a ouvisse? Ou simplesmente botar absolutamente para quebrar? Não!

Jilly tinha colocado uma mão na porta de Lori, tinha começado a girar a maçaneta, mas parou quando ouviu um barulho. Deu meia-volta. Encarou.

— Olá, Jilly.

O sorriso da mulher de antecipação sádica tinha morrido, e ela se encolheu quando Cassandra andou na direção dela. Cassandra tinha apenas dez anos de idade, mas a mulher morria de medo dela! Ela riu. Se isso fosse uma memória, tinha algo errado aí — ela jamais ousaria confrontar Jilly aos dez anos. Mas quem se importava? Era bom demais. A mulher se acovardando, toda chorosa.

Patético. Bem como aquela mulher do senador, Flavia Augusta, aquela que tentou envenená-la. Patético, como o padre ganancioso em *Renaissance Turin*, aquele com desejos não-muito-celibatários. Como o almofadinha do *Lord Acton* quando ela o surpreendeu sozinho... Natal, 1790, não foi? Devagar e cambaleante de bebida e luxúria. Todos eles ficaram com medo dela, no final.

Muito bem.

Pronta para essa, então. Cassandra a odiava. Ela tinha feito Cassandra sentir medo, tinha feito com que se odiasse. Ela tinha tentado sugar a alma de Cassandra e não seria o suficiente. Não chegaria nem perto. Bem, agora era a vez de a mulher ter medo, e ela já estava com medo! Isso era pouco. Ela parecia querer fazer cocô nas calças.

— Um beijo então, querida Jilly! Um pequeno beijo de carinho! Apenas para mostrar que não há mágoas. Apenas para mostrar como dói ser sugado de si mesmo. Um beijo...

Ela colocou uma mão em cada lado da cabeça da mulher. Inclinando-se, ela sorriu olhando diretamente nos olhos dela e apertou, fazendo aqueles lábios apertados e cruéis parecerem uma espécie de bico. E, pela boca distorcida, a mulher começou a gritar.

Atrás da porta, sem ser incomodada, Lori soluçava chorando bem baixinho até dormir.

Mas Cassie acordou com um susto.

Ela não tinha gritado alto, como comprovavam os ininterruptos roncos de Isabella. Na esperança de que seus batimentos desacelerassem, Cassie esfregou a nuca. Ela podia sentir a brisa gelada do ar de dezembro em seu rosto. A janela estava aberta. Uma janela com vista para Paris, não Cranlake Crescent. Ela não era uma garota de dez anos com pijama das Bratz; o pijama podia ser barato, mas era do tamanho dela. E se algo estivesse se ocultando lá fora, não seria uma raposa. Que sonho! Que pesadelo!

Saindo da cama, ela andou até a janela e colocou parte do corpo para fora, respirando profundamente o ar frio, o que a deixou tonta.

— *Cuidado. Você pode cair.*

— Claro que não vou cair!

Depois de se endireitar, ela ficou olhando para a grande teia de luz que era a cidade. Não tinha sido exatamente um murmúrio em seu ouvido. Então, por que ela tinha respondido?

— Estelle? — ela sussurrou.

Nada. Ela respirou profundamente. Isso era idiota.

— *O que há de idiota sobre justiça, minha querida? Você poderia fazer justiça, sabe disso.*

— O quê?

— *Você sabe o que é possível. Você sabe o que quer. Você prometeu para mim que conseguiria o que quisesse. Você me prometeu.*

Cassie recuou, segurando no parapeito da janela e olhando fixamente para a noite.

— *Você a deixou escapar, Cassandra. Não deixou?*

— O que eu deveria ter feito? O que poderia ter feito? Nada!

— *Porque você estava com medo. Só isso. Deixe-me entrar, Cassandra! Deixe-me entrar e você nunca mais terá medo de novo. De ninguém! Juntas, eu e você! Deixe-me entrar!*

Silêncio, um silêncio longo e pesado. Cassie decidiu que estava apenas imaginando a voz. Ela estava sonâmbula. Era isso. Alucinação.

— *Um dia você vai encontrá-la, Cassandra.*

Ela colocou as mãos sobre as orelhas.

— Vá embora!

— *Ela estará lá para nós. Presa fácil. DEIXE-ME ENTRAR!*

— NÃO!

— Cassie? — o gemido sonolento de Isabella fez com que ela se afastasse da janela e se virasse. — Cassie, qual é o problema? Com quem você está falando?

— Com ninguém! — Cassie gaguejou levemente. — Desculpe, Isabella, eu estava sonhando.

— Perto da *janela?* — Isabella se sentou, sem acreditar.

— Eu estava, é... Tomando um ar. Eu comecei a cochilar. Volte a dormir.

— Você está bem?

— Bem — Cassie olhou para a noite novamente e resmungou —, nós estamos bem.

Ela esperou até que a respiração de Isabella se aprofundasse e que um ronco escapasse, então foi até o banheiro na ponta dos pés. Puxando a parte de cima do pijama, ela espiou sua escápula no espelho. A marca não estava tão clara e definida como a de Richard, e não queimava absurdamente como a de Keiko enquanto ela morria. Parecia um pouco borrada e parecia que estavam faltando algumas linhas. Também havia lugares onde o padrão estava interrompido. Mas estava lá.

Ela não conseguiria dormir agora. Tentando ao máximo não fazer barulho, ela abriu a porta do armário e puxou o vestido que Isabella tinha insistido em comprar para ela.

Pelo amor de Deus, Cassie! Cale a boca e pense nisso como um presente de Natal adiantado!

Versace: o que ela não conseguia pronunciar. Cassie deu um sorrisinho. O tecido fez barulho quando ela deitou o vestido sobre a cama, ela pausou, mas Isabella nem se mexeu. *Ela nunca se mexia*, pensou Cassie, com carinho. Cassie não tinha uma noite de sono ininterrupto desde os acontecimentos no Arco, duas semanas antes, mas seus passos noturnos nunca incomodaram sua colega de quarto. Sinal de consciência limpa, claro.

Cassie alisou o vestido magnificamente cortado. Parecia moderno, rico e suave: tudo o que ela não era. Ela não conseguia imaginar como o exibiria, mas talvez o vestido fosse fabuloso o suficiente para acobertar sua falta de confiança. O tafetá era amarelo-esverdeado ou verde-amarelado? Ela não sabia dizer. Isabella disse que combinava com os olhos dela.

Uma pena ela não ter um par para o baile. Ela nem poderia *usar* Richard, pensou sentindo-se culpada. Ele a vinha evitando como a um vírus. Do tipo contagioso e fatal. Na verdade, ele mal tinha falado com qualquer pessoa desde que foi chamado ao escritório de Sir Alric, no dia seguinte a cerimônia no Arco. Só Deus sabe o que Sir Alric tinha dito a ele, mas seja lá o que falou deixara Richard calado e envergonhado e, supunha Cassie, um tanto ressentido. Ele não estava sendo ele mesmo.

Rá, Rá. *Não estava sendo ele mesmo*: isso era óbvio. Nem ela, claro.

A punição de Richard foi leve, a dos outros também, em comparação à punição de sua líder. Cassie tinha observado do caminho de árvores a elegante saída de Katerina da Academia Darke, apenas vinte e quatro horas depois de ter escapado deles em sua forma monstruosa.

A bela loura tinha descido os degraus toda empinada, com a cabeça erguida, pele e cabelos brilhosos, como qualquer outra rainha do baile. Ela estava usando grandes óculos escuros, batom vermelho-sangue, e tinha uma cicatriz novinha na bochecha. *Aquilo*, pensou Cassie, *tinha cicatrizado extremamente rápido, mas não desapareceria completamente.* Como se sentia a loura imaculada de Hitchcock? Ela se perguntava. Sobre cicatrizes, desgraça, expulsão? Estaria arrependida? Pouco provável. Com sede de vingança?

Sir Alric tinha ficado de pé no topo da escada, observando Katerina até que ela entrasse graciosamente dentro da limusine preta, e o chofer tivesse fechado

a porta. Então, ele deu as costas e seus olhos encontraram Cassie, apenas por um instante. Ela tinha certeza de que ele havia se arrepiado.

Durante duas semanas, Cassie tinha tremido de medo esperando sua intimação ao escritório de Sir Alric, mas isso nunca aconteceu. Darke parecia a evitar tão intensamente quanto Richard. Mas ambos não conseguiriam evitá-la esta noite. Era o baile de Natal. E todos, mesmo que não tivessem vontade de ir, tinham sido obrigados.

Apesar dos eventos recentes, toda a escola borbulhava com um entusiasmo velado. Ela não conseguia sentir entusiasmo algum. A preparação, os pianos, a fofoca, a expectativa... Não significavam nada. A *Academia Darke* tinha acabado para ela. Tinha acabado *com* ela.

Ela não veria seu enigmático fundador novamente. Ele deixaria Cassie resolver essa bagunça por si própria, isso era claro. Ela era uma vergonha, um erro, um acidente desagradável jogado em cima dele por alguns de seus indisciplinados favoritos. Sir Alric Darke provavelmente não via a hora de vê-la pelas costas. Bem, Cassie não se importava. Ela estava ansiosa, assustada, confusa, mas não se *importava.*

Ela tinha aprendido muito. Ela voltaria para sua antiga vida e sobreviveria. Ela sempre sobreviveu. Nesse meio tempo, ela bem que poderia festejar.

Tomar chá de cadeira, pensou Cassie com tristeza. Que modo de terminar sua carreira não tão brilhante na *Academia Darke*. Pelo menos, a atmosfera estava bem mais alegre sem Katerina e Keiko. A banda era boa, o grupo de alunos estava curtindo a empolgação de fim de ano, e os professores conversavam entre si, assistindo ternamente os dançarinos. Eles evitavam Cassie, no entanto. Até Herr Stolz a tinha tratado com educação, mas com distância nos últimos quinze dias.

Jake dançava super bem e Isabella também, e ainda que tentassem incluí-la, Cassie estava feliz em ver que eles estavam tão envolvidos. Ela não tinha vontade de ser sociável; ficar enrolando atrás de Cassandra e Clitemnestra estava de bom tamanho para ela. Não havia companhia melhor com esse humor em que estava.

— Boa noite, Cassie.

Ela se assustou, mas nem se virou. A voz era inconfundível, apesar de tudo: mel queimado misturado com cascalho.

— Olá, Sir Alric.

— Você não está dançando?

— Não — fez uma pausa e pensou: e *daí?* — Estelle não está com vontade.

Um longo silêncio se instalou enquanto eles estavam juntos de pé no escuro, observando a banda e o som agudo das risadas dos alunos. Alice parecia bem, pensou Cassie, até um pouco tontinha e chorosa depois de quatro taças de champanhe. Richard estava sei lá onde, ele tinha dado o ar da graça, mas depois saiu de fininho mais cedo. Os outros *Escolhidos* pareciam em plena forma. Ela tinha tentado imaginar cada um deles de capuz vermelho, mas foi em vão.

— Você não sabe quais deles estavam envolvidos? — perguntou Sir Alric baixinho.

Cassie fez que não com a cabeça.

— Não. Mas não importa agora.

— Importa para mim.

— Bem, então, vai ter que descobrir. Obrigada mesmo assim. Eu me diverti muito — ela mordeu o lábio. — Na maior parte do tempo. Exceto pela parte com correntes e demônios.

— Cassie...

Ela esperou que ele continuasse, mas ele parou. Ela se virou para ver o rosto dele. Estava sério.

— Você deve voltar no próximo semestre — ele disse.

— Não, eu acho que não. Obrigada mesmo assim.

— Você não entende — ele a olhou com exasperação.

— Explique-me, então — ela ergueu uma sobrancelha.

Ele suspirou derrotado.

— O ritual pode ter sido interrompido, mas há parte de um espírito em você agora. E ele quer se unir a você completamente. Não vai parar até que consiga.

Cassie deu de ombros.

— Difícil.

— É corajoso da sua parte, minha querida, mas não é o suficiente — Sir Alric disse com humor negro. — Ou você o acomoda ou o derrota. Não tem como fugir dele.

— Posso tentar.

— Você nunca vai correr rápido o suficiente para isso, Cassie — seu tom era mais gentil do que suas palavras. — Nunca.

Sentindo-se desconfortável, ela brincava com seu *corsage*[23]. Isabella tinha escolhido a maravilhosa orquídea branca, colhida da planta que Jake a tinha presenteado. Ela não podia estragá-lo. Cutucou uma unha em vez disso, e então estalou os dedos.

— Prossiga — disse ela, finalmente.

[23] *Corsage* é um tipo de buquê tradicionalmente usado nos pulsos das meninas nos bailes temáticos e de fim de ano, em alguns países da América do Norte e da Europa (N.T.).

— Nós não somos do mal, Cassie. Você conheceu os piores de nós. Você precisa voltar para conhecer os melhores.

Ela mordeu os lábios.

— Eu não quero ter nada a ver com nenhum de vocês.

— Isso não é uma opção, acredite. Sinto muito. Eu devia ter levado as pequenas fantasias de Estelle mais a sério, mas nunca pensei que ela teria coragem de me desafiar. É um espírito teimoso o que você está carregando, Cassie. Teimoso e malevolente.

— Metade — corrigiu Cassie. — *Metade* de um espírito teimoso e malevolente.

Sir Alric hesitou, respirou fundo.

— E um desses precisa ser alimentado.

Com um pequeno gemido, Cassie colocou as mãos no rosto.

— Você deve ter suspeitado disso. Agora entende, Cassie? Você tem de retornar à *Academia Darke.*

Ela não respondeu, recusou-se até mesmo a olhar para ele.

— Quando você voltar, no ano-novo, estará desesperada para se alimentar. O espírito terá começado a crescer, a criar o lar que precisa. É necessário ter muita força vital para isso, Cassie, acredite.

— O que acontece se eu matá-lo de fome? — ela rosnou.

— Acredite, Cassie, você vai se alimentar — ele pareceu triste. — Você ainda não sabe, não sem causar mal. É meu dever lhe ensinar.

— Eu nunca machuquei ninguém — ela disse ferozmente.

— Mas vai, quando estiver muito faminta. Quando o espírito estiver, quer dizer. Você vai se alimentar porque não conseguirá evitar, e pode matar alguém. É isso o que você quer?

Lentamente, Cassie negou com a cabeça.

— Você vai se alimentar. Você terá de se alimentar sua vida inteira. Você se alimentará de estranhos, de pessoas que conhece, de pessoas que ama.

— Não — disse Cassie, desesperadamente.

— Sim. Seu espírito lhe da beleza, força e poder. Você acha que recebe isso para nada? — Agora, a voz dele era dolorosamente melancólica, como se a cabeça estivesse explodindo em memórias. Cassie percebeu que estava tremendo. — Ele suga toda a sua vida, Cassie. É por isso que você precisa sugar as vidas de outras pessoas.

— Oh... — lembrando de Alice, ela fechou os olhos bem apertados. — Oh, Deus.

— Se não se alimentar, o espírito dentro de você morre junto com você. Mas não chegará a isso. Antes disso, você matará. Não será capaz de se deter. Eu vou lhe ensinar a se alimentar sem matar.

— Você me ensinará? Então, como vai fazer isso? Cobaias? Meus amigos?

Pela primeira vez, ele não pôde enfrentar o olhar dela. A voz dele, quando falou, era encurtada e sem emoção.

— Esse é o preço que nossos alunos pagam, Cassie. É o preço que pagam por estarem aqui — a boca dele tremeu, seriamente. — Pelo... Privilégio.

Ela não pôde reprimir um som de repulsa quando se afastou, mas ele segurou no braço dela de repente e virou seu rosto para ele.

— Então, senhorita Bell. Vai morrer ou vai matar? Ou fará o que é certo voltando para cá?

Cassie olhava penetrantemente para ele, determinada a desafiá-lo, mas os olhos dele a aterrorizavam. Ela pensou que já tinha sentido medo antes. Bem, não desse jeito. Ela fez que sim com a cabeça.

Satisfeito, ele suspirou de alívio.

— Bom. *Bom.* Desculpe-me por isso ser necessário, Cassie, mas é — ele aumentou o volume de sua voz outra vez. — Há mais alguma coisa que eu possa lhe explicar?

Olhando para a pista de dança, tocando o frio braço de mármore de Cassandra para se consolar, Cassie balançou a cabeça. Mas ela esperou até que sua voz estivesse tão firme quanto a dele.

— Onde está Ranjit?

Epílogo

O pátio estava no escuro e podia-se ouvir apenas burburinho de conversa, música e risada, bem como o pulsar oculto de uma batida, e, muito distante, o eco da cidade. Sem tipos suspeitos na calada da noite. Jake estava, por assim dizer, ocupado.

— Você vai voltar? — perguntou para ele.

— Eu não sei — ele comia a unha evitando olhar para ela. — Tenho assuntos pendentes, Cassie. Mas o que eu devo fazer? — Pelo menos ele teve coragem de olhar para ela. — Se a *Academia Darke* afundar, você também afunda. Você é um deles agora.

Cassie estremeceu, mas ela confiava em Jake. Ele não a machucaria para achar a verdade, ou para fazer justiça por Jess. Eles eram amigos. E Jake ia voltar para a *Academia Darke*. Ele devia. *Assuntos pendentes.* Além disso, Isabella tinha chorado lágrimas amargas apenas pela possibilidade de Jake não voltar. Cassie não sabia se conseguiria lidar com o drama digno de uma ópera de sua colega de quarto.

Não fazia mais frio como antes. Cassie contou os passos até o pátio: treze. Como Estelle tinha dito, ainda no primeiro dia. Engraçado isso. Ela não pensava mais nela como Madame Azzedine.

Alguém se sentou sob o luar na beira do lago. Ele nem levantou a cabeça quando ela se aproximou, mas rasgou propositadamente alguma coisa em suas

mãos. Quando ela se aproximou, viu pétalas pretas aveludadas flutuando na calma água verde.

— Não são raras?

Ranjit não sorriu.

— Muito.

Ela se sentou ao lado dele na borda de pedra do lago. A sombra de Leda refletia nas pedras, parecendo monstruosa por causa do cisne em seu pescoço.

Finalmente, ele disse:

— Seu vestido é lindo. Você está... Linda.

— Obrigada — ela ficou vermelha, esperando que ele não notasse, certamente o rubor não combinaria com a seda.

— Como se chama essa cor?

— Sei lá. Amarelo? Verde-claro?

Ele jogou a última lasca de orquídea no lago.

— *Chartreuse,* eu acho.

— Legal — disse Cassie. Enquanto tocava a água fria com um dedo, as algas grudavam em sua pele e ela admirava o reflexo da lua se dissolver e reaparecer. — O que vai acontecer comigo?

Ele abriu os lábios, fechou novamente, então disse:

— Eu não sei.

— Ah, que ótimo. Nem Sir Alric sabe.

Ele deu um risinho seco.

— Veja bem, nunca tinha sido interrompido antes. O ritual.

Ela confirmou com a cabeça, mexendo em raízes de orquídeas.

— Eu sou diferente. Eu sei disso.

— É... Muito — com um leve sorriso, ele puxou outra orquídea, desprendendo sua raiz da pedra. — Elas não são parasitas, sabia?

— O quê?

— Orquídeas. Não são parasitas, são epífitas. Elas vivem em outros seres vivos, mas não matam seus hospedeiros. Os dois... Coexistem.

— É mesmo?

Ele riu.

— Sim.

— Você está com problemas, Ranjit?

— É a primeira vez que você me chama pelo nome, sabia? — ele ergueu os ombros. — Alguns dos outros... Sim, estão zangados. Mas o que fizeram foi errado, ajudando Madame Azzedine, quero dizer. Eu não tenho de ter medo deles. Pelo contrário, só se for... — ele deu um sorriso que Cassie não gostava inteiramente. — Bem, eles não têm medo de *mim,* claro. Eles têm medo do que está dentro de mim.

Ela estremeceu.

— E o que é, Ranjit? — agora que ela tinha começado a usar o nome dele, parecia difícil parar.

— Um dos piores espíritos sombrios. O mais forte, o mais velho, o...

— Mais malvado - sugeriu Cassie.

— É... — ele sorriu sem graça. — O mais malvado.

— Agora, veja você — disse ela —, eu presumi que esse era o de Katerina.

— Não. Eu e meu espírito? Nós temos um embate de personalidade.

— Quer saber? Eu acho que eu, *nós,* estamos no mesmo barco.

— Quer saber? — ele deu uma risadinha. — Eu acho que provavelmente você está certa.

Cassie submergiu seus dedos na água fria até que doessem.

— Katerina. Ela... Ela foi sempre assim? Ou ela era diferente? Antes de ter sido "escolhida"?

— Ah, ela sempre foi um *pouco* desse jeito — ele ergueu os ombros. — Espírito mau, pessoa má? Não é uma boa combinação. Cormac, no entanto, tem um espírito bom, mas sabe o que mais? Ele foi sempre um pouco duas caras e ainda é. Ayeesha... Espírito bom, garota legal. Entende? É uma cooperação.

— E você e eu?

— Dois dos piores, Cassandra — ele parecia triste, mas a intensidade do olhar dele enviou a ela tremores espinha abaixo que não eram totalmente desagradáveis. — Dois maus espíritos, duas pessoas normais. Pelo menos não acho que você não seja uma pessoa nem um pouco pior do que eu... — ele deu um sorriso de canto de boca. — Eu não sei o que será de nós. Suponho que iremos descobrir.

— Oh — inclinando-se para trás, Cassie estudou Leda, ainda tocando o cisne selvagem sonhadoramente. — Onde estará no próximo semestre? A Academia, quero dizer. Acho que você sabe!

— Sim. Estaremos em Nova York.

Nova York! Ela fez que sim com a cabeça, tentando não sorrir, lutando para demonstrar uma pequena relutância.

— Não vou sentir falta desse cisne.

— Não precisará. Ele vai com a Academia para todos os lugares. Todas as estátuas vão. E esses bichinhos de estimação de Sir Alric — brutalmente, Ranjit quebrou outra orquídea de seu ancoradouro. — Nós estamos aqui pela

conveniência dos deuses, Cassie. Ou estamos aqui para nos alimentarmos dos mortais e nos divertirmos. Deuses e monstros. Depende do ponto de vista — ele sorriu, mas não de alegria. — Percebe?

— Sim — respondeu e piscou. — Entendo os dois pontos de vista.

Ele pareceu confuso por um momento, mas então riu.

— Então — disse Cassie —, sobre esse papo de *inaceitável.* — Ele estava com uma expressão tensa de interrogação. — Eu. Não lembra? Não era que você não *gostasse* de mim, mas você não podia me *aceitar.*

— Isso...

— E agora?

Ranjit esfregou suas têmporas.

— E *agora?* O que você quer dizer com isso?

— Para alguém com séculos de experiência — ela murmurou —, você não é tão brilhante, é?

Ela o puxou com tudo e o beijou enquanto pensava: *Isso é tudo, garoto.* Sem espírito. *E eu gosto dele...* Sim. Parte de Ranjit pode ter centenas de anos, mas o que era uma pequena diferença de idade? Tranquilo. Ele não estava sugando nada de dentro dela. O coração dela disparou e o dele também. A respiração explodia no peito dela, mas também podia ouvir a respiração dele. Um pouco rápido, um pouco de desejo. Ambos experimentavam o mesmo.

— *Claro que você gosta dele! Eu também gosto, minha querida!*

— Estelle! — Cassie empurrou o peito de Ranjit e foi com o corpo para trás. — Vai para o inferno!

— Cassandra?

— Tá tudo bem. Tudo bem — ela o puxou de volta para outro beijo. — É que estávamos a três por um instante.

Eles riram, então Ranjit ficou quieto.

— Você vai voltar? — ele sorriu preocupado. — Ano que vem? Você *volta* para a Academia, Cassandra?

— Claro — o sorriso dela esmoreceu rapidamente. — Jake também, eu acho.

Ranjit fez uma careta.

— Ele quer me destruir.

— Sim. Ele acha que tem um motivo.

— E você?

— Não — Cassie negou com a cabeça firmemente. — Eu acredito em você. É por isso que vou voltar. Para impedi-lo de chutar a sua bunda — ela retribuiu o sorrisinho de Ranjit, então ergueu os ombros. — E é óbvio que terei de lidar com outra pessoa. Está escutando, Estelle?

Silêncio. Ranjit entrelaçou seus dedos nos dela e apertou com força.

— Eu te desejo bem, Cassandra. Eu gostaria de poder lutar contra o meu. Mas somos um agora. Unidos para sempre. Como você poderá lutar contra o seu?

Cassie se soltou dos dedos dele, pensativa, então levou a mão dele até sua boca e a beijou. Sorrindo, ela soltou o *corsage* de seu pulso, abriu os dedos dele e pressionou a orquídea branca contra a palma da mão.

— Nada perigoso, lindo.

Desta vez, ele não sorriu de volta.

— Você não conhecia Estelle muito bem, né?

— Hum! Estou conhecendo melhor — Cassie deu outra piscadinha insolente. — Ela gosta de você.

— É disso que eu tenho medo.

Ele parecia triste e sério, Cassie também ficou séria imediatamente.

— Eu não quero saber como ela é, ou o que fez, ou como foi — ela fez uma careta. — Quero?

— Bem, não esta noite — ele acariciou os lábios dela com um dedo. — Vou te dizer uma coisa...

— O quê?

Lá em cima, na esplêndida entrada da escola, luz e música se derramavam sobre o último degrau. Ele pegou a mão dela.

— Eu gostei quando você mandou Estelle para o inferno. Mande-a novamente por algumas horas.

— Apenas por algumas horas?

— Hum, hum. É o máximo que vai conseguir, mas é tempo o bastante para dançar — alegremente, ele a puxou para que ela ficasse de pé. — Você conhece essa música?

— Não — disse Cassie —, mas vou aprender. É para isso que vim para uma escola chique, sabe?

Apenas por esta noite, ela pensou, encostando seu rosto na camisa dele para sentir bem seu cheiro humano. Isso era gostoso, era bom. Apenas por esta noite eles eram um garoto e uma garota, e não eram nada nem ninguém além disso, e estavam dançando sob o céu estrelado de Paris. E para o inferno com o amanhã.

Embora ela esperasse que o inferno não tivesse chance alguma.

Fim

Descubra o que irá acontecer na série Darke Academy... em

Laços de Sangue

— Cassie? Você está bem? — Patrick soou preocupado.

Ela se levantou num pulo, com os punhos cerrados. *Bem?* Por que ele ficava perguntando isso? Claro que ela estava *bem!* O modo como ele sempre a cercava estava começando a irritar. Ele devia ficar fora disso, se sabia o que é melhor para ele. Não! O que a fez pensar assim? Patrick só estava tentando ser atencioso; ele tinha feito tanto por ela. O sussurro de Estelle era como o carinho de uma serpente.

— *E ele poderia fazer muito mais, minha querida.*

Patrick parecia nervoso por causa do olhar fixo e frenético dela. Sim. Estelle estava certa. Um bom amigo como Patrick estaria sempre à disposição. Ela podia contar com ele. Ele era forte, jovem, seguro. Cheio de vida. Perfeito.

— Cassie?

Ela estava com *tanta* fome. Ela esticou os lábios em um sorriso.

— Estou bem.

— *Não fale. Deixe que ele se aproxime. Posso sentir o cheiro dele...*

Patrick deu um passo para trás, e ela pensou tê-lo visto tremendo.

— Pare de enrolar, Cassie. Seu jantar está ficando frio.

— *Você parece quente o bastante para mim.*

— Ok, sinto muito. Vou deixá-la em paz — ele estava dando meia volta. — Venha quando estiver pronta.

— PARE!

Ela se lançou da escada, quase voou para alcançá-lo. Agarrando-o pelo colarinho, ela o puxou de volta, girando-o. Os dedos dela encontraram o maxilar dele, segurando-o, girando-o. Ele tentou se soltar, mas não tinha chance alguma. Sem chance. Desde o ritual, ela estava mais forte do que nunca. Forte o suficiente para dominar esse... Mortal. Cassie riu bem alto.

Os olhos dele estavam tomados pelo terror, e ela sentia seu hálito de pânico. Ela podia sentir o cheiro dele novamente: oh, da *vida* dele! Os lábios dela retrocederam quando ela viu uma silhueta atrás do painel de vidro da porta da frente. Por um instante, o coração dela pareceu parar, e ela ficou imóvel e rosnou. Um rosto rosnou de volta para ela, feroz e alucinado, como um animal raivoso. E então, sentindo náusea, ela sabia. Não era um monstro tentando invadir sua casa. Era seu próprio reflexo.

Continua...

Gabriella Poole é o pseudônimo da autora Gillian Philip. Ela vive na Escócia com o marido e dois filhos, seu labrador (Cluny), dois gatos psicóticos (Ghost e Darkness) e quatro peixes estressados.

All Creatures of the night get together ***After dark***